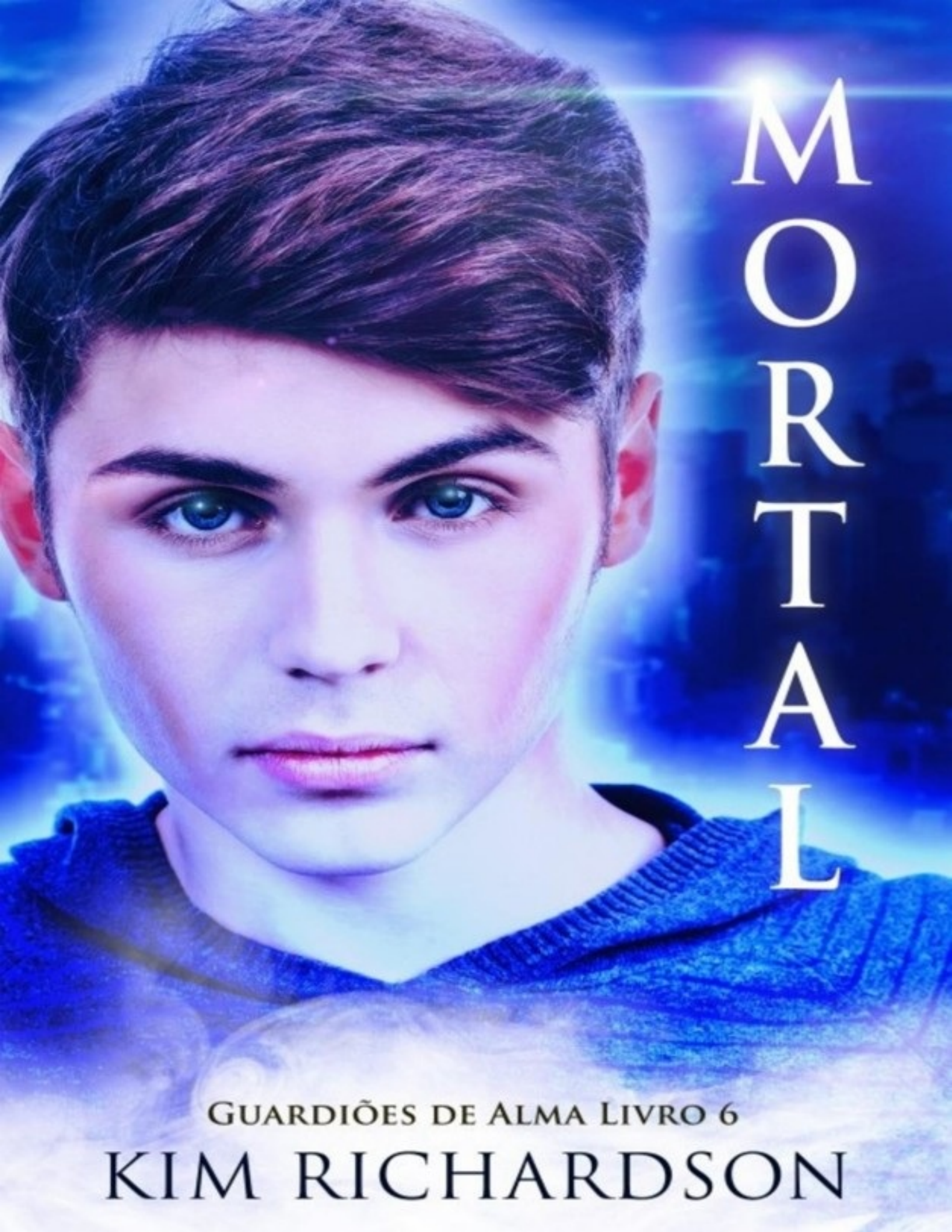

MORTAL
GUARDIÕES DE ALMA LIVRO 6
KIM RICHARDSON

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

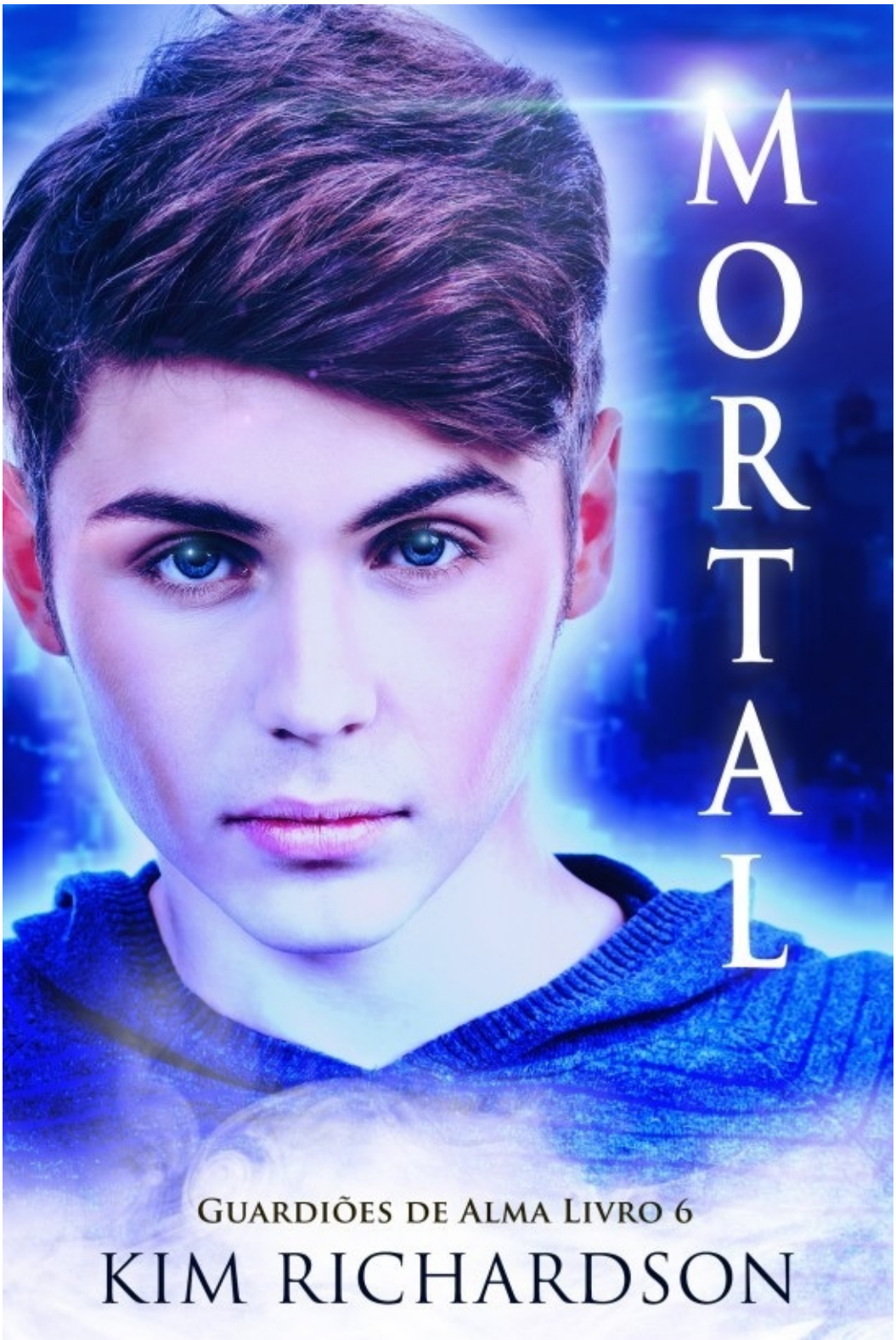
A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."***


MORTAL
GUARDIÕES DE ALMA LIVRO 6
KIM RICHARDSON

# GUARDIÕES DE ALMA

*Livro Seis*

# MORTAL

KIM RICHARDSON

www.kimrichardsonbooks.com

Mortal, Guardiões de Alma, Livro 6:

Copyright © 2015 por Kim Richardson

Traduzido por Sabrina Lopes Furtado

Smashwords Edition:

Todos os direitos reservados por Kim Richardson. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida de nenhuma forma ou por qualquer meio, nem armazenada em um banco de dados ou sistema de recuperação sem a permissão escrita da autora. Os personagens e eventos retratados neste livro são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, é coincidência e não intencional por parte da autora. Agradecemos por respeitar a obra da autora.

Mais livros de Kim Richardson

SÉRIE GUARDIÕES DE ALMA

Marcada, Livro 1

Elemental, Livro 2

Horizonte, Livro 3

Submundo, Livro 4

Seirs, Livro 5

Mortal, Livro 6

Ceifeiros, Livro 7

Demônios, Livro 8

SÉRIES MÍSTICAS

O Sétimo Sentido, Livro 1

A Nação Alfa, Livro 2

O Nexus, Livro 3

REINOS DIVIDIDOS

Donzela de Aço, Livro 1 (Em breve)

Para Cicely,

Por todas aquelas grandes memórias

**ÍNDICE**

Capítulo 1 - Toque de Recolher

Capítulo 2 - Uma Nova Ameaça

Capítulo 3 - Projeção de Memória

Capítulo 4 - Amnésia

Capítulo 5 - Tranco no Cérebro

Capítulo 6 - A Vila de Boscastle, Cornualha

Capítulo 7 - Sra. Fay e Sra. Fay

Capítulo 8 - Surpresa Aquática

Capítulo 9 - A Caverna das Sombras

Capítulo 10 - Emboscada

Capítulo 11 - O Ataque dos Homens-Rocha

Capítulo 12 - Olga, a Bruxa da Cornualha

Capítulo 13 - Chuva de Fogo

Capítulo 14 - A Estação de Metrô de NYC

Capítulo 15 - O Homem no Telhado

Capítulo 16 - Uma Aliança Mágica

Capítulo 17 - A Agulha de Cleópatra

Capítulo 18 - Canalizando

Capítulo 19 - O Feiticeiro das Trevas

Capítulo 20 - Estrelas no Céu

Capítulo 21 - Dizendo Adeus

Capítulo 22 - Círculo Completo

CEIFEIROS

Capítulo 1 - A Decepção

Sobre a Autora

# *Capítulo 1*

## *Toque de Recolher*

**K**ara se sentou na borda da cama e viu gotas de suor brilharem em sua testa. Ela esperava que a febre tivesse atingido o seu pico. Ela se inclinou e pressionou um pano frio sobre a testa da mãe. Sua pele estava pálida e doente - cinzenta, como a de um cadáver. Os lábios dela se contorceram durante o sono inquieto, mas ela não acordou.

Kara observava sua mãe perder suas forças, e temia pelo pior. Seus olhos estavam cheios de lágrimas, que desciam livremente por seu rosto.

— É só o vírus da gripe — os médicos disseram — não há nada a fazer além de descansar e esperar.

Eles haviam empurrado Kara e sua mãe para fora da clínica local, e trancado as portas atrás delas.

Isso foi há três semanas, e sua mãe estava piorando.

Não era apenas o vírus da gripe, Kara tinha certeza disso. Sua mãe não acordara esta manhã, e a noite já se aproximava. Era quase como se ela estivesse em coma. Fosse o que fosse, Kara podia ver que sua mãe estava lutando bravamente. Algo estava errado.

Um pequeno faixo de luz vinha de um buraco nas cortinas, fazendo o rosto da mãe de Kara brilhar pálido na escuridão. A pequena sala estava iluminada apenas por um abajur ligado na mesa de cabeceira. Como todo o resto da mobília no apartamento, ele havia pertencido à sua avó. Kara se sentiu confortada pela familiaridade do local. Ela estendeu a mão e apertou a mão de sua mãe - ela estava fria como o gelo.

Ela limpou as lágrimas de seu rosto e olhou pela janela.

A neve batia gentilmente contra o vidro. A escuridão pesada do lado de fora sugava toda a felicidade. Os ventos se intensificaram, assim como o ritmo do coração de Kara.

Ela achou que estava tendo um ataque de ansiedade, então tentou respirar fundo e se acalmar. Delicadamente, ela soltou a mão de sua mãe.

Ela pegou o celular na mesa de cabeceira de madeira.

Não há novas chamadas.

O celular parecia estranhamente pesado em sua mão, como um balde de tinta. Ela colocou-o na pequena mesa, antes que ele escapasse dos seus dedos suados. Ela se sentiu desconfortável.

David era a coisa mais próxima que ela tinha de uma família, além da sua mãe, e ela precisava dele agora. Mas onde estava ele? Não era como se ele não retornasse as chamadas dela. Ele havia ficado doente também? Kara lutou para controlar o pânico que aumentava em seu peito, e limpou as mãos úmidas no seu jeans.

E se tivesse acontecido algo completamente diferente com David?

As manchas negras em sua pele a assombravam novamente. A escuridão estava sempre ao seu encalço, e à medida que o tempo passava, ela começava a ver mais e mais coisas inexplicáveis, assim como acontecera com sua mãe. Kara via criaturas nas sombras, que pareciam ter saído de um pesadelo. Mais uma vez, ela teve a impressão de estes seres tentaram atacá-la quando ela voltava de suas aulas à noite. Ela nunca havia compartilhado seus medos com David, pois tinha certeza que ele pensaria que ela estava ficando louca. Mas Kara sabia que qualquer anormalidade que sua mãe tivesse foi transmitida para ela. Estava no sangue. E ela não arriscaria perder a amizade de David, dizendo que podia ver monstros.

Kara suspirou e voltou sua atenção para a mãe. Seu rosto estava contorcido de dor, e ela começou a tremer. Um nó se formou em sua garganta. Ela precisava fazer algo para ajudar. O mínimo que podia fazer era encontrar alguma coisa para ajudar a aliviar a dor; Kara não podia ficar ali sentada enquanto sua mãe sofria. Havia uma farmácia 24 horas há dois quarteirões de distância.

Ela se levantou da cama - algo passou sobre o rosto de sua mãe como uma sombra.

Marcas verdes e brilhantes apareceram em sua testa e do lado do rosto, como tatuagens brilhantes. As marcas pareciam palavras, mas Kara não conseguia entendê-las.

O que era aquilo? Ela nunca ouviu falar de um vírus que causasse marcas na pele. O que estava acontecendo? Ela chegou mais perto para ver melhor-Toc

Toc!

Com o coração na garganta, Kara se virou. O som vinha da porta do apartamento.

David... Graças a Deus!

Kara correu para o corredor e chegou até a porta da frente.

Haviam dois agentes da polícia na porta.

A mulher era uma cabeça mais alta do que Kara. Ela tinha olhos frios e calculistas; sua expressão parecia a de uma professora que estava prestes a lhe dar um sermão. Seu longo cabelo estava puxado para trás em um rabo de cavalo, e ela usava o chapéu azul da corporação. Ela segurava uma pilha de papéis e um bloco de notas.

O parceiro dela parecia um touro, pronto para investir contra a capa de um toureiro.

Quase tão largo quanto alto, seus ombros musculosos pareciam querer rasgar seu uniforme.

A neve derretia em suas botas pretas e bem engraxadas, deixando pegadas aguadas pelo corredor.

Quando percebeu que ainda estava prendendo a respiração, Kara forçou um sorriso: — Posso ajudá-los?

Ela esperava que eles não pudessem ouvir o desapontamento em sua voz.

Os olhos castanhos da mulher brilharam, e ela sorriu para Kara: — Eu sou a oficial Norman, e este é o agente Baker. Seus pais estão em casa?

Ela olhou por cima do ombro de Kara.

Kara estudou os rostos dos oficiais da polícia por um momento antes de responder: — Sim. Mas apenas eu e minha mãe moramos aqui.

— Podemos falar com ela? — perguntou a oficial Norman.

Kara sentiu um aperto na garganta:

— Uh... não. Ela não está bem, entende? Ela está... ela está doente. — Sua voz vacilou. Por um breve momento, ela viu um lampejo de medo passar pelos olhos da oficial Norman.

— O que é que você quer?

A oficial Norman rabiscou algo em seu bloco de notas e olhou para cima: — Estamos patrulhando os bairros hoje à noite. Nos certificando de que tudo está em ordem.

Kara deslocou o peso do corpo de um pé para o outro. Ela não gostava do jeito que os policiais olhavam para ela.

— Por que vocês estão patrulhando os bairros? Há algo de errado acontecendo?

Os dois oficiais trocaram um olhar.

— O que foi?

O agente Baker parecia familiar, mas Kara não sabia de onde o conhecia. Ele já foi um motorista de ônibus?

— Estamos pedindo a todos para ficarem em casa. Precisamos saber onde você está, e que está a salvo, minha senhora.

Kara não gostou nem um pouco daquilo.

— Por que vocês precisam saber onde eu estou? Há algum toque de recolher? É só um resfriado! Duvido que um toque de recolher vá resolver alguma coisa. Tem alguma coisa que vocês não estão me contando?

Pelas expressões nervosas dos guardas, ela tinha certeza de que algo a mais estava acontecendo.

— Só queremos evitar que mais pessoas fiquem doentes, isso é tudo — disse o agente Baker.

Sua voz era rouca, como se ele nunca a tivesse usado antes. Ele estudou Kara por debaixo do seu chapéu; ela podia ver a tensão nos lábios do oficial. Sua loção pós-barba era tão forte que ela pensou que ele devia estar tentando encobrir algum outro odor desagradável. Ela se forçou a não fazer uma careta.

— Por enquanto — ele continuou: — é melhor você ficar em casa e cuidar da sua mãe.

Eles encontrarão uma cura e tudo voltará ao normal.

Uma cura? O que eles não estavam contando?

Os símbolos brilhantes na testa da mãe dela não eram normais. Algo estava terrivelmente errado.

As unhas de Kara estavam cravadas nas mãos: — Minha mãe sofrendo, ela precisa de medicação. Eu preciso sair por alguns minutos e ir até a farmácia.

— Você não vai a lugar nenhum esta noite. — O agente Baker apontava um grande dedo para o rosto de Kara. — Entendeu, filha? Não pense em fazer nada estúpido.

Ninguém sai após as 07:00. Essas são as regras.

Os lábios de Kara tremeram. Ela não gostava de regras, nem de ser chamada de estúpida. Seu temperamento, assim como sua voz, se alterou: — Mas a minha mãe precisa de ajuda. Eu vou buscar alguns medicamentos.

— Não, não vai. Não há nada que você possa fazer para ajudá-la agora. Fica quietinha aí, está ouvindo? — disse o agente Baker.

Kara olhou furiosamente para eles. Ela sentiu o ódio subir por seu corpo como o vapor em uma panela:

— Certo. Como quiserem, oficiais.

Os policiais compartilharam um olhar antes de se voltarem para Kara.

— Bom, então estamos entendidos. Temos que continuar andando, há muito chão para cobrir esta noite. Tranque a porta quando formos embora.

Kara bateu a porta na cara deles. Ele não precisava falar duas vezes. Ela não tinha certeza de que eles eram policiais de verdade. Kara esperou até ouvir o som de suas botas pesadas se afastando, antes de dar um chute na porta. Kara estava nauseada, mas sabia o que tinha de fazer.

Kara correu pelo corredor até a grande janela na sala de estar. Ela olhou através das persianas horizontais de plástico, com o nariz colado no vidro. Abaixo, as ruas estavam cobertas de neve. As lâmpadas nos postes iluminavam a rua com pequenas luzes amarelas. Faróis iluminaram a rua por um segundo, e Kara viu um gato preto correr por baixo de um carro estacionado. Duas formas surgiram e ela as observou enquanto seguiam para o próximo prédio à esquerda. Kara sorriu quando eles desapareceram no interior do carro.

Sua mãe precisava de remédios. Nenhum toque de recolher a impediria de ir buscá-

los.

— Eu vou mostrar quem é estúpido.

Kara correu para o quarto e abriu a porta do armário. Após vasculhar um pouco, ela escolheu uma jaqueta preta com um capuz e pele e o vestiu. Feito isso, ela pegou sua mochila e colocou luvas de lã em seus bolsos. Depois, correu de volta para o quarto da mãe e pegou seu celular. A testa da sua mãe brilhava esporadicamente, com símbolos verdes e tóxicos que pareciam respirar.

Kara se inclinou e beijou o rosto da mãe:

— Eu te amo mãe. Eu vou à farmácia, mas já volto. Eu vou fazer você melhorar, eu prometo.

A mãe dela não mostrou nenhum sinal de que tinha ouvido, e Kara lacrimejava quando correu para a cozinha.

Ela pegou a lanterna em cima da geladeira, correu até a porta do apartamento, passou pela porta e a trancou com um clique.

A mochila de Kara pulava em suas costas enquanto ela descia as escadas de dois em dois degraus. O hall era um borrão bege e marrom. Logo que passou pelas portas de vidro, Kara ficou contente com o ar frio de dezembro em seu rosto.

Kara respirou fundo. O vento girava ao seu redor enquanto ela avançava pela escuridão. Flocos de neve espessos caiam do céu negro como folhas de uma árvore. Ao olhar para esquerda, ela percebeu que os policiais ainda estavam dentro do prédio. A neve se erguia do chão em turbilhões brancos. Estava estranhamente quieto para uma noite de sexta-feira - ninguém estava nas ruas.

A decrépita iluminação das lâmpadas era suficiente para Kara enxergar a calçada coberta de neve. A farmácia local estava apenas a dois quarteirões de distância.

Bastava uma pequena corrida.

Enquanto corria, sua respiração deixava uma névoa branca pelo caminho. She hurried up the quiet street, but her tread crunched against the packed snow and echoed around her too loudly.

Ela ouviu vozes abafadas na escuridão e se atirou para baixo de um carro estacionado. Seus joelhos ficaram doloridos quando ela os raspou na borda de

um amortecedor enferrujado.

Mais dois oficiais de polícia surgiram na esquina da rua. Eles caminharam em direção a ela. Ela xingou baixinho, e rastejou para o outro lado do carro. Ajoelhada, Kara esperou o barulho das pesadas botas passarem por seu esconderijo e desaparecerem no próximo quarteirão. Ela se levantou lentamente. Seus dois joelhos palpitavam de dor. Sua calça jeans estava rasgada, e ela podia sentir a umidade sobre as pontas dos dedos.

Tarde demais para voltar para casa e pegar alguns Band-Aids. Além do mais, foi só um arranhão. Kara deu a volta no carro e voltou para a calçada.

Algo se moveu à sua direita.

Kara congelou. Ela olhou para a escuridão e não viu nada. A noite estava mexendo com sua cabeça? Ela achou que viu uma forma alta deslizando pelo outro lado da rua?

Kara se virou para ver uma névoa verde vir sua direção como uma grande onda. Ela se movia rapidamente por cima da neve, contra o vento. O que era aquilo? Kara abanou a cabeça e correu pela escuridão. A farmácia estava logo à frente. A polícia nunca a veria nessa nevasca.

BUM!

Ela tropeçou e quase caiu no processo. Kara se equilibrou, piscou para mexer os cílios endurecidos pela neve e olhou para cima. Ela tinha batido em alguém. No começo, Kara quase entrou em pânico, pensando que se travava de um oficial de polícia, mas se recuperou rapidamente quando viu o rosto da garota.

— Sabrina? — disse Kara. A jovem que morava no primeiro andar do prédio de Kara estava tremendo.

— Oh meu Deus, onde está o seu casaco? Por que você está nesse frio de camiseta?

Você vai acabar morrendo desse jeito.

A neve se prendia ao cabelo de Sabrina como gelo grosso. Flocos de neve derretidos escorriam do seu nariz. Ela tremia incontrolavelmente. Sua pele pálida brilhava ao luar.

— Temos um toque de recolher por aqui, sabia? É melhor entrar, antes que a polícia pegue você. — Kara se chegou mais perto para poder dar uma boa olhada

em sua vizinha.

— Sabrina? Você está bem? Você está tremendo demais.

Sabrina levantou a cabeça, e o sangue de Kara congelou. Símbolos verdes brilhavam em seu rosto - iguais aos da mãe dela. Sua face estava encovada, como se ela não comesse há mais de um mês. Seus olhos estavam tristes e vazios, como se ela tivesse perdido algo muito importante. Ela parecia uma morta viva de um filme que Kara assistiu com David.

Os lábios de Sabrina se moveram incompreensivelmente enquanto ela passou por Kara e caminhou para a escuridão.

— Sabrina!

A menina desapareceu. Kara, sabia que não podia fazer nada para ajudá-la.

Enquanto caminhava através da nevasca, Kara observou a rua à sua frente. Não havia nada lá, mas ela não podia se livrar da sensação de que estava sendo vigiada.

E então ela viu.

Do outro lado da rua, algo enorme e escorregadio deslizava na direção dela. Por um momento, a luz de um poste iluminou um corpo ensanguentado e retorcido. Parecia um cruzamento entre um gorila sem pele e um besouro gigante, com olhos vidrados, vermelhos e escancarados.

O vento trouxe um cheiro pútrido, como uma mistura de vômito e carne apodrecida. A neve ao redor da criatura se derretia com o seu calor. Ela se moveu subitamente em direção a Kara, que nem se atreveu a respirar.

Com um salto enorme, a criatura a atacou, debatendo as garras enormes.

Kara, tropeçou e caiu dura no chão. Ela tirou suas luvas e vasculhou sua mochila desesperadamente, à procura de sua lanterna. Ela a encontrou e apontou como uma arma. Por mais estranho que fosse, ela encontrou a coragem necessária para enfrentar aquela coisa.

Suas garras, afiadas como navalhas, raspavam o chão enquanto ela se movia. A terra tremeu, e Kara lutou contra a vontade de vomitar com o cheiro da criatura, que parecia um caminhão cheio de lixo podre. Ela encarava os olhos vermelhos e brilhantes da criatura quando ela atacou.

Impulsivamente, Kara acendeu o interruptor e apontou o facho de luz para a

criatura.

Ela ouviu um grito, mas não soube se era dela ou da criatura.

A criatura se afastou com gritos horríveis, e uma explosão de dor atingiu as pernas de Kara, como se um balde de ácido corroesse sua carne. Ela se arrastou para longe da criatura. Kara piscava, cheia de lágrimas nos olhos, e observava a criatura que a atacou.

Vapores saíam das suas extremidades da criatura. Sua carne podre deslizava pelo corpo em pedaços, e o cheiro de queimado sufocava os pulmões e fazia os olhos lacrimejarem. Uma grande ferida aberta em forma de um relâmpago expunha a carne podre e avermelhada da criatura. Mesmo na escuridão, Kara podia ver o líquido preto escorrendo do grande corte.

Ela observava a criatura uivar de dor enquanto seu corpo chiava, esperneando no chão. A lanterna. De alguma forma, a luz tinha ferido a criatura.

As pernas de Kara estavam quentes. Aterrorizada, ela percebeu que estava sentada em uma poça do próprio sangue. A criatura tinha atingido uma artéria na perna dela. Ela estava sangrando. Se não chegasse a um hospital, provavelmente iria morrer...

Ela tentou respirar fundo uma vez, e mais uma. Ela se engasgou com o cheiro de carne queimada, e mal conseguiu enxergar através da camada de neve que se perdeu sobre seus olhos. Em seguida, um rosnado baixo veio de trás dela.

Kara virou a lanterna na direção do barulho. Tarde demais.

Ela foi lançada ao ar e bateu em um carro estacionado com um barulho terrível. A lanterna voou de suas mãos, caindo em pedaços no chão. A luz piscou por um momento e depois se apagou.

Ela estava caída no chão, destruída. Kara não podia se mover. Ela olhou para os olhos vermelhos e enlouquecidos que a observavam. Ela pensou em sua mãe. A besta gemia em fúria, querendo fazer Kara em pedaços. Ele levantou suas garras gigantes para atacar...

Uma esfera vermelha e brilhante sobrevoou o céu e atingiu a criatura. A esfera explodiu com o impacto, como uma bomba. Instantaneamente, o corpo da criatura foi envolvido em uma luz vermelha. A luz coloriu o céu escuro por um momento, e a criatura desapareceu.

— Kara!

Um jovem se ajoelhou ao lado dela. Seus olhos azuis eram pura preocupação. Kara sentiu que já tinha visto aquele rosto bonito antes. Mas não importava. Agora era tarde demais. Ela sabia que estava morrendo. Kara pensou sua mãe, esperando sozinha em seu quarto. Lágrimas quentes rolaram por suas bochechas. Kara não se importava com viver ou morrer, ela só queria que a dor acabasse.

Deixe a dor terminar...

— Eu sinto muito, Kara, isso não devia ter acontecido. Você não deveria ter sentido dor alguma. Isso é tudo culpa minha!

Enquanto sentia sua vida se esvaindo, Kara observou o jovem com mais cuidado. Sua pele brilhava como se um halo de luz o cercasse. Seus cabelos loiros iluminavam sua cabeça como uma coroa de ouro. Quem era esse estranho?

— Você vai ficar bem em breve — continuou o estranho. — A Legião de anjos da guarda precisa de você. Esta é apenas uma viagem... não é o fim da linha.

Kara se esforçou para manter os olhos abertos. Ela estava alucinando sobre legiões de anjos, um sinal conclusivo de que o fim estava próximo. Ela se sentia tão fria.

O estranho pegou sua mão, e ela sentiu um pouco do calor dele. Ela tentou falar, para perguntar quem o jovem era, mas seus lábios pareciam blocos de cimento.

— Cara, você sempre foi um maldito imã de demônios, não é? Eles estão sempre atrás da sua alma - Kara ouviu o estranho dizer. — Eu nunca vou deixar eles te levarem. Você está a salvo comigo. Eu te encontrei.

Enquanto Kara sucumbia à escuridão, seu último pensamento era que aquele cara era tão louco quanto a mãe dela.

Depois disso, ela não se lembrou de mais nada.

# *Capítulo 2*

## *Uma Nova Ameaça*

**K**ara tentou evitar o olhar do velho primata, olhando para os elegantes painéis de madeira no elevador em vez disso. Ela podia ver seu reflexo no monóculo redondo. O

animal quase não tinha mais pelos, e os que restavam eram brancos como a neve. Se o elevador balançava, o olhar dele levava a pensar que o primata ia explodir em uma nuvem de poeira branca. Ainda que já tenha feito esta subida até o horizonte muitas vezes, o velho operador sempre lhe dava arrepios.

Com seus ricos painéis de madeira e pisos de mármore bege, o elevador sempre lhe fizera pensar em algum hotel cinco estrelas. Ela passou os dedos delicadamente nos brasões dourados em forma de asas que foram esculpidos nos painéis de madeira. Kara estava tremendo, mas mantinha as mãos escondidas nas costas para disfarçar. Ela havia abandonado sua mãe doente.

Kara se virou para David:

—Eu achei que não voltaria a ver o interior deste elevador de novo. Os oráculos deixaram bem claro que os meus dias de guardiã tinham acabado. Você não acha estranho eu estar de volta? Eu fico pensando que estou em um sonho, e que logo vou acordar e me esquecer de tudo.

— Isso não vai acontecer, porque você não está sonhando — disse David com um pouquinho de alegria em seu tom de voz.

Ele estava muito mais calmo dentro do elevador, e só parou de pedir desculpas pelo atraso para escoltá-la até o horizonte.

— Eu estou muito feliz por você ter voltado. As coisas não são as mesmas sem você.

Você faz parte da legião, grande parte. Provavelmente, é a melhor guardiã que a legião já teve. Não é surpresa terem chamado você de volta.

Ele chegou mais perto e diminuiu a voz:

— Além disso, eu sabia que você não conseguiria resistir aos meus encantos

angelicais, minha beleza celestial. O fato, garota, é que eu já te sobrenaturalizei.

Kara revirou os olhos e empurrou David divertidamente: — Ora, por favor. Supere isso.

Ela acenou com a cabeça suavemente:

— Você tem ideia de como isso é possível? Quer dizer... eu matei um mortal, lembra?

Quebrei a lei sagrada.

Pelo canto do olho, ela viu o velho primata levantar sua cabeça e olhar em sua direção. Ela se forçou a não o encarar.

— Eu me pergunto por que eles decidiram me reintegrar. Não é como se eu representasse a maioria dos votos - eu nunca fui uma queridinha de legião. Tenho certeza de que a maioria dos guardiões me despreza.

— Você voltou porque a Legião quis assim, e isso é tudo que importa para eles. E para mim, o que importa é que você está aqui comigo. — David encarou Kara com seus olhos azuis e intensos.

Ela se lembrou do pânico que sentiu quando o temporizador de cristal chegou ao final da contagem e ela desapareceu. Kara se lembrava da dor que sentiu. Mas eles estavam juntos como guardiões mais uma vez, então estava tudo bem.

— Então, o que eu perdi enquanto estive fora?

David ficou quieto por um momento antes de responder: — Não sei... eles me mandaram de volta para o meu eu mortal logo depois de você sair. Estranho, é como se eles não me quisessem de volta também.

Kara sentiu uma dor no peito. Ela sabia o quanto David amava seu trabalho como guardião. Ela tinha certeza de que era culpada por aquilo: — Isso é impossível, você é um grande guardião. Tenho certeza de que você está errado, David.

— Será? Não tenho certeza. — A expressão de David era rígida. Ele sacou sua lâmina da arma e a moveu entre os dedos. — A única coisa na qual eu sou bom é lutar contra demônios. Não há nenhum futuro para mim no mundo mortal, nada real. Não sou talentoso feito você. Meus pais não têm dinheiro para me mandar para uma faculdade.

Bom, talvez isso não seja tão ruim, porque eu odeio estudar de qualquer maneira.

Kara queria dizer que estava no futuro dele como mortal, mas as palavras morreram em seus lábios quando ele se afastou. Era como ser apunhalada no peito. Talvez ele estivesse certo. Talvez ele se sentisse contaminado pela proximidade entre os dois. Ou será que havia algo mais?

Ela tinha que admitir, era ótimo estar de volta. Kara se perguntava o que os outros guardiões pensavam a respeito. Peter e Jenny estariam do seu lado; ela sabia disso, mas e os outros? Eles aceitariam seu retorno? A legião tinha sido cautelosa com ela desde que descobriram que seu pai era um demônio e que ela tinha poderes elementais. Kara era diferente. Sempre seria. Só restava esperar para ver. Ela mandou suas dúvidas embora resolutamente.

Ela observou David por um momento e disse: — Acho que algo ruim está acontecendo com a minha mãe.

David se aproximou dela novamente:

— O vírus da gripe. Sim, eu me lembro. Como ela estava quando você saiu?

Kara baixou os olhos e fez o que podia para ignorar o olhar de reprovação do operador, enquanto falava com David sobre as runas verdes no rosto de sua mãe.

David fixou os olhos na Kara:

— Isso é muito estranho. Nunca ouvi falar de tatuagens verdes aparecendo no rosto das pessoas. O que você acha que é?

Kara temia pensar nisso:

— Quanto mais penso nisso agora, mais parece ser algum tipo de vírus demoníaco. Eu não descartaria essa possibilidade; eles já se mostraram bem inventivos no passado.

— Acho que você pode estar certa — disse David. — Mas não se preocupe. Seja o que for, Ariel saberá.

Antes que Kara pudesse responder, o elevador parou e faz um sonoro barulho de campainha. As portas se abriram e Kara seguiu David pelo horizonte. Ela estava mais do que feliz por sair de perto de velho macaco branco.

A divisão de caçadores de demônios estava exatamente como ela se lembrava dela.

Centenas de anjos da guarda subiam e desciam escadas metálicas ou ocupavam seus dedos nos teclados, divididos em mesas que se espalhavam ao redor da enorme sala circular. Era como estar de serviço na cabine de comando de um grande navio de batalha. Guardiões se amontoavam em volta de telas holográficas, que cintilavam com imagens das principais cidades do mundo mortal. Estavam procurando portais demoníacos? Quais outras possíveis ameaças poderiam amedrontar a legião?

Enquanto Kara e David seguiam seu caminho entre as mesas e telas holográficas, um silêncio se espalhou pela grande sala. Cabeças se erguiam, e Kara podia sentir os olhares queimando sua nuca. Ela se endireitou, pronta para desafiá-los com um olhar frio como o gelo. Mas sua expressão se suavizou quando ela percebeu que não havia raiva nos olhares. Eles estavam perplexos, sem palavras e boquiabertos. Estavam em estado de choque. Ninguém ali esperava vê-la novamente.

Kara seguiu David até a grande mesa redonda, que ficava em uma plataforma elevada no meio da sala. Seus passos ecoaram ao redor deles artificialmente alto, como se eles estivessem andando sobre tambores. Kara não podia esperar para se sentar. Uma dúzia de anjos com uma expressão petrificada se sentavam ao redor da mesa, e todos observaram a aproximação de Kara com cautela.

Então, ela viu Peter e Jenny, cujos sorrisos eram maiores do que a vida.

Jenny saltou de sua cadeira e abraçou Kara — eu disse ao Peter que você voltaria. Eu sabia! Eu sabia! — Seus olhos brilhavam quando ela soltou Kara.

— Olá, Kara — disse Peter.

Ele mexia desajeitadamente com uma engenhoca metálica que estava em cima da mesa.

— Você não imagina como estou feliz por estar errado. Não pensei que a veria de novo. — Ele riu nervosamente e empurrou os óculos até a ponte do nariz.

— Bem, tudo tem sua primeira vez — disse David. Ele deu um soquinho no ombro de Peter e os dois começaram a rir.

Kara sorriu para seus amigos:

— É bom ver que as coisas não mudaram por aqui.

— Jenny foi repreendida por bater em outro guardião — Peter deixou escapar de repente.

— Sério? — Perguntou Kara, enquanto Jenny encolheu os ombros e sorriu.

— Não sei o que ele está falando. — Jenny olhava para as próprias unhas.

Peter riu:

— Foi incrível. O cara mereceu. Ele estava falando mal do cabelo dela - e bum! Foi demais!

Kara sorriu calorosamente, grata por estar entre seus amigos novamente: — Ainda não acredito que estou aqui. Ainda parece um sonho. — Ela olhou ao redor da mesa.

O Arcanjo que Ariel se sentava no fim da mesa. Sua pele cor de mel tinha um brilho quase dourado sob a luz. Parecia uma deusa que não queria chamar muita atenção. Ela usava uma camisa preta de mangas curtas e uma calça preta. Seus olhos cor de caramelo observaram Kara por um momento, e então ela disse: — Bem-vinda de volta, Kara Nightingale.

— Obrigada — disse Kara desajeitadamente. — É bom estar de volta.

Ela olhou para os anjos que estavam sentados ao redor da mesa e sorriu. Nenhum deles sorriu de volta, então ela baixou os olhos e encarou a mesa.

— Obrigado por trazê-la inteira até nós — disse Ariel. Kara detectou uma pequena irritação no tom de voz dela.

David parecia completamente envergonhado pela declaração: — Seu tom me ofende, vossa divindade suprema. Eu prometi que o faria, não prometi?

Como pode ver, a promessa está cumprida, vossa santidade real. — Ele bateu com a mão direita no peito, dramaticamente. — Eu sou um anjo de palavra, sua graça.

Ariel lhe deu o mais fraco dos sorrisos:

— Veremos. — Ela apontou para eles. — Por favor, sentem-se. Temos muito o que conversar.

Jenny empurrou uma cadeira vazia para Kara. David se jogou em uma cadeira vazia entre Kara e Peter, que fazia o possível para não rir da performance teatral de David.

Mas Kara podia ver o estresse no rosto de David. Tudo que ele estava fazendo era disfarçar com sua fachada habitual. Por baixo daquele sorriso atrevido, ela sabia que ele estava magoado.

— Muito bem — disse Ariel com uma voz baixa, mas que exigia atenção. Ela entrelaçou os dedos em cima da mesa. — Tenho certeza de que você tem muitas perguntas sobre seu retorno, Kara, e chegarei lá em um minuto. Pelas expressões dos anjos aqui presentes, posso ver que a maioria não esperava ver a senhorita Nightingale entre nós novamente. Seus olhos não os estão enganando - ela está de volta. E estou muito feliz por isso. — O Arcanjo sorriu ternamente para Kara.

O rosto de Kara ficou vermelho feito um tomate. Mas, ao mesmo tempo, ela sentiu uma gratidão esmagadora pelo arcanjo. Estar de volta com sua aprovação explícita poderia acalmar um pouco as coisas. Kara olhou para David, que piscou para ela. Típico.

Mas o sorriso de Kara desapareceu rapidamente. Sentado em sua frente, havia uma guardiã de olhos castanhos e uma trança loura e comprida. Ela era um pouco mais velha do que Kara, e tinha feições inteligentes em seu rosto. Ela olhou para Kara como se a detestasse, como se fosse cuspir nela se Ariel não estivesse presente. Qual era o problema daquela garota?

Kara desviou o olhar e ficou inquieta em sua cadeira.

— Embora eu não possa revelar os detalhes da reintegração de Kara como guardiã — Ariel continuou: — vocês devem saber que foi pelo bem maior da legião, para honrar nosso dever para com o mundo mortal. O assunto foi levado ao alto conselho, e Kara foi agraciada com os mesmos privilégios de qualquer outro membro da DCD.

Pela primeira vez, Kara ouviu o descontentamento abafado dos outros guardiões na mesa. A garota loira cochichou para os anjos que estavam ao seu lado, mas Kara não conseguiu entender o que eles estavam dizendo. Mas pelas expressões enojadas em seus rostos, ficou claro que eles não estavam satisfeitos com sua volta. A hostilidade transpareceu na pesa, como uma geada repentina. Com exceção da Jenny, Peter e David, estava claro que ninguém mais aceitou bem o seu retorno milagroso. Todos os outros a detestavam.

Ariel balançou a cabeça impacientemente, e seus cachos saltaram em sua cabeça como molas macias:

— Está na hora de colocarem suas pequenas diferenças de lado - eu não me importo nem um pouco com elas.

A voz do arcanjo se ergueu perigosamente:

— Todos que estão sentados ante a mim são guardiões, e eu não tolerarei nenhuma animosidade entre vocês, especialmente agora que todos precisarão trabalhar juntos em uma tarefa especial. Todos aqui fizeram o mesmo juramento, e estão aqui pelo mesmo motivo - combater o mal.

Ariel olhou para os presentes, esperando que alguém a desafiasse. Os guardiões não moveram um músculo, então ela continuou:

— Mais uma vez, o mundo mortal está em grande perigo e precisa de nossa ajuda. Um antigo mal está assolando a terra e ceifando vidas inocentes. Uma grande força maligna varre a cidade como uma onda. Nossas tentativas de encontrar uma fraqueza no inimigo e derrotá-lo falharam. Já perdemos cinco equipes, e não podemos perder mais uma. É

desnecessário dizer que se trata de uma tarefa muito importante.

— O que é a nova ameaça? — interrompeu David, que entrelaçava os dedos nos cabelos. — Parece que a coisa está ruim. Estamos falando dos Seirs novamente? Se for o caso, eu gostaria de me voluntariar para ser o primeiro a lhes dar um pé na-Kara chutou David por debaixo da mesa e olhou para ele. Algo nos olhos de Ariel dizia que ela não estava a fim de ter sua paciência testada pelas travessuras de David.

Sorrindo como um colegial, David riu antes de se sentar novamente.

Ariel limpou a garganta:

— Os Seirs constituem uma ameaça constante, mas isso é algo muito pior do que meros mortais, David. Esta nova ameaça é algo que não vemos há mais de um século.

— O suspense está me matando — murmurou David.

Ariel, olhou para os rostos em volta da mesa e disse calmamente, — este novo inimigo é um feiticeiro.

David se inclinou sobre a mesa:

— Um feiticeiro? Sério? Com um manto preto esvoaçante, uma vassoura voadora e feitiços na manga? Caramba! Eu pensei que eles fossem apenas um

mito. Eu costumava jogar de feiticeiro em Dungeons & Dragons. — Ele pulou da cadeira e começou a simular um voo em uma vassoura imaginária. — Eu sempre quis voar em uma vassoura-

— Dá para calar a boca e deixar ela terminar? — disse a mesma garota loira que tinha olhado para Kara com uma expressão de nojo. Sua voz era fria como gelo. Ela sorriu desafiadoramente. — Feiticeiros não voam em vassouras, estúpido. Mas é claro que você não saberia disso. Parece que os rumores são verdadeiros... você é apenas um rostinho bonito sem nada entre as orelhas, David McGowan.

A expressão de David se endureceu:

— Relaxa, amiga. Não precisa ficar nervosinha atoa.

Ele se sentou e cruzou os braços. Kara quase podia ver o vapor saindo pelas orelhas de David. Também dava para perceber seu nervosismo crescente. Ela olhou para a loira e, para sua surpresa, ela a observava com o mesmo olhar de antes.

— Chega! — Ariel bateu na mesa com a mão, estremecendo toda a sala. — Não tenho tempo para suas brincadeiras infantis. Vocês são soldados de horizonte, guardiões da terra - comportem-se como tal. Agora prestem atenção. Não vou repetir. Estamos entendidos?

Kara desviou o olhar da garota. Por que ela a detestava tanto? Kara nunca a tinha visto antes. Qual era o problema dela?

— Bom, agora vamos continuar — disse o Arcanjo, com um toque de veneno na voz.

Os olhos de Ariel pousaram em David por um momento: — Feiticeiros são mestres das artes demoníacas. Eles podem invocar demônios e seus asseclas, e usam um tipo muito antigo de magia negra. Eles são capazes de roubar a alma de uma vítima e deixar o corpo para morrer. Feiticeiros são figuras malignas da pior espécie.

— A descrição bate com alguns anjos que eu conheço — sussurrou David para Kara.

Ela rezou em silêncio para que ele parasse. Ariel estava lívida, e pronta para matar qualquer um que a interrompesse novamente.

— As almas mortais têm uma energia única e pura — explicou Ariel. — Quando alguém combina a energia de muitas almas, se torna extremamente poderoso, e os feiticeiros anseiam por este poder. Ele já começou a coletar almas na América do Norte, e em breve irá assolar toda a terra com sua magia negra. Com o poder de milhões de almas mortais, ele será invencível. O mundo mortal que vocês conhecem deixará de existir. Todos os seres vivos morrerão.

Kara pensou em sua mãe e em Sabrina, com os símbolos verdes em seus rostos. Não podia ser uma coincidência. Sua raiva começou a crescer.

— Arcanjo Ariel, sobre a recente epidemia de gripe... minha mãe está doente... ela tem estas marcas verdes pelo corpo.

— Ela não está doente, mas sim infectada por uma magia negra que lhe retirou a alma — disse Ariel sombriamente. — As marcas em sua mãe são as marcas do feiticeiro.

A doença que está se espalhando e matando mortais é obra de sua magia negra.

A expressão de Kara era taciturna:

— Eu preciso ir até ela. Ela precisa de minha ajuda.

— Não há nada que você possa fazer por ela agora — disse Ariel suavemente. — Apenas a morte do feiticeiro pode reverter o feitiço e devolver as almas roubadas. Não há outra maneira.

Kara se recostou em sua cadeira e tentou diminuir a tensão que estava aumentando sua raiva. Ela não conseguia mais sentir seus braços. Uma coisa era certa...-ela iria matar o feiticeiro.

Ariel levantou sua voz:

— Este feiticeiro morreu há mais de um século. Algo ou alguém com um grande conhecimento em magia negra o ressuscitou. Esta pessoa libertou um mal inominável no mundo mortal.

Kara mastigava seu cabelo. Ela não gostava das oscilações na voz de Ariel; era quase como se o arcanjo achasse que ninguém conseguiria derrotar o cara.

— Tenho certeza de que podemos derrotar o feiticeiro — disse Kara, ciente de como sua voz saiu forte e de como foi observada por todos os presentes. — Quer dizer... nós já derrotamos demônios antes. Nós fomos ao submundo e

enfrentamos as criaturas mais macabras. É claro que conseguiremos derrotar um feiticeiro.

Kara ouviu um murmúrio ao redor da mesa, mas ele se extinguiu rapidamente.

— Não se trata de um feiticeiro qualquer, Kara. — disse Ariel. — É Wergoth, uma criatura nascida de escuridão, um usuário de magia negra sem par. Como seres sobrenaturais, temos habilidades que vão além do entendimento mortal, mas não possuímos magia, especialmente magia negra. Nenhum anjo comum pode derrotá-lo.

David assobiou bem alto:

— Então já era. Por que raios estamos aqui então? Para jogar algum jogo de tabuleiro? E mataria para jogar Dungeons & Dragons de novo.

Kara se espantou:

— Eu não entendo. Como assim não podemos derrotá-lo? Nós precisamos fazer isso!

Eu preciso salvar minha mãe!

Os olhos do arcanjo brilharam sinistramente.

— O bruxo não pode ser destruído por quaisquer meios que possuímos. Lâminas de alma, pedras do fogo, pedras da lua ou quaisquer outras armas usadas contra demônios não servirão. Apenas magia pode derrotá-lo.

— E como conseguiremos magia? — perguntou Kara, lutando para manter a calma.

— Talvez ela dissesse se você parasse de fazer perguntas estúpidas — disse a garota loira, com uma voz monótona.

Kara encarou a garota do outro lado da mesa. Ela merecia um murro pela impertinência. Antes que soubesse o que estava fazendo, Kara se levantou com as mãos fechadas em punhos.

— Kara! — sussurrou Jenny. Seus olhos estavam arregalados quando ela puxou Kara de volta. Ela acenou com a cabeça suavemente. — Não. Agora não. Ela não vale a pena.

— É claro que vale! — sussurrou David. — É uma das poucas que vale tanto

a pena.

Um sorriso surgiu no rosto da garota:

— A famosa Kara tem algo para me dizer?

— Já chega, Ashley — disse Ariel, com os lábios apertados de nervosismo. — Não há necessidade para este tipo de comportamento agora.

Kara voltou para o seu lugar e escondeu as mãos trêmulas embaixo da mesa. Ela mesma estava surpresa com sua reação. Algo naquela garota a deixava de cabelo em pé.

Ela trincou os dentes e tentou não se imaginar batendo nela.

Ariel se inclinou para a frente:

— A magia que derrotou os feiticeiros se foi há muito tempo. Anjos e bruxas lutaram lado a lado para destruir os últimos feiticeiros que restaram. Com a evolução do mundo mortal, as bruxas morreram sem passar seus conhecimentos.

Ela entrelaçou os dedos das mãos.

— Mesmo assim, ainda há quem possa nos ajudar. Vocês devem procurar a ajuda de uma velha bruxa da Cornualha, que atende pelo nome de Olga. Ela é uma das últimas bruxas que existem, e tem mais de um século de vida. A legião tem conhecimento que ela combateu as artes das trevas por muitos anos. Vocês devem encontrá-la na remota vila de Boscastle, na Cornualha, Reino Unido. A velha bruxa é conhecedora de necromancia. Seus encantos, feitiços e magias fizeram dela o terror da vila.

— Apenas ela detém o conhecimento e os meios para derrotar Wergoth. Seu trabalho é convencê-la a lutar por nós, a destruir o feiticeiro de uma vez por todas.

— Por que eu tenho a sensação de que não será fácil? — disse Kara, ao ler a expressão de Ariel.

— Digamos apenas que bruxas e anjos nem sempre foram aliados. Na verdade, as bruxas nos odeiam.

Kara franziu a testa:

— Elas nos odeiam? Porque? O que aconteceu?

Ariel balançou a cabeça e suspirou:

— É uma longa história, e não temos tempo para discutir isso agora. Olga é uma bruxa, o que a torna extremamente poderosa e perigosa. Ela não se importa muito com a legião, e certamente despreza os anjos. Não será facilmente persuadida. Na verdade, ela já matou cinco equipes de campo.

Kara e David trocaram olhares.

Ariel fez uma pausa e olhou em volta da mesa: — Mas como sua magia é a única coisa capaz de destruir o feiticeiro, é um risco que precisamos correr. Sabemos que o feiticeiro tem intenção de realizar um grande ritual com as almas coletadas, mas ignoramos a motivação dele. Ele usará a noite mais longa do ano para fazer este ritual. Não podemos permitir que ele seja bem-sucedido. Se o feiticeiro não for derrotado até o solstício de inverno, todos os mortais cujas almas ele roubou irão morrer. Suas almas serão destruídas para sempre.

— Quando é solstício de inverno? — perguntou Kara.

— Dia 21 de dezembro.

Kara quase pulou da cadeira:

— Mas é daqui a três dias!

A expressão de Ariel era desagradável:

— Estou enviando duas das minhas melhores equipes para a vila da bruxa. Sasha, Raymond, Ling - vocês vão estar na equipe da Ashley. — Olhos de Ariel foram para o outro lado da mesa. — Jenny, Peter, David - vocês estão na equipe de Kara.

Kara viu alívio no rosto de David.

— Ambas as equipes devem trabalhar juntas e ajudar umas às outras. Entenderam?

Ariel olhou diretamente para Kara, e quando voltou a falar, sua voz estava afetada: — E agora, Kara, devo lhe dizer especificamente o motivo pelo qual você foi convocada.

Kara apertou as mãos embaixo da mesa. A cor dos olhos de Ariel era hipnotizante, e ela não conseguia desviar o olhar.

— Essa missão precisará dos seus talentos especiais, mas de uma maneira muito diferente. A bruxa consegue detectar anjos. Ela pode matá-los em um piscar de olhos, mas provavelmente os torturará primeiro.

— Parece divertido — sussurrou David.

— Até agora, foi impossível procurar sua ajuda sem sofrer causalidades. Kara precisamos que você a aborde sem ser reconhecida como uma guardiã. Pense nisso como uma missão. Acreditamos que sua parte elemental servirá como uma distração. A bruxa será incapaz de enxergar sua essência angelical. Onde os anjos comuns falharam, acreditamos que você terá sucesso.

Kara conseguia sentir a tensão do outro lado da mesa. Ela começou a entrar em pânico. Sua garganta estava apertada, e ela achou que sua cabeça estava prestes a explodir. Seu poder elemental era muito selvagem e difícil de controlar. Não bastava estalar os dedos para controlá-lo; ele era acionado por suas emoções. Seu poder parecia uma bomba com pavio curto.

Ariel fez uma pausa, como se desse um tempo para Kara se preparar para o pior.

— A legião nunca pediu a outro guardião o que estou prestes a pedir a você, Kara.

Kara podia sentir o desconforto na câmara. Os guardiões estavam de ouvidos em pé.

Kara se inclinou e balançou a cabeça:

— Mas, no fim das contas, eu sou um anjo. Se ela é capaz de nos detectar, por que eu seria diferente? Minha parte elemental é, bem, uma parte. A outra é angelical. Ela vai conseguir enxergar através do meu traje-M.

— Não se você não estiver usando um traje-M. — Ariel prendia Kara com seu olhar. — Kara, nesta missão, precisaremos de você como uma mortal.

# *Capítulo 3*

## *Projeção de Memória*

**K**ara seguiu David, Jenny e Pedro, passando por uma fila de rostos ansiosos para serem orientados em suas novas vidas de anjos da guarda. Suas vozes eram como milhões de abelhas, enquanto esperavam em uma câmara que superava o tamanho de dez campos de futebol. O ar estava úmido, com um odor marítimo. A maioria dos recém mortos pelos quais Kara passou estavam alegres, mas haviam algumas almas infelizes que se destacavam.

Um jovem rapaz de 15 anos com um cabelo despenteado, usando jeans surrados e uma camisa preta roía as unhas. Ele parecia estar prestes a prestar as provas finais na escola, sem ter estudado um minuto sequer. Kara se lembrou do pavor que ela sentira quando morreu e se encontrou com milhares de pessoas mortas pela primeira vez. O

desconhecido é uma coisa terrível. Ela sentiu pena do rapaz, mas em breve ele estaria bem. Um suboficial cuidaria dele, assim como David tinha cuidado dela em seu primeiro dia.

Seus olhos foram até David. Eles nunca teriam uma vida normal juntos?

Aparentemente, toda vez que eles estavam chegando a algum lugar enquanto mortais, eram convocados novamente para servir à legião. Ela nunca chegou a falar dos seus sentimentos verdadeiramente com David enquanto mortal. Teria sido muito mais fácil se ela se lembrasse das aventuras que eles tinham compartilhado como guardiões, mas isso não podia afetar a relação deles como mortais. Ele sabia que ela gostava dele, mas era muito mais do que isso. Kara nunca conseguiu dizer algo - as palavras simplesmente morriam em sua garganta. E se ele não sentisse o mesmo?

Kara me sentiu uma idiota. Ela estava de plantão como anjo da guarda. Qualquer tipo de emoção era um tabu. Seus sentimentos em relação a David teriam que esperar. Ela tinha assuntos mais urgentes com os quais se preocupar. Kara podia ver uma pequena ruga no rosto de David. Ela disse que estava preocupado - e com razão - a legião a enviara para uma missão suicida.

A princípio, ela pensou que Ariel estava de brincadeira. Mas arcanjos nunca

brincam.

Toda a unidade estava de ouvidos em pé, querendo saber se ela teria coragem de enfrentar um feiticeiro como uma mortal. Ela tinha sufocado um riso nervoso e acenado com a cabeça.

Ainda parecia um sonho. Para ser um anjo da guarda, você precisava ser um anjo, não um mortal. Ainda assim, Kara estava indo se encontrar com um oráculo que ia ajudá-la a se preparar para esta jornada extraordinária.

Eles passaram por vários escritórios diferentes, com portas de madeira colossais e placas de neon que piscavam e chiavam. A porta estava entreaberta, e Kara podia ver uma sala cheia de papeis espalhados pelo chão e meia dúzia de oráculos correndo por ela com suas bolas de cristal gigantes.

Ela seguiu David por um corredor. Kara podia sentir os olhos ansiosos de Jenny, a observando o tempo todo, mas ela a ignorou. Ela não queria que ninguém soubesse o quão nervosa estava. Kara queria sair daquela pele de anjo, voltar ao mundo dos mortais e ajudar a mãe. Pensar em sua mãe é o que lhe dava coragem para continuar andando.

Pense na mamãe...

O corredor acabou de repente, e eles passaram por uma grande abertura. Havia uma única porta em uma parede enorme. Era como a entrada principal de uma loja de departamentos. Maior e mais ousada do que as outras portas na área de orientação, ela parecia fora do lugar.

David caminhou até a porta e a observou:

— Chegamos.

Kara se aproximou e examinou a porta. Ela era antiga, com ranhuras em forma de meia lua e manchas que lhe davam um efeito bicolor. Não havia nenhum identificador.

Em cima da porta, uma grande moldura de madeira exibia uma mensagem em neon: Divisão de fabricação # 000-0001

Abaixo do sinal de néon, alguém havia colado um bilhete: CUIDADO, ESCRITÓRIO BAGUNÇADO

ENTRE POR SUA CONTA E RISCO!

— Parece o meu quarto — disse Jenny. — As roupas que eu deixava no chão

costumavam levar minha mãe à loucura. Eu dizia que estava me expressando. — O

Cabelo roxo de Jenny brilhava contra as luzes de neon, e Kara pensou que ela parecia uma fada militar, com suas botas de combate e jaqueta roxa.

— Não há nada de errado em ser organizado — disser Peter, como se alguém tivesse roubado seu brinquedo favorito. — É muito mais fácil encontrar as coisas assim.

Jenny apertou a orelha contra a porta, o que deixou seu rosto enrugado: — Eu ouço vozes e algum tipo de batida. Talvez eles estejam ensaiando alguns passos de sapateado para o próximo concurso de dança do horizonte. Eu consigo imaginar fácil, fácil os oráculos dançando com aquelas bolas de cristal gigantes.

Peter puxou Jenny suavemente da porta:

— Oráculos não dançam, caixinhos roxos. Eles enxergam o futuro.

Jenny jogou um beijo para ele e saiu rindo.

— Vamos? — disse David. Antes que alguém pudesse responder, ele chutou a porta, que se abriu facilmente. David marchou pela entrada, seguido rapidamente por Kara, Jenny e Peter. Com um "bum", a porta se fechou atrás deles.

A gigantesca sala circular parecia ter a metade do tamanho de um andar do horizonte - era quase um mundo em si. Uma esteira cheia de engenhocas deslizando por ela forrava o perímetro da sala, como um trem em movimento. Fumaça dourada saía das chaminés da linha de montagem. Um material branco cobria o chão como neve. O

primeiro pensamento de Kara foi que estava nevando dentro da sala, mas ela rapidamente percebeu que os flocos brancos que caíam sobre eles vinham dos oráculos cinzelando pedregulhos enormes e transparentes. Eles esculpiam febrilmente suas bolas de cristal em uma plataforma acima da sala.

Kara assistiu com reverência um oráculo transformar uma rocha gigante em uma perfeita bola de cristal em segundos. O objeto brilhava e emanava uma luz do seu interior. O oráculo aplaudiu animadamente e abraçou sua mais nova criação, chorando de felicidade.

Ela nunca tinha visto tantos oráculos no mesmo lugar ao mesmo tempo.

Aqueles pequenos homens estavam trabalhando duro, e Kara sentia como se tivesse chegado à oficina do Papai Noel. Ela sorriu. Era tudo estranhamente bonito.

O martelar e o barulho constante dos motores trovejava ao redor deles como uma grande tempestade. Outros oráculos arrastavam montanhas de fuligem branca para um segundo andar, onde ele era armazenado fora de vista. Este trabalho criava profundos caminhos pelo piso da câmara, deixando intrincados desenhos que indicavam o lugar por onde eles já haviam limpado. Alguns oráculos pararam de martelar e acenaram alegremente para o grupo.

— Vamos lá, hora de encontrar quem está no comando aqui. — David liderava o caminho por uma das trilhas, e era o único que não parecia muito impressionado com o local. Kara, sabia que ele estava preocupado e irritado. Ele não tinha dito muito desde que deixaram o DCD.

Kara se apressou para acompanhar David, e Peter puxou Jenny quando ela começou a acenar para os oráculos. O som de suas botas pesadas foi abafado pelas partículas brancas e macias no chão. Depois de alguns minutos de caminhada, eles estavam diante de uma grande piscina. Um vapor prateado saía da água e brilhava na luz suave. Doze esferas de cristal estavam meio submersas na água como ovos em uma panela. Um único cristal repousava no meio. Diretamente acima dele, havia um enorme modelo do sistema solar, exibindo os planetas que orbitam em torno do sol.

David assobiou bem alto:

— Alguém está afim de um mergulho?

Foi a primeira vez que ele sorriu desde que Ariel disse que Kara teria que ir para sua próxima missão como mortal. Kara precisava que ele sorrisse, que mostrasse sua confiança habitual. Sua expressão atual não a tranquilizava. Ela precisava da coragem e da força de David - se ele não acreditava que ela conseguiria, então como ela mesmo poderia?

Kara forçou um sorriso:

— Não sei se os oráculos ficariam felizes em vê-lo tão à vontade na piscina deles.

— Nunca se sabe, eles poderiam apreciar o show. — A expressão de David estava sombria novamente.

Os joelhos de Kara estavam tremendo, e ela sentiu o último fio de esperança desaparecendo. Ela estendeu a mão e agarrou a mão de David: — David, não fique zangado. Eu preciso que você confie em mim-

— Ei...pessoal — disse Peter, olhando para frente com os olhos arregalados.

Instintivamente, Kara largou a mão de David enquanto um oráculo se aproximava deles.

— Olá, Olá! Sejam bem-vindos! — As vestes prateadas do oráculo esvoaçavam atrás dele como uma bandeira ondulando em um mastro. Ele lembrava a Kara um palhaço de circo que ela tinha visto uma vez, fazendo um número de equilíbrio com uma grande bola de borracha. Mais daquela fuligem branca saía por todos os lados de sua grande bola de cristal. Ele parou na frente deles.

O oráculo aplaudiu suas mãos animadamente: — Bem-vindos, guardiões! Este é um momento muito emocionante. Nós vamos realizar a nossa primeira projeção de memória. — Ele saltou com o dedo no ar, escorregou e se estabilizou antes de cair. — Eu espero que dê tudo certo, esta será nossa primeira tentativa com um não-orique.

— O quê? — disse Kara, sorrindo apesar do nervosismo.

O oráculo a observou com curiosidade:

— Uma não-orique, claro - alguém que não é vidente, clarividente, que não possui o olho interior. Nós nunca tentamos isso antes como um não-orique, então vamos ver o que acontece.

— Ótimo, isso é reconfortante — resmungou David. Ele cruzou os braços sobre o peito - se Kara não o conhecesse bem, diria que ele estava prestes a bater no oráculo.

O oráculo observou o grupo com seus olhos azuis e depois se fixou em Kara. Seus olhos se arregalaram:

— E temos nossa vencedora! Você é Kara, não é? -Aquela com a essência contaminada - a guardiã escolhida para a missão especial, nunca tentada até hoje. Uma missão única para uma guardiã única.

Os olhos do oráculo brilhavam, e Kara sentiu que ele podia enxergar a parte contaminada de sua essência. Ela estava sendo dissecada como um rato de

laboratório, e odiava isso. Ela se mexia desconfortavelmente.

— Sim, sou eu. Eu sou a sortuda.

Ela não se sentia nada sortuda. Na verdade, em sua opinião, estava mais para amaldiçoada. Ela olhou para Jenny, que lhe deu um sorriso preocupado. Kara sentiu que estava começando a entrar em pânico. Esforçando-se para manter a calma, ela olhou para o oráculo.

— Oráculo, o que é essa projeção de memória? Não me lembro de ter ouvido falar de algo parecido - disse Kara, grata por sua voz ter saído normal.

O oráculo demorou um momento para responder: — A projeção de memória é o que os oráculos usam para prever o futuro, ou o futuro do mundo. Ela é uma ferramenta poderosa e, no entanto, não é uma ciência exata, compreende?

O oráculo coçou a cabeça, perdido em seus pensamentos por um momento. Tufos de cabelo branco se mexiam em sua cabeça como grama alta: — Nem sempre é algo cem por cento exato, sabe? O futuro muda. Ele evolui e desaparece, apenas para ser substituído por um novo. Cada decisão tomada leva a futuras alterações. Às vezes, o futuro que vemos pode nem chegar a acontecer. Em certos casos, também podemos usar a projeção de memória para mudar o curso do futuro, para alterar o caminho. Mas mexer com o futuro tem seus riscos. Alterá-lo pode ser devastador... mas não vamos falar disso agora.

O oráculo inclinou sua cabeça e parou de sorrir.

Kara estava ainda mais confusa. Não se admira que os oráculos fosse meio confusos, por assim dizer. Ela esfregou as têmporas, sentindo uma grande dor de cabeça a caminho:

— Então, como isso pode funcionar comigo? Não sei por que estou aqui. Como essa coisa de projeção de memória pode me ajudar em minha nova missão? Eu preciso ver o meu futuro ou algo assim?

O oráculo olhou para o espaço:

— Hum? Desculpe querida, sobre o que estávamos falando?

Kara franziu a testa:

— A projeção de memória? Lembra-se?

O oráculo abanou do transe, seu sorriso retornou ao rosto: — Mas é claro querida! Isto é tão emocionante! — Quando ele se inclinou ligeiramente para

frente, sua bola de cristal esmagou os dedos do pé de Kara, e só houve tempo para retirá-los antes que ficassem presos. — Você foi escolhida para executar sua próxima missão como mortal.

— Já sabemos — interrompeu David — porque não nos dizes algo que não sabemos?

Os olhos do oráculo brilhavam alegremente - era o olhar de um cientista louco ansioso para demonstrar sua mais recente invenção: — Veja bem, uma vez que você voltar ao seu corpo mortal — continuou o oráculo — todas as suas memórias e habilidades de guardião desaparecerão. Você não terá nenhuma lembrança dos seus dias de anjo da guarda. Não se lembrará dos seus amigos aqui presentes, inclusive. Será como se você tivesse voltado à terra após suas missões anteriores. Sua memória será apagada—

O oráculo estalou os dedos.

— ...motivo pelo qual decidimos usar a projeção de memória em você. Ela o ajudará a se lembrar de tudo e enxergar através do véu sobrenatural. Você será capaz de ver seus amigos como anjos da guarda, e seus olhos estarão abertos para seus inimigos.

Kara já conseguia enxergar fragmentos do mundo sobrenatural como mortal, mas guardou a informação para si mesma. Ela não queria confundir o oráculo: — Então...quando voltar para o meu corpo mortal, eu vou me lembrar da minha missão como anjo da guarda. Ok, entendi. Será instantâneo?

— Assim espero — disse o oráculo, sem parecer muito confiante. Seus dedos se contorciam nervosamente lado do corpo.

— É extremamente perigoso. — Censurou David. — Você disse que nunca fez isso antes com um não-orique. Não há garantias de que irá funcionar, não é?

O oráculo cruzou os braços:

— Nós temos quase certeza de que funcionará na senhorita Clara.

— Quase certeza não é certeza. — O tom de voz de David aumentou e ele avançou em direção ao oráculo.

— Então há uma chance de não funcionar. E se algo der errado? Você pensou nisso? E

se algo ruim acontecer a ela? E se ela se machucar, se perder sua mente? Já

pensou nisso?

— Está tudo bem, David — disse Kara. — Tenho certeza de que vai ficar tudo bem — ela mentiu, colocando as mãos trêmulas para trás. — Eu concordei em fazer isso. É o meu trabalho. Eu preciso impedir que o feiticeiro roube mais almas. Preciso salvar minha mãe. Se eu preciso fazer isso como mortal, que assim seja. É um risco que eu preciso correr. — Kara percebeu que ela parecia mais corajosa do que se sentia. Ela esperava que David acreditasse em suas palavras.

— Isso é loucura! — A voz de David tremia de raiva. — Ela não vai conseguir fazer isto como uma mortal! Não terá força suficiente. Mortais são apenas sacos de ossos e sangue.

Ela ficará vulnerável aos demônios, aos Seirs. Kara não conseguirá se defender. Ela será torturada e morta. Não vou permitir que você faça isso com ela!

— Você deve fazer isso — disse o oráculo em uma voz suave.

— Eu não vou!

— Você vai. — Oráculo fixou os olhos em David. — Clara deve completar a sua missão como uma guardiã mortal. É a única forma dela chegar perto o suficiente do feiticeiro.

Como anjo da guarda, você sabe a importância dos mortais e suas almas. Uma vez que ela esteja em seu corpo mortal, protegê-la será sua função. Ela dependerá de você e deste grupo. Não sabemos se suas habilidades elementais virão à tona. É um risco que precisamos correr - por todas as almas mortais deste mundo.

Kara não gostou de como isso soou. Como um anjo da guarda, ela sempre pôde confiar em seu poder elemental, ainda que ele fosse imprevisível. Era como uma rede de segurança. Agora ela iria lugar contra um demônio de mãos nuas. Ela se sentiu tão indefesa quanto um mortal.

A terra tremeu subitamente, e Kara se virou para ver que mais onze oráculos se aproximavam com suas bolas de cristal. Os sorrisos deles deveriam tê-la tranquilizado, mas não foi o caso. Ela tentou sorrir de volta.

— Ah, aqui estamos nós — o oráculo sorriu gentilmente enquanto cumprimentava seus irmãos. — Agora podemos começar. — Os oráculos

fizeram uma fila ao lado da piscina com suas bolas de cristal. Um por um, eles rolaram os enormes objetos de vidência para a piscina, juntando-os aos outros cristais que estavam submersos na água.

— Está na hora, Tara. — O oráculo estendeu-se sua pequena e enrugada mão para Kara. — Venha, vamos começar a projeção da memória. — Ele se juntou os outros oráculos na piscina.

Kara tremia. Era tarde demais para voltar atrás. Ela captou o olhar de Jenny e lhe deu um sorriso corajoso, mesmo que a preocupação em seus olhos a entregasse. O olhar de David estava fixo na piscina, e Peter tentou, sem sucesso, se misturar com o ambiente.

Quando ela deu um passo à frente, David agarrou seu braço e a puxou.

— Espere, tenho algo para você. — Ele puxou a manga do casaco e desatou uma pulseira de couro marrom do braço. — Me dê seu pulso.

Obediente, Kara estendeu o braço esquerdo e observou David colocar a pulseira firmemente em seu pulso. Ele estava tentando lidar com a situação, e isso era importante para Kara. Ela tinha visto a pulseira muitas vezes no pulso de David, mas nunca tinha se perguntado porque ele a usava. Nunca pareceu importante. Era apenas uma pulseira de couro trançado, com algumas miçangas coloridas. Será que David estava tentando dizer que o relacionamento deles estava indo para o próximo nível?

— Por que você está me dando isso? — Ela perguntou desajeitadamente. Kara se sentia como se sua boca estivesse cheia de algodão. Ela estava ainda mais nervosa, pois David nunca tinha lhe dado nada.

— É o meu amuleto da sorte — disse David. — Eu o tenho desde a minha primeira missão como guardião. Eu fui muito confiante e estúpido, e não pude salvar o mortal. Era um cara da minha idade, e até se parecia um pouco comigo. Enfim, consegui salvar sua alma, mas isso não era bom o suficiente, pois eu deveria tê-lo salvo também. Ele usava este bracelete, então eu fiquei com ele para nunca mais me esquecer daquele dia. — Ele olhou para o chão por um momento. — Ele sempre me deu sorte, e eu acho que você precisa mais do que eu agora.

Kara sentiu como se o seu peito fosse explodir. Ela não sabia o que dizer. Ela queria beijá-lo, mas todo mundo estava esperando por ela e observando.

— David... Não posso aceitar isso...

— Sua mãe não ensinou que é falta de educação recusar um presente? — Ele provocou. — Eu vou me sentir muito melhor sabendo que você está com ela.

Ela virou a pulseira suavemente o pulso:

— Obrigada, David, isso significa muito para mim.

— Senhorita Tara! — Chamou o oráculo. — Precisamos começar a projeção. Rápido, por favor!

Kara e David trocaram olhares por um instante, antes que ela se afastasse, relutante.

Com os dedos ainda tocando a pulseira, ela foi até a borda da piscina e observou seu reflexo prateado vacilar na água, como uma memória nebulosa da menina que foi um dia.

Com algum esforço, o oráculo saltou para a água pousou em uma bola de cristal: — Então vamos — disse ele. — Você deve ficar no cristal do meio, Tara. Assim que estiver posicionada, vamos começar.

Kara estava para dizer ao oráculo que seu nome não era Tara, mas acabou deixando para lá. Ela olhou ao redor. Parecia que ela seria parte de um ritual estranho, onde a garota era colocada no meio de um círculo e entregue como oferenda para algum deus pagão. De repente, a piscina parecia muito fria e pouco convidativa.

Alguém agarrou a mão dela e a puxou. Jenny sufocou Kara com um abraço apertado.

— Nos vemos do outro lado, garota.

Kara sorriu incerta e se soltou de Jenny suavemente, como estivesse sendo forçada a fazer isso, mas não quisesse.

— Boa sorte, Kara — disse Peter desajeitadamente. — Tenho certeza de que tudo vai dar certo. Nos veremos em breve.

Kara sorriu e tentou responder, mas as palavras ficaram presas em sua garganta.

David chegou perto da borda e entrelaçou os dedos nos dela. Seu rosto estava tão perto que ela ficou tentada a beijá-lo. Ela forçou o pensamento a sair de sua

cabeça.

— Se algo parecer não estar dando certo, você pula para fora. Seus olhos azuis perfuraram os dela momentaneamente. — Se doer, ou você souber que algo está errado, é só sair. Você entendeu?

Finalmente, Kara conseguiu falar.

— Ok, não se preocupe. Tenho certeza de que os oráculos sabem o que estão fazendo... espero.

Mas Kara estava apavorada. Ela levou algum tempo para soltar dos dedos de David.

Kara se posicionou na beira da piscina. A água parecia ferro derretido. Seus pés pareciam blocos de concreto.

Ela levantou a bota direita e entrou na piscina.

A água prateada só chegava até seus joelhos, então ela relaxou um pouco. Kara passou os dedos pela água. O líquido parecia mais grosso do que água normal, mais parecido com sabonete líquido. Estava frio, mas não desconfortável. Ela subiu facilmente no cristal central e ficou de pé, esperando.

Kara olhou para David, que fez o sinal de positivo e lhe deu um sorriso trêmulo.

— Mais uma coisa — disse o oráculo — se você morrer como uma mortal, a conexão será perdida. Nós não seremos mais capazes de realizar outra projeção de memória em você. Isso só pode ser feito uma vez. Se fizermos novamente, sua alma será destruída.

Uma alma mortal não aguentaria. — Todos os oráculos acenaram com a cabeça em concordância.

— Então, se eu morrer como mortal, não poderei terminar o trabalho — disse Kara. — O feiticeiro vence. Eu entendi.

— Às vezes, sacrifícios são inevitáveis — disse o oráculo. — O sangue daquele que caminha sozinho libertará as almas.

Kara não sabia o que isso significava. Ela odiava quando os oráculos falavam por enigmas, e já estava amedrontada demais para pensar no que ele queria dizer.

— Vamos começar. — Todos os oráculos ergueram os braços. Kara observava ansiosamente, e queria saber se deveria erguer os braços também. Ela agarrou a pulseira de David e torceu em seu braço, se sentindo confortada por ela.

BUM!

O ar em volta da piscina se encheu de eletricidade. Um vento invisível sacudiu as roupas e os cabelos de Kara. Um frio repentino sugou todo o ar quente. Os oráculos estenderam as mãos e as uniram, formando um círculo ao redor de Kara.

Kara assistia a tudo, hipnotizada. Os olhos azuis dos oráculos ganharam uma tonalidade dourada. Eles começaram a cantar em uma língua que ela não reconheceu. À

medida que seus cânticos se elevavam, ouvia-se o som de trovões. Jenny e Peter deram um passo para trás, com os olhos cheios de medo. Mas David não se moveu. Suas mãos estavam fechadas em punhos, e ele observava Kara como se dissesse é só dizer que eu tiro você daí. Parte dela queria dar o sinal.

Relâmpagos saíram das bolas de cristal, até que todas estivessem conectadas como teias de aranha. Os pés de Kara escorregaram, e ela se empertigou para manter o equilíbrio. A água prateada borbulhava e uma névoa subia de sua superfície. Ela definitivamente não queria escorregar e cair.

De repente, a água da piscina se ergueu, formando um anel ao redor de Kara e dos oráculos. David e os outros desapareceram atrás da parede de água. Ela estava dentro de um tornado de água. Os cânticos se elevaram ainda mais. Ela pensou ter ouvido David chamar seu nome, mas havia barulho demais para ouvir claramente.

Uma luz brilhante queimava seus olhos. Era um milagre ela ainda estar equilibrada na bola de cristal. Ela piscou para afastar as manchas na sua visão. Imagens surgiram na água, como se fossem exibidas por um projetor gigante. Kara assistia espantada, enquanto imagens de pessoas, lugares e coisas passavam rapidamente, como se alguém estivesse avançando cenas de um filme. A velocidade que as imagens passavam diminuiu até que elas se tornassem compreensíveis. Ela viu o rosto de homens, mulheres e crianças. Havia um campo de papoulas que balançavam ao vento, e depois o céu de uma cidade.

Então as imagens mudaram, e ela viu seu reflexo na água.

Kara se viu andando pela rua com sua carteira e celular. Um grito morreu em sua garganta quando ela testemunhou seu corpo ser atingido por um ônibus. As imagens mudaram. Ela se viu de pé no elevador com o chimpanzé 5M51. Depois ela era uma guardiã, lutando contra demônios ao lado de David. A imagem se deslocou novamente, e ela se viu em frente a uma mesa de café da manhã, rindo com sua mãe. Em seguida, ela estava no submundo combatendo um demônio superior com David. Mais e mais imagens de sua vida como mortal e guardiã passaram diante dos seus olhos. Kara se sentiu tonta.

Ela vacilou, sentindo-se desorientada e com frio. As visões passavam cada vez mais rápido. Sua cabeça palpitava, e ela gritou. Sua mente parecia estar pegando fogo. Um raio de energia passou por ela que, atordoada, olhou para baixo. Seu corpo se inflamou com uma chama branca.

O fogo branco explodiu, Kara gritou e seu corpo desapareceu.

# *Capítulo 4*

## *Amnésia*

**K**ara sabia que estava morrendo.

Ela fechou os olhos e deixou acontecer. Era só uma questão de tempo agora antes que seu coração parasse de bombear oxigênio para seu cérebro. Ela não fazia ideia de que uma pessoa pudesse perder tanto sangue. Ela se sentou em uma poça de seu próprio sangue e pôde sentir o cheiro. O demônio a havia matado.

Ela estava entorpecida. E era capaz de se sentir levada pelo sono. Tarde demais para ir a um hospital. Ela nunca teria a chance de dizer a David o que ela realmente sentia.

Ela morreria molhada em um beco escuro e frio com um estranho que segurava sua mão e sabia seu nome dela...

Mas a morte não vinha.

Então, um jato de calor se espalhou através dela como se ela tivesse sido submersa em uma banheira quente. O véu de fraqueza se levantou e foi substituído por uma onda de força. Ela tremeu quando o sangue jorrou para os seus membros. Ela inspirou o ar fresco e se sentiu aquecida outra vez. O coração dela batia fortemente em seu peito. Ela abriu os olhos.

Estava escuro, e os flocos de neve brilhavam sob as luzes tremeluzentes da rua. Ela piscou os olhos para tirar os flocos de neve. A lua cheia espreitava por ente densas nuvens de cor azul marinho.

Um jovem olhava para ela.

Kara sentou-se.

O estranho sorriu calorosamente. A neve caiu da cabeça loira despenteada. As roupas dele estavam cobertas de neve. Quando procurou o rosto dela, Kara desviou o olhar, envergonhada. Havia algo em seus olhos azuis penetrantes que a perturbava. Era como se pudessem ver seus mais profundos pensamentos e segredos.

Ela se esforçou para ver na escuridão, repentinamente ansiosa. Onde estava a criatura que a havia o atacado? Ela se lembrou de um flash de luz vermelha. A criatura a havia atacado. Ela se lembrou da dor penetrante. Ela estava sangrando. Instintivamente, ela colocou a mão na perna. Ela passou os dedos no rasgão de sua calça jeans e apertou a mão contra sua pele. Não havia nenhuma ferida aberta. Ela olhou o chão ao seu redor.

Nem uma gota de sangue em lugar algum. O que estava acontecendo? Ela havia imaginado tudo? Impossível...

— Kara, como se sente? — disse o estranho com uma voz que a pele de Kara se arrepias. Onde ela havia ouvido aquela voz antes?

Ela olhou para o estranho, franzindo a testa: — Como você sabe meu nome?

Havia algo de muito familiar nesse cara, mas ela não conseguia entender. Quem era ele?

O estranho inclinou-se com um olhar ansioso no rosto. Por um momento, ele ficou parado, balançando para frente e para trás em seus calcanhares, encarando-a com incerteza:

— Sou eu... David... não me reconhece?

— Só conheço um David, e você não é ele.

Kara se colocou de pé novamente, surpresa com sua própria força. Ela se sentiu melhor com os pés no chão. Além do rasgado em sua calça jeans, não havia nenhum sinal de que algo a havia atacado. Ela não pode deixar de se perguntar se havia imaginado tudo e se estava ficando louca.

O rosto do estranho se entristeceu, e Kara sentiu uma pontada no peito. Embora recuasse lentamente, os olhos dele nunca a deixavam. Ele passou os dedos pelo cabelo: — Talvez precise de tempo para funcionar.

Kara passou as mãos em seu jeans:

— O quê? Novamente, como você me conhece? Fomos da mesma classe ou algo assim? Você meio que me parece familiar.

Os dedos dela estavam rígidos e frios:

— Está vendo alguma luva no chão?

— Qual é a última coisa de que você se lembra? — Disse o estranho

enquanto estudava o rosto dela.

— Por quê? O que tem a ver com você? — Kara chutou a neve com as botas procurando por suas luvas.

— É importante.

Desistindo de suas luvas, Kara enfiou as mãos nos bolsos do casaco e procurou pela rua:

— Bem, eu estava a caminho da farmácia quando algo me atacou. É tudo um pouco vago. Acho que bati com a cabeça e desmaiei.

Ela não estava prestes a dizer a um completo estranho que um demônio havia tentado matá-la e que, por algum milagre, ela sobrevivera. Ele definitivamente pensaria que ela era louca como o chapeleiro maluco.

O estranho a vigiava atentamente:

— Não se lembra mais nada... absolutamente nada?

— Como eu disse, não.

Ele apontou para o braço esquerdo dela:

— Então - quem lhe deu essa pulseira?

— Eu não estou usando nenhuma pulseira — o resto da palavra morreu na garganta dela. Uma pulseira de couro estava enrolada em seu pulso esquerdo. Kara estreitou os olhos. Como isso havia parado lá? Ela não se lembrava de colocar. Mas uma coisa era certa - não era dela. Então, de quem era?

O estranho a olhou preocupado:

— Eu lhe dei essa pulseira. Não lembra?

Kara não gostou da maneira intensa com a qual o estranho olhava para ela. Ele parecia um pouco louco, e ela não tinha tempo para discutir com loucos agora.

— Olhe, David, se é que esse é seu nome de verdade, não sei, desculpe. Obrigado por ajudar... mas eu preciso ir embora. Minha mãe precisa de mim.

O estranho se aproximou de Kara:

— O que você vê quando olha para mim.

Kara levantou suas sobrancelhas e esforçou-se para não rir: — Eu vejo um

cara de casaco de couro frágil que provavelmente está congelando. É

dezembro, você sabe, inverno - você provavelmente precisa vestir um casaco mais quente.

Ele cerrou a mandíbula e começou a andar de um lado para outro nervosamente.

Onde é que ela o havia visto antes? Ele agia como alguém que ela conhecia... mas quem? Ela não conseguia descobrir.

— Você não vê nada diferente em mim... em minha pele? — sua voz se ergueu ligeiramente em alarme.

Kara balançou a cabeça e limpou a neve de seus olhos: — Não, sinto muito. Eu deveria? Parece de um bege normal para mim. Não vejo o que você quer dizer com diferente.

Ela estava começando a achar esse cara não estava batendo muito bem. Ela devia ter cuidado com estranhos, mas, de alguma forma, ela se sentia confortável perto dele. Era como estar com um velho amigo, embora ele não fosse isso. Ela cobriu a cabeça com o capuz e se mexeu desconfortavelmente. Algo estava errado com ele... mas o quê?

Kara expirou. O ar de seus pulmões virou uma névoa branca. Mas não saía vapor da boca do estranho. Ele não parecia estar respirando. Kara esperou para ver se algum vapor saía do nariz dele. Nada. Uma pouco de medo a percorreu. Se ele não estava respirando, isso significava que ele não era humano. Se ele não era humano... o que era ele?

O rapaz puxou a manga do casaco e passou o braço nu na frente de Kara: — Você não me vê brilhar? Você não vê através do véu?

— Brilhar? Véu? — Kara riu nervosamente e recuou. Ela não queria ofendê-lo, mas ele estava agindo de modo um pouco esquizofrênico, e ainda não estava respirando. — Está se sentindo bem? — disse ela — Tem certeza de que você não bateu com a cabeça?

O resto das palavras de Kara ficou preso na garganta. De repente, o antebraço do estranho começou a brilhar fracamente, como se uma luz líquida fluísse em suas veias.

Ela olhou para cima. Onde a pele dele antes era bege, agora irradiava uma

luz amarela suave. Ela podia ver duas estrelas gravadas na testa dele, como se ele tivesse sido marcado.

— O que é você? Você não é humano! — Kara afastou-se novamente, com medo. E se ele fosse um demônio disfarçado de um rapaz charmoso só para enganá-la? O estranho havia aparecido no exato momento em que a criatura que a havia atacado e desaparecido. E se eles estivessem trabalhando juntos?

O estranho levantou as mãos:

— Kara, não tenha medo, não vou machucar você. Sou eu, David. Não me reconhece?

Você me conhece, lembra? Juntos, nós lutamos na Legião. Nós já combatemos demônios, salvamos almas mortais, somos amigos - bem, talvez mais do que amigos.

— Não sei — disse Kara. Mas de alguma forma parecia ser uma mentira. Ela soltou um suspiro de frustração. — O que está acontecendo? Por que sinto como se eu o conhecesse, mas não? E, por favor, me diga por que você está brilhando.

— Porque estou usando meu traje M – meu traje mortal. Eu sou um anjo, Kara — disse o estranho com uma voz suave. Ele se aproximou e estendeu a mão para ela.

ZAP!

Kara pulou para trás. Um choque elétrico a percorreu quando ele a tocou. Era como se tocasse numa tomada com os dedos.

— O que foi isso?

O estranho balançou a cabeça perplexo. Ele olhou para suas mãos: — Não sei. Nunca aconteceu antes. Talvez porque você seja mortal e estou no meu traje M.

Kara deu mais um passo para trás. Ela não encontrava voz. Ela respirou pesadamente e olhou para o estranho; seus cílios cheios de neve grudavam toda vez que ela piscava.

De um jeito estranho, ela acreditava nele. Mas como? Ela definitivamente estava perdendo o juízo. Anjos? Ele podia realmente ser um anjo? Ele estava brilhando!

— Agora você pode ver através do véu, o manto que ofusca os olhos mortais

— disse o estranho, com um alívio espalhando-se rapidamente por seu rosto. — É por isso que você pode ver a minha pele brilhando um pouco; é a minha essência angelical por baixo deste traje mortal. Foi por isso que você pôde ver o demônio que a atacou. Você pode ver anjos e demônios, Kara.

Essa parte ela sabia que era verdade. Ultimamente, ela havia visto as mais horríveis criaturas das sombras. Ela sempre as sentia à sua volta, com seu mal direcionado a ela.

Mas anjos?

Kara observou a neve que caía suavemente em sua cabeça: — Então, como eu consigo ver esses demônios que você diz? — Ela pensou em contar a ele que sua mãe também podia vê-los também, mas decidiu não dizer nada. Afinal, ele era um estranho. Ela não queria contar a história de sua vida.

— Porque você é parte elemental.

— Eu sou o quê? — Kara quase engasgou. Ela olhou para ele com olhos arregalados.

Elemental, ela repetiu. De alguma forma, essa palavra soa familiar.

O estranho David chutou o chão em frustração. Sopros de neve voaram no ar: — Eu sabia que não ia funcionar! — Ele gritou. — Eu sabia! Eu disse a eles, mas nãaaao, eles não acreditaram. Idiotas!

Kara pôs as mãos na cabeça:

— O que não funcionou? O que você diz não faz sentido. O que é um elemental? Se você sabe tanto, então como posso ver esses demônios? E por que estão me atacando?

Diga!

— Em breve. — Ele agarrou a manga da blusa dela, com cuidado para não tocar na pele dela, e a puxou.

— Eu preciso levá-la para o esconderijo. Venha. Vamos sair do frio. — Ele a puxou, mas Kara se debateu.

— Me solte! Você sabe alguma coisa de mim, não é? Por que posso ver essas coisas e você... Eu já o vi antes, não é? Posso ver no seu rosto. Você está escondendo algo. Não vou a lugar algum com você se não me disser o que está acontecendo.

Kara cruzou os braços sobre o peito e ficou firme.

— É complicado — disse o estranho um pouco irritado. — É muito complicado...

— Complicado como eu. — Kara levantou suas sobrancelhas. — Vá em frente. Estou esperando.

Ele soltou um suspiro exasperado:

— Você mesma não acreditará em mim se eu disser. É inútil, e estamos perdendo tempo. Temos de ir antes que fique perigoso-

— Tente.

— Bem — disse o estranho. — Você é um anjo da guarda, assim como eu. Você pode ver os demônios e anjos, assim como eu. E agora você está em uma missão especial como mortal. Pronto - está feliz agora? Bom, temos que ir-

— Isso é loucura — disse Kara, mesmo sentindo que tudo o que ele dissera fosse verdade. — Não vou a lugar nenhum com você. Eu não o conheço.

O estranho agarrou-a pelos ombros e a fez olhar para ele: — Eu sou o David. Sou eu. Não há nenhum outro. Eu sei que isso não está fazendo sentido agora, mas acredite em mim; eu sou seu David. Confie em mim, Kara. Eu sou o David!

Kara olhou nos olhos azuis do estranho. Eles se pareciam muito com os de David, o que era estranho. Ele tinha o mesmo nariz, o mesmo queixo quadrado, o mesmo cabelo, a mesma pequena cicatriz em seu queixo, as mesmas covinhas quando ele sorria, o mesmo cheiro, mas ao mesmo tempo ele aparecia diferente. Ele usava uma jaqueta de couro marrom, uma camiseta preta e uma calça jeans desbotada que se pareciam muito com as roupas de David. Na verdade, eles eram idênticos em todos os sentidos, até a mancha marrom no ombro esquerdo do casaco.

O queixo dela caiu:

— Onde conseguiu essas roupas?

Ele virou a cabeça rapidamente, como se tivesse ouvido alguma coisa. Então, ele puxou uma adaga de prata da sua jaqueta e ficou na frente de Kara, protegendo-a. De alguma forma, ela não estava surpresa ao ver a arma na mão dele. Ela olhou por cima do ombro e seguiu o olhar do estranho.

Uma sombra veio na rua em direção a eles. Era enorme, com brilhantes olhos

vermelhos e os membros desengonçados. Ela movia-se como um animal selvagem, mas, de alguma forma, seus movimentos eram irregulares e torcidos. No início, Kara pensou que fosse um cão normal, mas aquilo era muito grande para ser um cão. A criatura foi para a luz. Em vez de pele, tentáculos cobriam suas costas como serpentes. Os olhos vermelhos estavam fixos em Kara. Um pus negro escorria de seu corpo e pingava na neve, como óleo quente. Uma rajada de vento fresco trouxe o cheiro de carne podre. Seu rosnado antinatural cortava o silêncio tenebroso. Um calafrio a percorreu. Kara estremeceu ao som das unhas raspando na calçada, como facas em um quadro-negro. O

coração dela batia forte. Então, uma segunda criatura idêntica se aproximou; depois, outra. Assim que viu as criaturas, ela sabia que elas eram malignas.

— Demônios de caça — disse o estranho com os dentes cerrados.

Kara deu um passo para trás:

— Eles não parecem muito amigáveis...

Ele agarrou a mão dela, e Kara sentiu um surto de energia elétrica de seus dedos.

— Eles não são. CORRA!

# *Capítulo 5*

## *Tranco no Cérebro*

**K**ara não queria virar comida de demônio. Ela gostava do aperto do estranho em sua mão enquanto eles corriam pela rua, embora se sentisse um pouco eletrificada. Ele era rápido, muito rápido, e extremamente forte. Não havia dúvidas que se tratava de um anjo. Não havia outra explicação, a menos que ele fosse meio-irmão do Super-homem.

Ele a carregava como se ela fosse uma boneca, como se nem tivesse peso. Seus pés ficavam suspensos no ar a maioria do tempo, tocando a terra firme a cada poucos segundos. Era a coisa mais próxima de voar que ela já havia experimentado. Ela deu uma olhada para trás...

Os cães demoníacos corriam como logos gigantes e anabolizados. Ela não estava certa de que o estranho seria rápido o suficiente. Eles faziam sua pele se arrepiar. Em breve, os demônios os alcançariam.

— Atrás de nós, os demônios — disse Kara, tentando recuperar o fôlego. — Mais rápido!

De repente, o estranho agarrou Kara, impulsionou o corpo para frente e arremessou sua adaga com o outro braço. A arma cortou o ar como uma bala, perfurando a cabeça da criatura mais próxima com um baque. A besta tropeçou e tombou com um uivo, atingido em cheio. Kara cobriu seus ouvidos com as mãos quando o cão demoníaco gemia e sua pele chiava como óleo em uma frigideira. Em poucos segundos, a criatura não era nada além de um pequeno monte de cinzas pretas na neve branca.

Kara procurou na escuridão por outras criaturas. Algo se moveu na rua entre dois edifícios. Mas quando ela piscou, já não havia mais nada.

— Para onde foram os outros dois? Eles estavam lá agora pouco. — disse Kara, exasperada.

— Não sei, mas eles não estão muito longe. Provavelmente nos observando, esperando um erro nosso.

Kara inspecionou os restos:

— Ele está morto? Parece bem morto para mim.

— Por enquanto, sim. Seu espírito voltou para o inferno — respondeu o estranho.

Ele procurou sua adaga de prata, limpou-a e colocou-a de volta em sua jaqueta: — Não podemos ficar por aqui; é muito perigoso. Eu preciso levá-la até um local seguro, onde os demônios não serão capazes de nos seguir.

Kara remexeu as cinzas com sua bota:

— O que são essas coisas? Em um momento eram sólidas, e no outro se transformaram em pó, como se tivessem entrado em combustão espontânea.

— Cães demoníacos são caçadores e guardiões do submundo. Eles são rastreadores peritos e assassinos. Pense neles como cães policiais, só que maiores e um milhão de vezes mais maus - e eles estão aqui para matá-la. Alguém os mandou atrás de nós.

O estranho agarrou a mão de Kara, que se sentiu elétrica novamente.

— Agora que eles conhecem nosso cheiro, não há nada a ser feito. Se preciso, eles nos caçarão para sempre. Nunca vão parar até serem destruídos, e outros virão. Temos que sair daqui - este lugar não é mais seguro.

Enquanto se moviam, uma matilha de cães demoníacos gigantes e raivosos saiu das sombras e avançou lentamente em direção a eles. Os cães rosnaram e levantaram o nariz, cheirando o ar. Kara se sentiu como se cem formigas estivessem subindo por sua espinha. Ela podia ouvir as batidas do próprio coração.

— Eu vou nunca me livrar deles, não é? Eles sempre irão me encontrar, não importa onde eu vá. — Ela sabia que era verdade.

— Você é como um ímã de demônios — disse David, olhando para Kara com um olhar estranho. — Sempre foi. Mas isso é estranho - eu nunca vi tantos de uma só vez.

Geralmente, eles são mandados em pares, não em matilha. Não consigo lutar contra todos eles. Teremos que fugir.

Os cães uivaram e atacaram.

— A menos que você queira se tornar uma nova marca de comida de cachorro, temos que ir!

Ele puxou Kara, que correu até suas pernas arderem e pesarem como concreto. Cada respiração era como engolir lâminas de barbear. Sua garganta ardia. Ela não podia continuar. O tal David nem suava. Talvez os anjos não precisassem suar. Ela se perguntava se eles precisavam comer ou tomar água. Será que ainda faltava muito para eles chegarem até o esconderijo?

O mau cheiro dos demônios queimavam as narinas de Kara. Ela engolia a bile em sua garganta e tentava respirar pela boca, mas o frio queimava sua garganta.

Eles correram por outra rua escura e viraram uma esquina - as lâmpadas nos postes iluminavam o céu escuro como estrelas brilhantes, ajudando Kara a ver para onde estavam indo. David não parecia se importar com a escuridão. Anjos enxergavam no escuro? Kara tremia e suava frio. Se ela não se aquecesse logo, logo ela ficaria doente ou morreria de exaustão.

As garras das criaturas raspavam a rua, e já estavam tão próximos que Kara conseguia sentir seu hálito fétido em seu pescoço. Se não chegassem a um lugar seguro, virariam comida de cachorro.

Uma placa verde e quase coberta de neve dizia: Saint-Marc. A rua estava coberta de neve, e as lojas que ladeavam as ruas estavam escuras e fechadas.

Todas, exceto uma. Eles correram em direção a uma luz suave e amarela, que emanava de uma loja situada entre a Pizzaria tudo o que você pode comer do Mario e o Padaria do Bill Caolho. Enquanto cambaleava para a frente, Kara olhou para trás e seu coração quase saiu pela boca.

Os cães demoníacos estavam a centímetros de distância. Seu hálito pútrido a fez engasgar. Ela perdeu o equilíbrio e tropeçou. Em um instante, o estranho agarrou seu casaco e a puxou, tirando-a do alcance de uma garra gigante que passou perto do seu rosto. Kara podia sentir o cheiro de carne podre.

O estranho empurrou Kara para frente, protegendo-a com o próprio corpo.

Ele se virou para enfrentar os demônios.

David atingiu o primeiro entre os olhos com um poderoso golpe e a besta caiu para o lado, apenas para ser substituída por outra ainda maior. A fera se lançou com as presas afiadas em direção ao rosto dele, e os tentáculos o atacavam como cobras. Ele gritou quando puxou o tentáculo farpado do pescoço, e uma luz brilhante escoou do ferimento em sua pele.

Kara estava ofegante. Ela ouviu um gemido e se virou para ver fileiras de dentes pontudos, que brilhavam no escuro como as mandíbulas de um tubarão branco. Olhos vermelhos observavam cheios de ódio. Kara estava encarando a morte. Instintivamente, ela chutou e conseguiu acertar a cabeça de um dos cães.

A criatura uivou e saltou na garganta dela.

A porta da frente da Livraria do Velho Jim abriu subitamente.

O sr. Correu loucamente para a rua, com duas bolas de cristal do tamanho de laranjas nas mãos. Ele as arremessou nos cães demoníacos, uma após a outra, como se fosse um lançador de beisebol. O estranho puxou Kara para baixo, e as bolas de cristal passaram centímetros acima da cabeça dela.

A terra tremeu. Trovões e relâmpagos foram ouvidos, e uma luz branca e intensa iluminou a rua.

Os corpos dos cães foram cobertos com um fogo branco. As criaturas uivaram e rasgaram a própria pele. Quando o fogo diminuiu, elas se dissolveram. Exceto pelas pilhas de cinzas sobre a neve branca, a rua estava deserta. Os cães foram destruídos.

Kara se apoiou nas pernas trêmulas, esperando ser capaz de ficar de pé. Ela sentiu cãibra em uma delas. Sua garganta queimava com cada entrada de ar, e ela lutava para respirar, enquanto limpava o rosto com a manga do casaco.

— Criaturas imundas! Como ousam dar as caras na minha rua? Voltem ao mundo dos mortos! — bravejou o Sr. Patterson.

Ele caminhava pelas ruas chutando a neve.

— E nem pensem em voltar, ouviram? Estou avisando, mantenha seus cães na coleira!

A luz sempre prevalecerá! As trevas nunca vencerão a luz!

Kara não sabia se ele estava delirando, pois estava naquele frio usando apenas uma camisa havaiana e uma bermuda.

O sr. Patterson se virou e falou com Kara e o estranho.

— Ah! Finalmente! Aí estão vocês. Vocês estão meia hora atrasados. Eu estava começando a ficar preocupado. É uma verdadeira sujeira eles enviarem cães demoníacos para as ruas - para a minha rua. Marquem as minhas palavras - dias negros se aproximam. Mas não vamos nos demorar por aqui, pois existem

coisas piores do que cães demoníacos rondando hoje à noite. Venham para dentro, rápido.

Ele passou pelos dois apressadamente, resmungando para si mesmo até desaparecer pela porta da frente de sua loja.

— Sr. Patterson? — Kara observava seu chefe desaparecer por trás da porta.

Ela estava tensa, e sentia um calafrio na parte de trás do pescoço. O estranho a observava como algum tipo de experimento que deu errado.

— Então... este é o seu esconderijo? É sério? Eu trabalho aqui!

— Vamos — disse ele. — Nós explicaremos tudo lá dentro.

Antes que Kara pudesse dizer que não sairia do lugar até obter uma explicação, o estranho a empurrou até a porta da frente. A curiosidade e o medo dos cães demoníacos eram incentivo suficiente. Kara podia ouvir vozes enquanto pisava no capacho da porta.

Sinos de vento tocaram suavemente acima da porta da frente quando ela a empurrou.

A Livraria do Velho Jim estava com seu visual costumeiro - uma verdadeira bagunça. O

ar cheirava a uma mistura de cola velha e mofo, e a única lâmpada piscava no centro da loja, iluminando partículas de poeira que pareciam flocos de neve em miniatura. Pilhas de livros que chegavam quase até a altura do teto balançavam perigosamente.

O sr. Patterson estava atrás de um balcão de vidro no lado direito da loja, polindo freneticamente uma bola de cristal, como se ela estivesse irremediavelmente manchada.

Um movimento no fundo da loja chamou a atenção de Kara. Uma garota da idade dela surgiu de trás de uma estante. Ela parecia um soldado elfo, com um ar inteligente e um cabelo curto e roxo. Ela usava um casaco militar, calça preta e botas roxas.

Um rapaz tímido, de aparência nerd e óculos estava atrás dela. Ele olhava para tudo na loja com grande interesse. Ele estava usando a mesma roupa preta estilo militar e uma camisa verde com os dizeres Nerds dominam! A pele deles tinha um brilho sutil, como a do estranho.

A garota veio pulando em direção a Kara:

— Então, como se sente? Está cheia de emoções mortais e se sentindo repugnantemente sentimental? Está se sentindo enjoada? Sentindo vontade de chorar o tempo todo? Ah, como eu sinto falta de chorar. Este corpo é muito diferente de usar um traje-M? Aposto que é.

A garota sorriu, seus grandes olhos verdes brilhavam como esmeraldas gigantes.

Kara deu um passo para trás.

— Você é um anjo, também - não é? E ele — ela disse, apontando um dedo trêmulo para o outro garoto.

Estava quente dentro da loja, mas Kara ainda tremia. Ela pôs os braços ao redor de si mesma. Por que haviam anjos na livraria do Sr. Patterson?

Ela viu quando a garota e o estranho chamado David trocaram um olhar preocupado.

— Ela não lembra de nada — ele disse. — Não funcionou.

Sua expressão estava vazia, e ele ficava olhando para Kara como se ela pudesse se desfazer em pedaços a qualquer momento. Ela se sentiu como se tivesse entrado em uma conversa privada, na qual todos sabiam qual era o assunto, exceto ela. Isso a deixou um pouco irritada.

— Mas eles disseram que ia funcionar. — disse o garoto de óculos. — Isso não faz sentido - os oráculos geralmente não sabem de tudo?

A garota examinou Kara mais perto.

— Nada, sério? Você não sabe quem eu sou? — Ela perguntou para Kara em voz baixa, como se isso pudesse ajudá-la a se lembrar. — Sou eu... Jenny, sua melhor amiga.

Eu fui a primeira guardiã a cumprimentar você no DCD. Não lembra?

Kara balançou a cabeça, irritada.

— Eu - nunca - vi - você - antes - na - minha - vida — disse ela.

Kara estava com frio - seus dentes batiam uns contra os outros. Seu nariz começou a escorrer, e ela desejou ter um lenço de papel.

— Querida — disse o Sr. Patterson.

Ele colocou sua bola de cristal gentilmente embaixo do balcão de vidro e foi em direção a eles. Seus pés descalços fizeram barulho no assoalho de madeira, e suas pegadas marcaram a camada de poeira que cobria o chão.

— Agora nós estamos em apuros.

— Você acha? Vocês oráculos disseram que daria tudo certo. Obviamente não foi o caso. — O estranho chamado David andou em torno da sala com raiva e socou a estante mais próxima. O impacto derrubou uma pilha de livros.

O sr. Patterson ignorou a raiva dele e apertou as mãos de Kara. Suas sobrancelhas se ergueram:

— Querida, suas mãos estão frias como gelo!

— Eu perdi minhas luvas — disse Kara, mal-humorada. — Minha mãe as fez para mim.

— Sua garganta palpitava e seus olhos começaram a queimar.

Ela se odiava por ter esquecido sua mãe. Kara ainda precisava de medicação - ela precisava ir embora dali. Ela se forçou a não pensar em sua mãe. Kara não queria chorar na frente de estranhos.

O sr. Patterson sorriu gentilmente:

— Bem, deixe-me fazer uma xícara de chocolate quente para você se aquecer. Se não estou enganado, acho que você deixou um par de luvas aqui. Só um segundo, querida.

— Seria ótimo, obrigada — disse Kara.

O sr. Patterson desapareceu por trás de seu balcão, ligou um microondas e voltou alguns momentos mais tarde, com uma xícara de chocolate quente e um par de luvas de lã cinza e preta.

Kara pegou o chocolate quente com seus dedos endurecidos de frio e tomou um gole.

A bebida aqueceu sua garganta e aliviou a dor. Ela se sentiu rejuvenescida.

— Então essa coisa toda com a sua memória não funcionou, não é? — disse Jenny, parecendo preocupada. — Isso sim é uma pena. Eles disseram que só poderiam tentar uma vez, então o que vamos fazer? Ariel disse que Kara era a

única que conseguiria cumprir a missão como mortal. Nós não teríamos chance.

— É muito pior do que isso — disse David, em um tom irritado. — De alguma forma, ela está atraindo mais demônios do que antes. Aquele bando cães demoníacos quase acabou com a gente. Tudo que os oráculos fizeram foi pintar um alvo na testa dela. É

como se houvesse uma placa na cabeça dela com os dizeres almas grátis para demônios: venha e pegue a sua. — Ele virou-se para o Sr. Patterson, e sua expressão ficou sombria.

O sr. Patterson franziu a testa. Seus olhos desapareceram no meio das suas rugas: — Oh, querida, receio que nós não tenhamos pensado nisso. Se você estiver certo, ela está contaminada - em mais de uma forma. Sua verdadeira identidade está exposta.

— Exposta? — Kara assistiu à cena se desenrolar como uma minissérie na televisão, chocada por ser a protagonista!

— Como uma guardiã sem seu traje-M — disse o Sr. Patterson com naturalidade.

Jenny ficou de queixo caído:

— Um frango sem pele. Isso sim é uma droga.

O estranho chamado David coçava a cabeça:

— Eu não devia ter deixado ela fazer isso! Eu deveria saber que não funcionaria! A legião sempre a usou em benefício próprio. E agora ela é tão útil quanto...

— Quanto o quê? — disse Kara —... uma morta?

Ela olhou para o rapaz, desafiando-o a terminar a frase. Ele abriu a boca, mas ficou sem palavras e desviou o olhar. Algo em sua expressão nervosa a deixou desconfortável.

Será que o que ele estava dizendo era verdade?

— Caramba — o nerd de óculos esfregava sua testa. — Como ela vai conseguir completar a missão assim? Ela nem sabe quem somos nós. É melhor irmos para o DCD e falarmos com Ariel. Quer dizer, nós estamos em um beco sem saída, não estamos? Não dá para avançar com a missão desse jeito.

— Isso é realmente uma merda. — Jenny se jogou em uma cadeira e cruzou os braços sobre o peito.

— Sr. Patterson — disse Kara, enquanto olhava para o grupo. — O que está acontecendo? Você conhece essas pessoas?

Ela queria ter dito anjos, mas sentiu que seria muito estranho dizer isso para ele.

O sr. Patterson suspirou:

— Sim, querida. E você também, mas infelizmente não se lembra disso.

— Não, eu não conheço. — Kara abanou a cabeça e fez o que pôde para esconder o seu aborrecimento. — Eu nunca os vi antes. Eu acho que me lembraria deles - quer dizer, eles brilham no escuro!

— Está vendo? O que vamos fazer agora? — gritou David, antes que Kara pudesse fazer outra pergunta. — Estamos acabados! Não há nenhuma forma de chegar ao feiticeiro agora. Vamos encarar, a missão acabou. Nós perdemos.

Kara franziu a testa enquanto repetia mentalmente a palavra feiticeiro. O que era aquilo?

— Não é tão ruim quanto parece. Nós previmos algumas falhas no procedimento — O

Sr. Patterson acariciava sua barba branca. Ele ficou em silêncio por um momento e depois falou novamente — Eu acredito que ela só precisa de um empurrãozinho para recuperar as memórias. Mas temos que agir rápido, antes que a projeção desapareça completamente.

David pareceu congelar por um momento:

— Que tipo de empurrãozinho? É melhor não piorar as coisas. Eu posso acabar me descontrolando um pouquinho aqui na sua loja.

Apertando o passo, o Sr. Patterson correu para o seu balcão. Ele puxou uma gaveta e pegou a maior bola de cristal que havia ali. O objeto parecia uma lua em miniatura. Ele sorriu como um estudante.

— Precisamos dar um tranco no cérebro dela.

A boca de Kara se escancarou:

— Precisamos fazer o que com o meu cérebro?

Subitamente, o Sr. Patterson ficou muito parecido com uma versão miniatura do doutor Frankenstein - ele tinha uma expressão de cientista louco no rosto.

— Acho melhor não fazer nada com o meu cérebro — ela continuou — eu gosto dele como está, mas obrigada assim mesmo.

O velho e minúsculo homem se aproximou, embalando sua bola de cristal como se ela fosse um recém-nascido.

— Não vai doer, querida, eu prometo. — Seus olhos se arregalaram. — Na verdade, pode doer um pouquinho...

— Isso vai trazer as memórias dela de volta? — interrompeu David — tem certeza de que isso vai funcionar? Você tem 100% de certeza, velho?

— Vamos ter que pagar para ver, não é? Mas eu acredito que uma quantidade certa de propulsão com o cristal pode fazer o truque. Só uma pequena faísca! Mas temos que nos apressar.

O sr. Patterson avaliou Kara:

— Eu mal consigo ver a projeção nela. Ela está quase desaparecendo. Precisamos ser rápidos.

Kara franziu a testa:

— Olá? eu estou aqui, sabiam? E não quero que ninguém faça nada com o meu cérebro. Estão ouvindo?

O sr. Patterson ignorou Kara e olhou para Jenny: — Penny, pode trazer sua cadeira até aqui, por favor.

Jenny sacudiu a cabeça e os ombros:

— Penny era o nosso cão, senhor P.

Ela se levantou e empurrou sua cadeira até Kara: — Sente-se — ela ordenou com um sorriso enorme no rosto. — Seja uma boa garota.

Kara não se moveu:

— Espere um segundo, nada disso faz sentido -

David estendeu as mãos e segurou a mão de Kara. Ela se encolheu com a sensação de ser novamente percorrida por uma corrente elétrica.

— Confie em mim, Kara. Você precisa fazer isso. Tudo fará sentido em

breve, eu prometo. A Kara que eu conheço ia querer isso. Ela ia querer se lembrar e cumprir a missão.

Kara franziu os lábios. Ela estava em uma sala repleta de anjos e o Dr. Frankenstein estava prestes a fritar seu cérebro. Tudo sob controle. Para completar, os demônios estavam tentando matá-la, e a mãe dela estava morrendo de um vírus incurável. O que poderia ser pior? Ela não conseguia se livrar da sensação de que o estranho chamado David estava dizendo a verdade - de alguma forma, ela confiava nele.

Indo contra todo o bom senso, ela se afundou na cadeira e deu de ombros: — E agora?

— Segure isto em suas mãos. — O sr. Patterson entregou a bola de cristal para Kara.

— Você pode sentir um choque ou a sensação de calor, mas, aconteça o que acontecer, não a deixe cair — disse ele. — Seria muito ruim se você fizesse isso. Todo mundo se afaste! — Ele soltou a esfera, levantou os braços dramaticamente e pulou para trás.

Kara ia responder que não estava planejando deixar a bola cair, mas assim que suas mãos tocaram o cristal, uma série de imagens passaram por sua mente, e seu corpo enrijeceu. Era como se sua cabeça tivesse se transformado em uma televisão.

Ela se via lutando contra demônios disformes com brilhantes olhos vermelhos. Então, ela pulou em uma piscina de água salgada e viu seu corpo brilhar e se dissolver em pequenas partículas. Em seguida, ela foi amarrada a uma cadeira com um homem mecânico que drenava seu sangue. As imagens mudaram novamente, e ela se via lutando contra um grupo de homens carecas e mal-encarados, com olhos tatuados na parte de trás das suas cabeças. Ela queria gritar. As imagens mudaram - uma eletricidade dourada dançava por seu corpo, até que ela foi coberta por uma chama dourada.

Ela apertou suas mãos firmemente em torno do cristal, enquanto uma onda de energia passava por seu corpo. Suas pernas bateram uma na outra. Subitamente, o cristal pareceu pesado em suas mãos. As mãos de Kara começaram a suar, e seus dedos ficaram escorregadios. As imagens passavam cada vez mais rápido, até que ela achou que ia enlouquecer.

Silêncio. As últimas imagens vacilaram e desapareceram. Kara piscou. Suor

escorria do seu rosto e seu coração estava acelerado como se ela tivesse acabado de correr uma maratona. Ela rolou a bola de cristal suavemente em suas mãos molhadas.

Ela se lembrou. Ela se lembrou de tudo!

Kara olhou para cima e reconheceu o rosto dele. Ele havia dito a verdade desde o princípio.

— David, eu sinto muito.

David deu um sorriso largo:

— Bem-vinda de volta.

# *Capítulo 6*

## *A Vila de Boscastle, Cornualha*

**K**ara odiava os aviões.

Nem era tanto pelo avião em si, mas pela sensação de não estar no controle. A pior parte era a dor de cabeça latejante que havia começado na loja do Sr. Patterson. O

tranco em seu cérebro havia funcionado muito bem, mas ela não conseguia deixar de sentir que algo estava terrivelmente errado.

Quando o capitão anunciou a descida, ela agarrou os braços de seu assento, com o coração na garganta. Eles iam aterrissar em breve - logo ela estaria fora daquela máquina da morte.

Ela conseguia ver o contorno da Cornualha através das nuvens brancas e fofas. As vilas brilhavam ao sol, ao longo de uma longa faixa de terra cercada por um oceano azul.

Barcos e casas se alinhavam na costa. Vastos campos e montanhas se espalhavam pela terra, que também estava pontilhada por casas cobertas de neve.

Kara e sua equipe não haviam se separado antes por tanto tempo. Ela precisou voar sozinha, pois não conseguia fazer nenhuma das coisas sobrenaturais as quais estava habituada a fazer como guardiã. Ela se sentiu mais distante da legião do que nunca.

Ela puxou para a pulseira de couro que David lhe dera. Aquele pequeno objeto lhe dava uma sensação de conforto e segurança.

Kara não tinha dormido. Enquanto o resto do grupo usou as piscinas para viajarem até a Cornualha, ela tinha sofrido oito horas de queijo mofado, enjoos e gritos de crianças que ficavam chutando seu assento. A adrenalina de ser perseguida por demônios começou a sumir da memória dela. Kara ainda não estava pronta para reviver os eventos do dia anterior.

Ela pensou em sua mãe. A única chance que ela e os outros tinham de lutar contra o vírus do feiticeiro era Kara conseguir matá-lo. Ela jurou que faria isso, fosse como fosse.

Kara limpou as mãos suadas em seu jeans e tentou respirar novamente. Ela precisava encontrar uma bruxa das trevas, que desprezava os anjos, para conseguir ajuda e derrotar o feiticeiro - ela teria que enfrentá-lo como mortal. A única coisa que lhe sobrou foram seus conhecimentos sobre como usar sua lâmina.

A arcanja Ariel lhe contara que, a cada minuto, o feiticeiro matava mais centenas de almas. Eles ainda tinham cerca de dois dias antes do solstício de inverno, então precisariam encontrar a bruxa das trevas rapidamente. Sem pressão.

Kara balançou suavemente para frente quando o avião fez contato com a pista.

Quando a luz que indica que os passageiros devem permanecer sentados se apagou, ela seguiu para fora do avião e foi até o aeroporto.

— Kara! Por aqui!

Kara viu David, Peter e Jenny em pé, perto da saída principal. David parecia mais bonito do que nunca. E para completar, ele estava brilhando feito louco. Com seu cabelo loiro e pele dourada cintilante, ele parecia um Deus brilhante. Não era justo.

Jenny a recebeu com seu habitual abraço de urso e Peter sorriu desajeitadamente, procurando algo para fazer com as mãos. Para espanto de Kara, Ashley e sua equipe veio em direção a eles. Ela se deparou com o olhar de Ashley, mas não desviou o seu.

— Que fazem aqui? — disse Kara, com um pouco mais de malícia do que pretendia.

Ashley jogou sua longa trança loira por sobre o ombro e sorriu. Suas feições sarcásticas se distorciam em dissimulação: — O quê? Você não está feliz em me ver? — Ela riu e virou-se para sua equipe que grunhiu em aprovação.

Pela primeira vez, Kara realmente olhou para a equipe da Ashley. Todos tinham a mesma idade do pessoal de seu grupo, entre dezesseis ou dezessete anos. Sasha era uma garota tímida. Ela era baixinha, com cabelo de palha na altura do ombro e piscava os olhos como se estivesse tentando se concentrar. Ela mexia os dedos nervosamente atrás de Ashley. Raymond era robusto e alto, com cabelo vermelho e um rosto de parasita. Ling tinha um rosto magro e dedos

longos que pareciam precisar de algo para fazer. Ele tinha o cabelo preto comprido e oleoso igual ao dos membros daquelas bandas grunge. Seus olhos negros nunca saíam de Ashley. Kara tinha certeza de que ele buscava a aprovação dela, como o bom cachorrinho que era.

— Nós estamos aqui para o caso de você falhar, sua aberração. — Ashley zombou, e seus asseclas bufaram.

Um calor subiu até o rosto de Kara:

— Quem falou em falhar? Eu nunca falhei em nenhuma missão, e não vou começar agora.

Mas Kara não estava tão segura de si mesma. A verdade era que ela estava completamente apavorada de realizar essa missão como uma mortal. Ela sentiu seus olhos arderem e esforçou-se para mantê-los secos. A última coisa que ela queria era chorar de raiva na frente de Ashley. Era horrível ser mortal agora.

Ashley cruzou os braços:

— Isso é o que vamos ver. Ariel enviou duas equipes nesta missão - e nós vamos completá-la - não um projeto de guardião feito você. Não sei no que Ariel estava pensando. Quer saber? A Legião sempre lhe deu muito crédito. A velha bruxa vai matar você, sabe. Eu farei ela nos ajudar.

Kara zombou e deu um passo à frente:

— Com certeza. Vá em frente. Quer ver você tentar...

— Kara — interrompeu David apontando para o relógio. — Desculpe interromper essa linda briga de gato, mas temos de ir. Boscastle fica a 20 minutos de carro daqui, e não é como se tivéssemos muito tempo.

Kara se afastou de Ashley, embora quisesse mesmo era arrancar aquele sorriso permanentemente do rosto dela com um tapa: — Sim... vamos lá.

Uma dor súbita irrompeu na cabeça de Kara como uma explosão. Um fogo branco quente queimou o cérebro dela. A dor era tão intensa que ela desejava desmaiar. Um flash de luz branca estourou nos olhos dela. Ela cambaleou e apertou as mãos contra a cabeça.

David correu para o lado dela:

— Kara, o que é? Qual é o problema? — Ele procurou o rosto dela.

Kara esfregou sua testa.

— Não é nada — ela disse, sentindo a dor súbita diminuir e desaparecer. — Apenas uma enorme dor de cabeça - já passou - provavelmente algo a ver com a pressão da viagem de avião. Eu estou bem – de verdade - não se preocupe.

A última coisa que ela precisava era que eles cancelassem a missão por acharem que ela estava muito frágil.

Ela sentiu uma súbita umidade gotejar de seu nariz. E quando estendeu a mão e limpou, um líquido vermelho manchou seus dedos. Ela franziu a testa ao olhar para o sangue em sua mão. Ela nunca havia tido um sangramento nasal em sua vida. Ela sabia que David a estava vendo. Ela limpou o sangue com um lenço da Loja do Sr. Patterson.

Depois de um tempo, o sangramento parou.

— Kara, você está sangrando horrores.

A expressão de David se fechou:

— Isso é normal para você? Isso acostumava acontecer antes?

Kara, colocou o lenço no bolso e deu o seu melhor para não olhar em pânico: — Na verdade, não - mas não é nada, olha, parou agora. É só um pouco de sangue.

David estreitou os olhos:

— Eu tenho um mau pressentimento sobre isso, algo não parece certo.

Kara sentiu a força retornar para suas pernas: — David, pare de olhar para mim como se eu estivesse prestes a desmaiar. Eu estou bem.

— De onde estou vendo, você não parece bem. — disse Ashley. — Sangramentos nasais súbitos são um mau sinal. Parecia que você estava tendo um colapso.

Kara olhou para a garota com o que ela esperava ser sua melhor cara de má: — Eu não estava. Eu estou perfeitamente bem.

— Ah, mas você não está - e isso foi, sim, um colapso. — Ashley encarava Kara. — Você obviamente está muito fraca para terminar a missão. É como eu disse... você é como um peso morto.

David se virou para Ashley:

— Afaste-se, sua cabeça oca. Chamá-la de idiota seria um insulto a todos os estúpidos mundo afora.

Ashley riu suavemente:

— Eu sinto pena de você, David. Ela é uma aberração. Não estou sozinha quando digo que nunca deveriam ter permitido que ela se juntasse à Legião em primeiro lugar. Você ficaria surpreso com quantos guardiões verdadeiros querem que ela se vá. Ela não é uma de nós de verdade - e ela nunca vai ser. Ela está infectada. Ela desapontará você - e levará todos com ela. Você vai falhar. Ariel não consegue confiar nela. Ninguém consegue. Nós somos seus substitutos. Nós somos a equipe de apoio.

Jenny ficou do lado de Kara:

— Não dê ouvidos, Kara - ela é uma farsa. Ela está com ciúme porque você é legal e bonita, e ela se parece com um pug.

— Está certa. — disse Peter — Ela provavelmente tem inveja de você, é por isso que ela está sendo tão mesquinha.

Mas era tarde demais. As palavras de Ashley a machucaram. Ariel não confia nela?

Ashley e sua equipe estavam ali caso ela ficasse esquizofrênica? Ela estava destinada ao fracasso?

— Se você não voltar em três horas, fomos instruídos a entrar. — disse Ashley.

Ela sorriu para Kara:

— Boa sorte, anormal. — Ela estalou os dedos e se afastou com seus capangas trotando atrás dela, se achando orgulhosa e muito importante.

— É isso — disse Jenny. — É oficial - eu odeio ela. — Ela mostrou a língua e fez uma careta.

Peter balançou a cabeça:

— Não dê motivo para ela se vangloriar. Nós precisamos ir.

David olhou para Kara cuidadosamente:

— Ele tem razão, temos que nos dividir. Peter, você sabe como chegar a Boscastle daqui?

Peter puxou um dispositivo quadrado, parecido com um telefone celular, do bolso da jaqueta. Ele deslizou seu dedo pela tela e uma pequena versão holográfica do mapa apareceu e pairou na frente dele. Ele acenou com a mão, e o mapa desapareceu: — Sim. Vamos encontrar um táxi e sair daqui. — Ele guardou sua engenhoca no bolso.

— Esqueça a Ashley — disse David enquanto observava o rosto de Kara. — Não é verdade o que ela disse, você sabe. Ela só está tentando te prejudicar. Ela quer que você falhe. Não acredite nas mentiras dela.

Kara evitou os olhos dele:

— Não acho que tudo o que ela disse seja mentira. Parte de mim acredita nela. Eu vejo como os outros anjos da guarda olham para mim. Eu não sou cega. Sei que a maioria deles querem que eu vá embora.

— Queremos você conosco.

David estendeu sua mão e pegou a de Kara. Ela estremeceu com o toque: — Você, Jenny, Peter e eu somos uma equipe. Você é um de nós.

— Não, não sou - eu sou diferente. Eu nunca vou ser como vocês. — Kara virou-se de costas para David, mas não antes que ela visse a dor em seu rosto.

Kara não disse uma única palavra durante a viagem de vinte minutos de táxi à vila de Boscastle. Ela se sentou no banco traseiro da minivan azul escuro, olhando para seu reflexo na janela, com raiva de si mesma por parecer uma tola na frente da Ashley e sua comitiva. O sangramento nasal não ajudara – mas o pior era como David a observava agora - como se ela estivesse prestes a ter um grande colapso a qualquer momento.

Ninguém tentou falar com ela e ela ficou satisfeita, por medo de que realmente pudesse ter um colapso.

A paisagem passava como um borrão, e quando menos esperava, a minivan parou.

David pagou o taxista e todo mundo saiu do carro.

Eles estavam em um grande estacionamento com vista para uma vila pitoresca, com casas pintadas de todas as cores do arco-íris. A vila de Boscastle ficava ao pé de três grandes vales. Ao Sul, em uma fenda profunda na costa, onde dois vales íngremes e profundos se encontravam com o mar, ficava o porto.

Ele se estendia pelo vale em forma de Z, até juntar-se ao mar. Barcos pitorescos estavam aportados, e alguns transeuntes passeavam pelas ruas. Um jovem casal observava um mapa e apontava para uma das casas. Fora isso, a vila estava quase vazia.

O longo rabo de cavalo de Kara se agitou no vento frio, e ela ficou satisfeita com seu casaco de penas de ganso. De respiração saía um vapor condensado. O cheiro distante de peixes e algas vinham do oceano.

Jenny puxou seu arco e o colocou no ombro. Ela viu Kara olhando: — Eu sei que a Ariel disse que as armas seriam inúteis. Eu poderia passar mais incógnita com apenas uma lâmina - mas eu me sinto nua sem meu arco, como se algo estivesse faltando. Eu me sinto segura e completa com ele. E pelo seu olhar - você acha que eu sou tão louca quanto o meu cabelo, não é?

Kara sorriu e acenou com a cabeça:

— É claro não, eu sei exatamente o que dizer. E eu adoro seu cabelo.

Kara se sentia tão desprotegida sem seu traje M. Era como se ela tivesse saltado para a parte mais funda da piscina sem saber nadar e estivesse afundando até o fim.

David bateu as palmas das mãos:

— Está bem, senhoras e senhores - agora que estamos aqui, que tal perguntarmos por aí sobre o paradeiro daquela velha. Com certeza, alguém sabe onde ela está escondida.

O sol da manhã aquecia o rosto de Kara, embora a neve cobrisse os telhados e as ruas da pequena vila. Comerciantes abriam suas lojas, desligavam os letreiros e limpavam a neve da porta da frente. Um homem de uns sessenta anos, com cabelo branco e barba aparada, estava fazendo alguns reparos na casa mais próxima. Seu longo casaco verde balançava ao vento.

— Venham, vamos perguntar a ele. — Kara apressou-se até o homem, os outros a seguiram.

O velho olhou quando eles se aproximaram. Seu rosto abatido pelo tempo se abriu em um largo sorriso:

Visitantes, hein? O que posso fazer por você nesta manhã fria? Posso oferecer-lhes um café da manhã?

Kara sorriu:

— Não, obrigada. Hum... nós gostaríamos de saber se você... — Ela vacilou, pois sabia quão louco soaria perguntar sobre uma bruxa, mas ela tinha de tentar. — Você poderia nos dizer onde mora a bruxa Olga?

O sorriso do velho desapareceu, e ele ficou pálido. Ele olhou o arco de Jenny com desconfiança e franziu a testa:

— Não conheço nenhuma bruxa. Não sei de onde vocês, turistas, tiram suas ideias malucas. Deixem-me em paz.

Ele virou-se, indo rapidamente para dentro de sua casa e batendo a porta com um estrondo.

— Bom — disse David rindo. — Eu estava querendo tomar café. Nada como gordas e suculentas salsichas, bacon e panquecas para começar o dia. Cara, que dias aqueles...

— Você viu o quão assustado ele ficou quando você mencionou o nome da bruxa? — Disse Jenny. Ela olhou para a casa do velho. — É como tivesse ficado paralisado ou algo assim.

— Sim, ele surtou totalmente. — Concordou Peter examinando a rua. — Pelo menos sabemos que estamos no lugar certo - definitivamente devemos tentar outra pessoa.

Kara suspirou e olhou para outro lado da rua. Uma jovem em seus vinte anos estava colocando luzes e arcos vermelhos de Natal ao redor da vitrine de uma pequena loja. Ela usava um casaco vermelho-tomate, e seus cabelos sedosos balançavam ao vento. O

nome As Maravilhas de Margaret, estavam gravadas em vermelho no vidro.

— Bem, talvez esta senhora saiba. — Kara caminhou em direção à loja.

— Com licença — disse Kara com o melhor sorriso que tinha. — Procuramos por uma mulher chamada Olga. — Ela achou melhor deixar passar a parte da bruxa desta vez. — Você sabe onde ela mora? Precisamos falar com ela - é importante.

Mas não adiantou. Os olhos da mulher se arregalaram e ela correu de volta para dentro de sua loja e virou a placa de aberto para FECHADO.

— O que você fez com ela? — David correu até Kara, espalhando um sorriso

largo no rosto. — A última vez que uma garota fugiu de mim assim foi porque eu...

Kara empurrou David:

— Poupe-me dos detalhes, seu galanteador. Precisamos encontrar a velha bruxa.

Alguém tem de nos ajudar. Alguém tem de saber onde ela mora! — Ela deu de ombros.

— Bem, não acho que os moradores vão ajudar. Olhe. — Peter virou a cabeça para a rua. Kara viu rostos assustados por trás das janelas. Todos fechavam as persianas e puxavam as cortinas por toda a rua. Os moradores estavam se trancando em casa.

— Eu acho que eles não gostam da bruxa — disse Jenny.

— Talvez ela tenha tentado comer os filhos deles — sugeriu David inocentemente. — Já pensou nisso? Talvez seja isso o que as bruxas fazem aqui - ensopado de criança.

— Peter, você por acaso não teria um GPS de bruxas com você? — Kara estava desesperada.

Peter deu de ombros:

— Não. Sinto muito. Embora eu bem que quisesse ter. Vai demorar o dia todo para a procurarmos por conta própria. Ela pode estar em qualquer lugar, e não temos muito tempo.

— Você não precisa me lembrar. — os nervos de Kara estavam à flor da pele, e o que era pior: a cabeça dela começava a pulsar outra vez. O chão estremeceu, e ela sentiu uma tontura repentina. As coisas estavam piorando. Ela tinha de se concentrar em encontrar a bruxa.

Quando Ariel havia dito que os moradores saberiam onde encontrar a bruxa, ela não previu esse tipo de hostilidade. Kara olhou para longe. Um vasto precipício se estendia na beira da vila. E só havia uma pequena trilha por onde pudessem passar.

David dançou, parecendo satisfeito consigo mesmo: — A nossa sorte mudou, companheiros.

Ele apontou para um velho pub desbotado que ficava entre duas casas: —

Não há nada que possa saciar a sede como uma cerveja gelada em um dia frio.

Minhas preces foram atendidas - e é um pub. — Ele começou a andar, mas Kara o puxou de volta.

— Você é menor de idade, seu bobo. Você não pode entrar lá.

— Pessoal! Olha! — disse Peter apontando.

Ao lado do pub de David havia uma pequena loja de pedra cinza com persianas pretas. Nele havia uma pequena placa com os dizeres em letras brancas: Feitiços ou Truques, Depósito de Bruxaria.

David assobiou bem alto:

— Bem, se eles não podem nos ajudar a encontrar a bruxa Olga, então eu dou um jeito.

Kara não podia acreditar na sua sorte. Havia apenas uma maneira de descobrir se eles estavam certos.

— Vamos lá. — Esquecendo a dor latejando em sua cabeça, ela correu até a grande porta preta com pintura descascando. Havia uma máscara de bruxa entalhada do lado de fora da porta. A maçaneta saía da boca da bruxa como uma língua torta. Kara a segurou e virou.

Um sino de vento soou quando a porta começou a abrir. O ar estava quente e com cheiro de incenso. A garganta de Kara queimou imediatamente e ela começou a tossir novamente.

— Uau... olha só este lugar. — O queixo de David cair. — É incrível. Sinto como se tivéssemos acabado de entrar em uma casa assombrada.

Kara limpou os olhos e olhou ao redor.

A pequena loja estava desordenada com mercadoria de bruxaria. Centenas de caldeirões estavam empilhados uns sobre os outros, chegando até o teto em pilhas tortas. Bonecas com olhos vermelhos feitos de palha, forcados, vassouras de palha de todo tamanho e cor, colares, medalhões, bolas de cristal e punhais afiados em forma de garras enchiam os balcões e as prateleiras. A suave luz amarela que iluminava a loja vinha de dezenas de velas penduradas nas paredes com candeeiros de ferro em forma de olhos. Um incenso estava aceso em um queimador em forma de um deus com chifres.

Um grande medalhão com um símbolo de espiral gravado no metal ficava

pendurado em um prego na parede lateral.

Kara, de repente, sentiu pares de olhos atrás de si. Ela se virou para o lado. Três gatos pretos deitavam preguiçosamente sobre um balcão no canto esquerdo da loja. O

pelo liso e negro brilhava na luz suave como piche líquido. Eles observavam Kara com olhos amarelos. Algo encostou nos tornozelos dela - outro gato preto passeou entre as pernas dela. Com sua cauda no ar, ele calmamente se afastou e desapareceu atrás de pilhas de caixas na parte de trás da loja.

— Oh. Meu. Deus. Não são lindos? Eu amo gatos. — Jenny inclinou-se sobre o balcão e estendeu a mão para um dos gatos. O gato mostrou os dentes e as garras agressivamente. Num piscar de olhos, ele a cortou com sua pata, rasgando a manga de seu casaco. Jenny praguejou alto e afastou a mão.

— Eles não são assim tão bonitos mais, não é? — David e Peter trocaram um olhar e começaram a rir.

Jenny baixou os olhos. Ela virou-se para garantir que os outros não estivessem olhando e, com um movimento rápido, ela empurrou o gato do balcão: — Dê o fora. Esse era meu casaco favorito, sua bola de pelos.

Kara riu. Só, então, ela notou uma placa de madeira pendurada ao lado do balcão.

Nela dizia:

**Aviso a todos os ladrões: Leve sem pagar e seja amaldiçoado!**

Ocorreu a Kara que, talvez, a dona fosse uma bruxa. E se a loja fosse da Olga? Se fosse, ela teria um pouco mais tempo para convencê-la. Ela pensou em como seria o seu discurso: Oi, eu sou uma guardiã - por favor, não nos mate.

— Ei pessoal, venham ver isso — chamou David na parte de trás da loja. — Vocês não vão acreditar.

Jenny sorriu, e as duas foram até David e Peter. Eles estavam com a testa colada numa parede grande de vidro - com os olhos fixados em algo do outro lado. Kara se aproximou para ver melhor. Atrás da parede de vidro, havia era uma variedade de correntes de metal. Uma placa de metal gravada estava fixada no local. A inscrição dizia: **Número da ID: 1677**

**Nome do objeto: Grilhão Classificação: Perseguição/Tortura**

**Informações: Cinta antiga usada na tortura de bruxas durante os séculos XVI e XVII**

O pescoço de Kara se arrepiou:

— Você acha que essas coisas são reais? — Ela se lembrou do que lera sobre a tortura das bruxas no século XVI. A enojava a forma como as pessoas daquele tempo acusavam as mulheres de bruxaria, culpando-as por suas colheitas ruins ou a falta de chuva. As mulheres ainda eram culpadas pela morte dos recém-nascidos. No século XVI, Kara teria sido queimada como uma bruxa.

— Tem de ser real — disse David. — Não acho que isso estaria protegido atrás deste vidro se não fosse de verdade. Meu palpite é que tudo isso é muito real.

Kara engoliu em seco. Havia manchas marrons nas algemas. O estômago dela se revirou.

— Isso é... isso é sangue?

Peter abaixou a cabeça:

— Parece que sim, mas poderia ser apenas terra — ele acrescentou rapidamente quando percebeu o rosto de Kara. — Sim - tenho certeza de que é apenas terra.

David deu um olhar preocupado.

Apesar da loja seca e quente, Kara se estremeceu. Ela olhou para os grilhões, sentindo sua frieza e revolta. Que tipo de bruxa colocaria aquilo em exibição?

Inconscientemente, ela brincava com sua pulseira de couro e se perguntava como seria a sensação das correntes frias contra sua pele.

— Isto é seriamente doentio, esses objetos são reais — disse Jenny, preocupada com as algemas. — Tem de ser uma piada, ou apenas um embuste para atrair mais turistas para esta cidade deplorável.

— Asseguro que não é brincadeira — disse uma voz rouca atrás deles.

Kara virou-se. Sua respiração estava presa na garganta.

A coisa mais estranha que ela já vira saiu das sombras. Unidas pela cintura, ali estavam as gêmeas siamesas mais feias que Kara já havia visto.

# *Capítulo 7*

## *Sra. Fay e Sra. Fay*

**A**s gêmeas siamesas pareciam uma aranha humana de quatro patas. Elas chegaram para frente, e Kara deu um passo inconsciente para trás, batendo com a cabeça na parede de vidro. Elas vestiam exatamente a mesma coisa: um terno preto com gravata.

Elas pareciam tristes agentes funerários com expressões assombradas. Suas cabeças eram grandes e oblongas, e seus rostos desfigurados e cheios de rugas faziam seus olhos molhados parecerem anormalmente grandes. Ambas tinham cabelos negros e oleosos, cortados na altura do queixo. Seus olhos e sobrancelhas estavam desigualmente delineadas em kohl preto, como se tivessem passado a maquiagem no escuro.

Uma das gêmeas era ligeiramente mais baixa, e sua cabeça pendia artificialmente para o lado, como se o pescoço estivesse quebrado. Ela sugava desesperadamente um cigarro, como se fosse oxigênio, enquanto sua irmã abria a boca para soltar a fumaça branca.

Seus olhos amarelos iluminaram-se com a visão de Kara e seus amigos, assim como os gatos.

— Olhe aqui, irmã — disse a mais alta. Restos de fumaça de cigarro escaparam de seus lábios; sua voz era rouca, como se ela estivesse sofrendo de um grave caso de garganta infeccionada por estreptococos.

— Temos alguns visitantes. E jovens, pela aparência.

A irmã sorriu e revelou uma boca cheia de dentes podres e amarelos. Ela parecia já ter fumado mais de 1 milhão de cigarros, e era como se a pasta de dentes ainda não tivesse sido inventada. Ela deu outra longa tragada.

— Sim, irmã, quatro jovens... mas eles não são visitantes comuns — ela respondeu com uma voz igualmente rouca. — Não, estes visitantes são alterados - disfarçado como os vivos - muito antinatural.

— Sim, irmã, muito antinatural. Por que os mortos, os andarilhos espirituais, se atreveriam a entrar no nosso estabelecimento? Eles não são os mais

inteligentes das abominações por virem aqui, onde os mortos não são bem-vindos.

— Na verdade, você está certa em perguntar isso, irmã. Com exceção de uma.

— Sim, irmã, exceto uma.

A mulher menor levantou a cabeça, fechou os olhos por um momento e cheirou o ar.

— Eu sinto o cheiro dela, doce como bala e xarope de dente de leão. Hmm - muito estranho para alguém tão jovem, mas aí tudo bem, nenhum erro.

Os olhos dela se abriram de repente, e ela acenou com a cabeça parecendo decepcionada.

— Você tem companhias muito estranhas, garota. — Disse ela com seus olhos amarelos focados em Kara. — É muito estranho que alguém como você esteja com gente com essa. Está ciente da companhia que tem? Você sabe o que são essas criaturas? Eles são abominações que andam pela Terra. Muito antinatural - e uma ameaça para o mundo dos vivos.

Kara se moveu inquietamente, mas manteve-se firme, determinada a não deixar aqueles olhos a assustarem. Havia algo muito estranho naqueles olhos amarelos. Era quase como se eles vissem as coisas que os outros mortais não podiam. Elas podiam ver através do traje-M?

— Eu me sinto como se estivesse no Além da Imaginação. — Sussurrou David ao ouvido de Kara. — Olhe para elas. Vou ter pesadelos durante anos - marque minhas palavras.

Os olhos das gêmeas se arregalaram e se voltaram com velocidade surpreendente para David. Elas olharam para ele com as mãos em seus quadris e o analisaram como se ele fosse um objeto curioso. Seus olhos amarelos brilhavam.

A gêmea mais baixa apontou um dedo ossudo com uma unha muito suja para David: — Você deve bater na madeira três vezes, depois de mencionar palavras cruéis, senão os maus espíritos vão arruinar as coisas para você, andarilho espiritual — disse ela antes de tragar o cigarro.

David levantou as mãos em sinal de rendição: — Hã... claro... bem, como

quiser.

A outra gêmea soprou fumaça na cara de David.

— Vocês, espíritos que andam pela Terra, seriam sábios em conter suas línguas na presença das irmãs Fay. Vivemos com seus comentários maldoso todas as nossas vidas.

Mas, apesar de como você nos vê, nós não somos antinaturais. Vocês são.

David compartilhou um olhar com Kara, e ela percebeu que ele estava se esforçando para não cair na gargalhada. Ela sabia que ele não podia manter sua boca fechada por muito tempo. A coisa acabaria mal se ela não intervisse. Jenny e Peter olharam para Kara e deram de ombros, parecendo esperar que ela fizesse alguma coisa.

— Perdão, Sra. Fay — disse Kara à gêmea menor — Você também, Sra. Fay — disse ela para a outra — Meu amigo não quis dizer isso e ele está muito arrependido. Não é, David?

Como ele não respondeu, ela o chutou.

— Ah... Sim, sim, claro — David tentou se recompor. Ele pôs a mão no peito e disse com falsa humildade. — Peço desculpas. Estou profundamente envergonhado e lamento a dor que causei a mulheres tão admiráveis.

As irmãs Fay olharam bravas para David. Seus rostos feios estavam ainda mais perversos. Elas olhavam o grupo intensamente, com seus olhos amarelos molhados que nunca piscavam.

— Por que estão aqui, andarilhos espirituais? — perguntou a irmã menor. — Por que estragam nossa loja com sua presença corrompida? Vai levar o dia todo para limparmos sua sujeira de nossos assoalhos. Vocês não deveriam estar aqui.

O hálito pútrido e quente chegou ao nariz de Kara quando uma das gêmeas deu outro trago no cigarro.

David sorriu inocentemente:

— Eu pensei que poderíamos pegar emprestado as algemas ali para um jogo de.. - ai!

— Ele gritou e esfregou o ombro.

Kara balançou seu punho cerrado ameaçando ele: — Deixe de ser idiota!

Não temos tempo.

Ela olhou para Peter e Jenny, que pareciam tão irritados pela reação de David quanto Kara. Jenny revirou os olhos e Peter evitou expressão triunfante de David.

A Sra. Fay mais alta soprou mais um pouco de fumaça com a impressionante silhueta de um gato no ar.

— Por que vieram buscar a sabedoria das irmãs Fay, andarilhos espirituais? Duvido que vocês estejam seriamente interessados em nossas mercadorias. Os andarilhos espirituais não se misturam com bruxaria - a menos que estejamos enganadas. Estão aqui para comprar um caldeirão talvez?

A mulher gemeu enquanto tentava rir. Ela começou a tossir, e a irmã bateu nas costas dele até que cuspisse um catarro no chão, que voou perto dos pés de David. Ele saltou bem a tempo de escapar da gosma verde do chão.

— Por que está nos chamando de andarilhos espirituais? — perguntou Kara, desviando os olhos do lodo esverdeado no chão. — O que isso significa exatamente?

A irmã mais alta coçou o topo da cabeça gordurosa e tirou algo que Kara esperava ser apenas caspa.

— Eles... — Ela apontou lentamente para David, Jenny e Peter — são andarilhos espirituais, espíritos dos mortos em corpos mortais. Eles são tão antinaturais, uma corrupção nojenta da natureza. Nossa mãe Terra é um mundo para os vivos – não para os mortos. Eles são inimigos da natureza – portanto, eles são nossos inimigos. Eles não devem existir.

— Olha quem está falando — murmurou Jenny. Ela baixou os olhos e cruzou os braços sobre o peito. Ela parecia preparada para uma luta. Kara nunca a vira tão zangada.

— Mas você, pequena, você não é um deles — continuou a velha. Seus olhos amarelos fixados em Kara mais uma vez. — E, ainda assim, há algo diferente em você - algo especial.

Kara franziu a testa, sentindo-se desconfortável: — Então, obviamente vocês sabem que eles são seres sobrenaturais. Vocês podem ver através dos trajes-M deles.

— É claro que podemos, nós somos as irmãs Fay — disseram as gêmeas em coro, parecendo muito orgulhosas de si mesmas.

Kara não sabia o que elas queriam dizer com isso. Mas algo a incomodava. Aqueles olhos amarelos inquietantes...

— Então - eu acho que vocês são bruxas, não é? — Ela perguntou. — Vocês têm de ser. Os mortais comuns não conseguem ver por trás dos trajes.

As irmãs Fay sorriram, mostrando suas fileiras de dentes podres. Elas tentaram virar a cabeça para se entreolharem, mas só dava até metade do caminho.

— Inteligente, aquela ali — disse a irmã menor. — É claro que somos bruxas.

Ela puxou outro cigarro de seu bolso. Com um movimento de mão, uma chama brotou de seus dedos, e a bruxa tragou o cigarro alegremente como se estivesse chupando um pirulito.

Kara se sentiu aliviada - duas bruxas eram melhores do que uma. As irmãs Fay iriam ajudá-los a destruir o feiticeiro das trevas. Ela tinha certeza de que estas eram aquelas que Ariel havia chamado de bruxas das trevas. Quem melhor para lutar contra um feiticeiro das trevas do que duas bruxas das trevas coladas pelo quadril? Talvez elas fossem mais fortes assim, uma espécie de bruxaria ao quadrado.

Um sorriso se materializou no rosto pálido de Peter, e Jenny quase parecia satisfeita, embora ficasse encarando as bruxas. David levantou suas sobrancelhas e, ao se encontrar com os olhos de Kara, um sorriso se abriu em seus lábios.

Kara deu um pequeno salto:

— Graças a Deus. Escutem, vocês precisam nos ajudar. Precisamos da ajuda de vocês para derrotarmos um feiticeiro das trevas. Tenho certeza de que vocês sabe tudo sobre feiticeiros. Vejam, ele está roubando as almas dos mortais e ele vai realizar um ritual do solstício de inverno, matando milhares mortais de inocentes.

— Nós não podemos ajudá-los — disseram as bruxas em coro.

— Mas... — Kara olhou as bruxas com descrença. — Por favor - vocês não entendem.

Minha... minha mãe foi infectada pela magia negra dele. Ela está morrendo. Precisamos da magia de vocês para destruí-lo. As armas são inúteis contra ele. Sua magia é nossa única chance. Por favor. — Kara começou a suar.

Um gato pulou de uma prateleira no ombro direito da irmã mais alta. Seus olhos amarelos brilhavam de sagacidade. A velha bruxa acariciou o gato ao falar: — Desculpe-nos, mas nós não podemos ajudá-los, criança.

— Por quê? — disse Kara com sua voz aumentada. — Vocês estariam ajudando milhares de pessoas inocentes. Tenho certeza de que vocês querem fazer a coisa certa, não é? Não querem que gente inocente morra, certo?

— Você não entende — disse a bruxa. — Não é que não queremos ajudar vocês...

—.... nós não podemos ajudá-los — terminou a irmã gêmea dando outra tragada no cigarro.

Kara sentiu o sangue escoar de seu rosto. As palavras não vinham.

— Por que não? — Disse Jenny, com uma voz que combinava com sua carranca. — Vocês obviamente são bruxas - vocês têm dedos mágicos. Acabamos de vê-las fazendo magia. Eu sei que vocês odeiam os andarilhos espirituais, vocês deixaram isso claro, mas vocês estariam ajudando os mortais. Vocês não querem ajudá-los?

A bruxa menor jogou as cinzas de cigarro nas botas da Jenny, olhando para ela como se Jenny fosse uma espécie de inseto feio.

— Nossa magia é limitada, andarilha espiritual. Nós podemos fazer fogo... lançar alguns feitiços. Podemos até mesmo fazer poções de amor para o amante desesperado, mas isso é tudo.

Ela levantou os braços no ar:

— É por isso que temos este estabelecimento. Nós somos mulheres de negócios mais do que bruxas de verdade. Não possuímos as habilidades necessárias que vocês estão procurando.

— É preciso uma bruxa muito poderosa para derrubar um feiticeiro — disse a irmã mais alta. — Uma que domine a magia antiga – a magia negra - uma feiticeira hábil nas artes das trevas. Existe apenas uma bruxa que possui o conhecimento e a sabedoria antiga das artes das trevas. Todas as criaturas da

Terra e do mundo espiritual têm medo dela. Ela é a única pessoa que detém o poder para destruir seu feiticeiro.

As duas mulheres olharam intensamente Kara. Era quase como se quisessem que ela adivinhasse a resposta. E Kara já havia adivinhado.

— Olga — disse ela, e as bruxas pareceram satisfeitas. — Vocês sabem onde ela está, não é? Se ela é a única que pode nos ajudar, então eu preciso saber onde ela está — exigiu.

As irmãs sorriram como se isso fosse um jogo para elas: — Ela mora na parte mais profunda, mais negra da Caverna das Sombras — disseram as gêmeas em coro.

— Soa assustador — sussurrou David. — Eu estou tremendo todo.

— Você deve deixar a vila e ir para o sul — disse a gêmea mais baixa. — Siga a trilha vermelha lá embaixo no porto e continue descendo o penhasco. E na borda do penhasco onde o oceano se encontra com as rochas, é onde vocês encontrarão a Caverna das Sombras. Vocês verão uma abertura no precipício. É ali que vocês devem entrar.

A bruxa levantou seu dedo esquelético no rosto de Kara: — Você deve manter-se no caminho principal uma vez dentro da caverna. Não se desviem da trilha.

Kara se engasgou quando o hálito rançoso da mulher chegou ao seu nariz.

— Por que não? — perguntou David. — Eu já fui um escoteiro - eu tenho certeza de que consigo encontrar o caminho de volta.

— Criaturas das trevas vivem na Caverna das Sombras — disse a bruxa.

Ela manteve seu foco em Kara como se os outros não fossem importantes: — Criaturas das profundezas das trevas irão beber o seu sangue e comer a sua alma se você se desviar do caminho. Você nunca deve deixar o caminho principal! Ele a levará para a bruxa - entre outras coisas...

— Parece fácil o bastante — disse David. — Basta segui o caminho principal. Vamos ao que interessa.

As bruxas apontaram os dedos tortos para David, Jenny e Peter.

— Vocês, andarilhos espirituais, não podem entrar na Caverna das Sombras. É

proibido. Apenas criaturas vivas naturais podem entrar. E, mesmo assim, elas podem não conseguir escapar com vida. Muitos mortais aventuraram-se na caverna e nunca foram vistos novamente. Vocês estão correndo um grande risco só por colocarem os pés na caverna. Esta missão na qual estão, é melhor que valha a pena arriscarem suas vidas por ela.

A sensação de triunfo de Kara foi diminuindo rapidamente. Não ia ser tão fácil como ela pensava se os outros não pudessem ir com ela...

— Então, o que acontece se nós entrarmos? — perguntou Peter educadamente. — Nós não vamos perturbar nada nem ninguém, eu juro, só buscamos ajuda.

As bruxas se viraram para ele:

— As criaturas antinaturais como você serão destruídas — disse a irmã mais alta enquanto a outra tragava o cigarro mais uma vez. — A caverna irá sentir isso. Ela vai querer se proteger da sua anormalidade. Vocês serão vistos como uma ameaça, uma entidade estranha, e serão mortos. E se a caverna não destruir vocês, a bruxa Olga o fará. Ela já matou muitos andarilhos espirituais antes. Se vocês se atreverem a entrar, então preparem-se, andarilhos espirituais, para encontrar o seu fim. — Os olhos amarelos focaram em Kara. — Só ela pode entrar.

David caminhou no local:

— Nós somos anjos, senhoras, e não temos medo de nenhuma caverna assustadora ou uma bruxa velha. Nós vamos com a Kara para ver a velha bruxa e nada vai nos impedir.

Ele cerrou os punhos, desafiando as gêmeas a dizer alguma coisa.

A irmã menor jogou o cigarro no chão e pisou nele com sua bota de couro preto com bico.

— Sentimos algo em você —disse ela, olhando para Kara e ignorando completamente David. — Vemos uma aura especial ao seu redor. É poderosa, mas não sabemos o que é.

Ela se esconde de nós, e não temos habilidade para ver mais.

— Como uma luz — disse a outra irmã. — Que liga e desliga.

— Talvez você possa sobreviver - afinal de contas. Talvez a bruxa Olga a

deixe viver.

— Nossa. Obrigada pelo voto de confiança. — Kara suspirou.

Ela sentia-se pior do que nunca e olhou para seus amigos: — Precisamos ir. É bastante a caminhada até a colina, e eu sou apenas uma mortal.

Não tenho nenhum traje especial.

— Eu posso carregar você se quiser. — David piscou com seu sorriso habitual. — Não me importo, bela dama.

— Tenho certeza de que não.

Kara olhou para as bruxas:

— Hum, obrigada por sua... ajuda.

— Esperamos que você encontre o que você está procurando, criança — disse a bruxa mais alta acariciando a cabeça do gato. Ele fechou os olhos e ronronou alto. — Você deve ter cuidado com esse sangramento.

— Hein? — Kara tocou no nariz dela; estava sangrando de novo.

A irmã mais alta puxou um lenço amarelo com as iniciais F.S. bordadas em preto e deu a ela.

— Bem, vocês têm uma... loja adorável — Kara disse desajeitadamente, pressionando o lenço contra o nariz — Mas temos mesmo de ir agora. — Ela quis devolver o lenço que agora estava manchado de sangue, mas as gêmeas fizeram sinal para ficasse com ele.

— Pode ficar — disseram juntas. — Adeus.

— Adeus. — Kara guardou o lenço no bolso.

Todos passaram pela porta da frente, ansiosos para saírem da loja abafada e se afastarem dos olhos amarelos hipnóticos das gêmeas siamesas. Assim que pisou na rua, Kara alegremente inspirou bastante ar fresco.

— Boa sorte, andarilhos espirituais — riram as gêmeas da parta de sua loja. — Não diga que não avisamos. Preparem-se para morrer.

# *Capítulo 8*

## *Surpresa Aquática*

**A**pós Jenny praguejar contra as irmãs Fay de todas as formas que conhecia, elas bateram com a porta no rosto dela. Kara e sua equipe deixaram o pequeno vilarejo e rumaram para o sul, em direção ao porto.

O porto ficava entre duas pedras gigantes, que serpenteavam até o oceano. Assim que deixaram as casas pitorescas para trás, um estreito caminho de pedra surgiu, serpenteando ao longo da borda de um penhasco por mais de cem metros. Em algum lugar abaixo estava a caverna sombria. Mesmo à distância, Kara conseguia sentir uma presença sobre o precipício, algo antinatural e sombrio.

A geada cobria as flores silvestres e densos arbustos ladeavam o caminho por ambos os lados. O ar frio dificultava a respiração. Ela estava determinada a chegar ao final do caminho sem parar para recuperar o fôlego. Sem o seu poder elemental, ela não era nada mais do que uma mortal fraca, com hemorragias nasais.

Os músculos das pernas de Kara estavam tensos por causa da descida sinuosa. Ela fez o seu melhor para acompanhar os outros, mas eles pareciam robôs, máquinas sobrenaturais que não mostravam qualquer sinal de fadiga. Suas perninhas franzinas não eram páreo para os poderosos trajes-M.

Uma dor pulsante surgiu por trás dos seus olhos. Ela esfregou as têmporas e fez o melhor para esconder a dor. Ela avançou como um bom soldado, torcendo para não sangrar pelo nariz novamente.

— Espero nunca mais ter que olhar para aquelas gêmeas feias — disse Jenny, enquanto marchava decididamente colina abaixo.

— Eu aposto que elas mentiram para nós. Tenho uma sensação de que estão nos mandando para uma armadilha. É óbvio que elas odeiam a nós, andarilhos espirituais.

Droga, nós somos os mocinhos e elas nos tratam como lixo.

— Eu não me surpreenderia se fosse uma armadilha — concordou Peter. — Não pude deixar de me sentir amedrontado por elas - o que eram aqueles olhos

amarelos? São horríveis!

A voz de Jenny se levantou:

— Elas nos chamaram de abominações, de antinaturais! Eu vou mostrar como é natural o meu pé na-

— Eca! Não quero pensar em como seria a... — disse Peter com uma expressão distorcida, como se tivesse mordido algo azedo.

David jogou suas mãos para cima. —Tarde demais! Já danificou minha mente virgem com uma imagem mental das extremidades delas.

— Será que podemos falar de outra coisa, por favor? — disse Kara, um pouco sem fôlego.

David foi para perto de Kara.

— Está tudo bem? Sabe, minha oferta de te carregar ainda está de pé - eu não me importaria.

Ao sol, a pele dele reluzia como se tivesse sido pintada com diamantes líquidos.

Quando o braço dele roçou em Kara, ela sentiu uma faísca se acender dentro dela. Ele sorriu, e seus lábios estavam perto demais, perfeitos demais...

Kara desviou o olhar, enquanto ficava com o rosto vermelho feito um tomate: — Não, eu estou bem, mas obrigada. Acho que consigo chegar ao final do caminho sem meus pulmões pararem de funcionar. Não falta muito.

Ela torceu para parecer convincente o suficiente, e para a culpa do seu rosto corado recair na longa caminhada.

— Meu único o propósito da vida é agradá-la, senhorita — disse David, com uma piscadela. — Estou à sua disposição — ele se curvou exageradamente, e Kara ouviu Peter fungar.

Kara sorriu lentamente, sentindo as orelhas esquentarem: — Não me faça rir, David. Isso já é difícil o suficiente sem rir. Preciso de todas as minhas forças para descer essa colina sem cair — disse Kara, respirando rapidamente.

David olhou para ela por um momento. O sorriso dele desapareceu: — Espero que a legião saiba o que está fazendo, enviando você aqui como mortal. — Ele olhava para a margem do rio enquanto o grupo avançava.

Kara não respondeu. Ela estava pensando a mesma coisa.

Ela olhou para David, pensando no quanto era estranho tê-lo ao seu lado enquanto ela era mortal. Eles lutavam juntos como guardiões, e sua amizade crescia a cada missão. Aquela ligação especial era inquebrável. Ela sabia que ele morreria para protegê-

la, e vice-versa.

Como mortais, os dois tinham começado uma vida juntos. Aquilo parecia natural. Mas agora, ela se sentia insegura ao lado dele. Ela não sabia como agir. Mesmo com as memórias, era quase como a primeira vez que eles se conheciam. O coração dela batia forte toda vez que eles se olhavam. Será que era porque agora ela era uma mortal? Seus sentimentos estavam confusos. Ela se perguntava se suas dúvidas era resultado da projeção de memória. Talvez os oráculos a tivessem danificado de alguma forma. Isso explicaria as dores de cabeça, as hemorragias nasais e a falta de energia.

Após uma hora descendo o vale, eles tinham conseguido chegar à borda do penhasco.

Kara tentava ignorar as cãibras e olhava ao redor da borda. Seu cabelo e casaco se moviam com o vento. O grande oceano estava logo abaixo. Ondas enormes atingiam as rochas.

Ela conseguia ver alguns degraus de pedra cortados nas rochas, que formavam uma descida íngreme até a areia dourada. Era uma descida de uns vinte metros, e cada passo trazia uma combinação mortal de musgo escorregadio e neve. Uma sombra passou abaixo do penhasco e Kara olhou para o céu. O sol havia desaparecido sob uma camada de nuvens cinzentas, que se moviam a uma velocidade antinatural. Os ventos se intensificaram. Ela teve a sensação de que estava sendo observada.

David estava ao seu lado:

— Quer parar alguns minutos para recuperar o fôlego?

Kara balançou o rosto e limpou o suor da testa.

— Não, eu estou bem — ela mentiu. Sua cabeça girava enquanto ela hiperventilava.

— Descer é fácil, mas a subida vai ser um desafio e tanto.

Ela se perguntava se sobreviveria a caverna. Kara viu David e Jenny trocarem um olhar, mas eles não disseram nada.

Ela queria descansar até conseguir respirar normalmente, mas se recusou a mostrar o quão fraca estava. Ela podia ver as dúvidas nos olhos deles. Sua equipe não acreditava que ela conseguiria cumprir a missão - Kara se sentiu compelida a provar que eles estavam errados.

— Só há uma maneira de descobrir para onde estas escadas levam. Vamos lá dizer oi para Olga. — Ela caminhou pela borda do penhasco, e o sangue começou a fluir para suas pernas.

David examinou a escada de pedra e assoviou alto: — São degraus à beça. Tem certeza de que dá conta?

— Com certeza.

Kara não esperou David responder. Ela desceu cada degrau escorregadio cuidadosamente. Um movimento errado, e ela mergulharia no oceano. David caminhava logo atrás dela, e Kara podia ouvir Jenny e Peter discutindo enquanto faziam a descida.

Ventos gelados empurravam o corpo de Kara, quase jogando-a para o lado. Detritos e neve atingiam seu rosto. Seu pé escorregou, mas ela conseguiu se estabilizar. Era como se se o vento não quisesse que ela conseguisse. Ele estava tentando protegê-la de algo ou matá-la. Será que era a magia da velha bruxa em ação? A magia dela teria tal alcance?

No meio do caminho, Kara já estava tremendo e suando. A descida era tão íngreme que ela quase podia usar a mesma saliência na rocha para se segurar durante o resto do caminho. Outra rajada de vento a atingiu, como se mãos invisíveis tentassem arremessá-

la para baixo. As nuvens estavam ficando mais grossas e mais escuras. Algo ou alguém não os queria por perto.

Os pés dela escorregaram, mas quando ela começou a deslizar pelas escadas, algo agarrou seu braço com força. Através das rajadas de areia e neve, Kara conseguiu enxergar a silhueta de David.

— O que está acontecendo? — ela gritou através do vento. — É como se o vento não nos quisesse aqui.

— Não tenho ideia — gritou David. — Está piorando, então é melhor nos apressarmos.

Kara não gostou de como isso soou. Se precisasse ir apenas um pouco mais rápido, certamente escorregaria e cairia no mar. Determinada, ela desceu pelas pedras escorregadias tão rápido quanto podia. A sensação de estar sendo observada ainda a incomodava. Ela olhou para cima.

Tornados cinzentos do tamanho de uma garagem vinham em direção a eles. No último minuto, eles mudaram de direção e mergulharam para o mar. A superfície da água borbulhava e uma espuma se formava. Subitamente, um par de braços gigantes feitos de água do mar se ergueram do oceano, como se um deus dos mares tentasse agarrá-los com luvas gigantes e semitransparentes. A água caía deles em cachoeiras intermináveis.

— Mas o que diabo é isso? — gritou David através da tempestade.

Kara não respondeu. Paralisada, ela olhou para as enormes mãos que se fechavam em punhos maciços.

Como um aríete, eles vieram na direção do grupo.

Kara saltou para o lado. O punho a errou por um centímetro, deixando o lugar onde ela estava encharcado de água do mar. Ela viu Peter se achatar contra a borda do penhasco, a tempo de evitar ser atingido pelo outro punho. Água espirrou em seus óculos. Mas a água começou a se juntar novamente, se transformando em algo sólido.

Enquanto as mãos se formavam, David saltou para a frente e atacou o primeiro punho. Sua lâmina passou facilmente através da água - sem causar dano algum. A mão pareceu estalar os dedos em resposta à tentativa de David.

— Bom, valeu a pena tentar. — David olhou para Kara e encolheu os ombros.

Juntos, os braços colossais se afastaram, se preparando para mais um golpe mortal.

— Se eles nos derrubarem no oceano, já era. — berrou David — Nossos corpos mortais se desintegrarão e nós voltaremos ao horizonte, mas você estará em apuros. Não posso deixar isso acontecer, não quando estamos tão perto.

Kara estreitou os olhos - ela sabia que era verdade.

As mãos se juntaram, viraram de cabeça para baixo e formaram uma boca, exatamente como uma marionete de sombras. A boca se moveu e falou.

— Recuem, andarilhos espirituais, ou suas almas serão minhas!

— Fantástico — disse David, — mãos gigantes e falantes. É tudo que precisávamos.

Ele acenou com o punho para os braços gigantes: — Que tal nos dar um tempo? Ei, cara, não temos culpa de não existirem manicures gigantes!

— Vocês foram avisados! — disse a voz.

O vento os empurrava. O penhasco inteiro tremia, enquanto pedras e areia choviam sobre eles. O casaco de Kara se agitava loucamente ao vento. Seu cabelo molhado batia em seu rosto, e ela precisou se agachar para manter o equilíbrio. Tremendo de frio, seu rosto queimava com cada rajada de vento gelado. Se os punhos gigantes não a matassem, ela acabaria morrendo de pneumonia.

Jenny e Peter gritaram.

Um punho gigante caiu sobre eles. Milagrosamente, eles saíram do caminho na hora certa. O punho explodiu contra o penhasco como um balão gigante de água.

O outro punho veio direto para Kara.

Não havia tempo nem para piscar antes que o punho gigante a atingisse. Ela saltou para o lado, mas não foi rápida o suficiente. O ataque atingiu sua perna. Ela gritou, perdeu o controle e caiu.

A pedra afiada a feria enquanto ela caía e escorregava para o precipício. Rochas e pedregulhos a atingiam enquanto o vento uivava em seus ouvidos. Ela movia seus braços e pernas desesperadamente, em busca de algo para se agarrar. Kara se sentiu como se estivesse caindo por vários minutos.

Suas botas encontraram uma pequena saliência e pararam sua queda. Dolorida, ela agarrou a fenda com os dedos ensanguentados. Ela se mantinha no lugar usando os dedos das mãos e dos pés. A adrenalina pulsava por todo o seu corpo. Seu coração trovejava contra o peito, e ela não ousava olhar para baixo.

— Kara! — David gritava para superar o barulho dos ventos. — Não se mexa. Eu vou descer.

Ela olhou para cima e viu que tinha caído uns dez metros.

Quando olhou de volta para o mar, outro punho de água vinha em sua direção.

Ela rolou para o lado.

BUM!

A água explodiu contra as suas costas e tirou todo o ar dos seus pulmões! Era como ser atingido por uma onda gigantesca. O penhasco tremeu sobre o impacto. Kara estava encharcada.

Então, seus dedos escorregaram e ela caiu.

# *Capítulo 9*

## *A Caverna das Sombras*

**A**cabou, pensou Kara. Morri.

O vento assobiava em suas orelhas enquanto ela caía. A lateral do seu rosto raspava contra a rocha afiada como uma navalha. Ela sabia que não devia temer a morte como uma pessoa normal temia, mas seu instinto de sobrevivência era forte, ainda que a morte parecesse inevitável.

Ela começou a contar mentalmente.

Um...

Kara bateu em algo macio. Ela cuspiu terra e se sentou.

— Eu estou viva?

Ela olhou para suas mãos ensanguentadas. Elas doíam como se estivessem embebidas em ácido, mas o sangue significava vida. Ela estava viva. Um pouco ferida, mas viva. Além de uma pequena tensão nos pés, ela parecia bem. Ela estava sentada em uma cama de musgo e vegetação. Haviam pedras afiadas à sua esquerda. Se tivesse caído alguns centímetros para a esquerda, teria se transformado em uma peneira humana.

Kara examinou o precipício acima dela. Parecia um penhasco regular, composto principalmente de pedra denteada com algumas fendas e vegetação. A base do penhasco desaparecia no oceano. As grandes ondas batiam contra as rochas no lado norte do penhasco. Ela havia aterrissado em um pequeno semicírculo de areia dourada, protegido pelo penhasco. Na beira da areia, havia uma abertura - assim como as irmãs Fay haviam dito - a entrada para a caverna das sombras era um perfeito triângulo de cabeça para baixo. Sua queda para a morte a havia levado até a boca da caverna? Apenas sombras podiam ser vistas pela abertura. Algo a observava de dentro da caverna... ela podia sentir isso.

David descia os degraus em uma velocidade assustadora. Ele saltou o último deles e pousou suavemente ao lado de Kara.

— Kara! Você está bem? Você se machucou?

Ele pegou as mãos de Kara e a levantou:

— É um verdadeiro milagre, mas eu estou bem. — Seu tornozelo estava dolorido, então ela colocou o peso do corpo sobre o outro pé. — Acho que torci o tornozelo.

— Você tem cortes no rosto. — David apertou o braço dela e não a soltou. — Estão sangrando-

— Cuidado! Eles estão vindo!

Peter e Jenny tropeçaram nos últimos degraus, mas conseguiram não cair. Kara olhou para cima. A água do mar escorria como um chuveiro ao ar livre. Os punhos de água pairaram sobre o precipício e despencaram sobre eles como granadas gigantes de água.

Kara apontou em direção a caverna:

— CORRAM!

Jenny e Peter obedeceram prontamente. David puxou Kara com ele. A terra tremeu quando o primeiro punho atingiu o lugar onde Kara estava a segundos atrás. O impacto do golpe os empurrou. O segundo punho atacou como se soubesse que eles estavam fugindo.

David tirou Kara do caminho. O punho explodiu em uma grande onda, que os empurrou até a entrada da caverna como dois surfistas. Quando a água recuou, Kara foi arrastada de volta.

Com a velocidade de um relâmpago, David a tirou da água, e eles caíram pela entrada da caverna.

Mesmo na escuridão, Kara conseguia ver o rosto sorridente de David. Ela se colocou de pé e olhou para a entrada:

— Elas se foram.

— Por enquanto — disse David. — Não quero estar aqui quando decidem voltar.

— Vocês estão bem? — perguntou Kara, ao enxergar o branco dos olhos de Peter e Jenny na escuridão.

— Tão bem quanto possível — respondeu Peter com as costas contra a parede da caverna.

Jenny se limpou:

— Nunca vi nada igual aquelas mãos gigantes antes. Vocês acham que elas tinham algo a ver com a bruxa?

Kara assentiu com a cabeça:

Tenho certeza disso. Olga não nos quer aqui.

— Você quer dizer nós, andarilhos espirituais — disse Peter.

Kara não respondeu, pois estava observando o interior da caverna. A passagem tinha o formato de uma pera. As paredes se reuniam gradualmente e desapareciam na escuridão acima. Estalactites de gelo se formavam no teto e no chão da caverna.

Cogumelos multicoloridos se espalhavam como grama pelo chão, e água pingava das paredes. A única fonte de luz vinha da entrada.

Eles estavam em uma câmara subterrânea oval, do tamanho de uma sala grande.

Haviam raízes grossas nas paredes, que tremiam sobre o martelar incessante das ondas.

No lado oposto, havia uma grande fenda. Kara pisou em uma fratura na parede da gruta e olhou através dela. Dava para ver uma rede de passagens subterrâneas que desaparecia nas sombras. Olga estava em algum lugar lá embaixo. Kara não conseguia ver o teto da caverna. Um cantarolar que mais parecia um motor em funcionamento veio das profundezas. Kara se arrepiou toda.

— Tenho certeza que ainda não sabemos de tudo que a bruxa pode fazer. Devem haver várias criaturas nestas cavernas — disse David, enquanto descascava um musgo roxo de uma parede da gruta.

— Alguém está afim de um passeio na caverna? — ele disse e passou pela câmara. — Eu estou. Vamos mostrar a essas irmãs Fay que os anjos não temem a escuridão.

— Vocês sentiram isso? — Jenny olhou para Kara com seus olhos verdes e amedrontados.

David deu de ombros:

— Eu não senti nada.

Jenny falou novamente:

— É um zumbido, como se a caverna estivesse nos mandando embora.

— Também estou sentindo. — Peter estava colado na lateral da caverna. — Ela não gosta de nós, está nos dizendo para sair.

— Também senti — disse Kara.

Uma sombra se moveu na escuridão - seria um morcego?

— Nós não temos escolha. Se vocês quiserem voltar, eu vou entender. Não posso forçá-los a virem comigo. Vocês ouviram o que as bruxas disseram.

— De jeito nenhum, Kara — disse Jenny. — Você também ouviu o que Ariel disse.

Estamos aqui para protegê-la. Essas são nossas ordens.

Peter concordou com um aceno de cabeça.

David sacou sua lâmina da alma e entregou a Kara: — Eu sei que nossas armas não funcionam contra feiticeiros e magia, mas eu me sentiria melhor se você tivesse com isso para se defender, só por precaução.

Kara agarrou o punho da pequena lâmina. Ela parecia estranha e pesada em suas mãos, totalmente o oposto de quando ela era uma guardiã. Será que ela conseguiria usar a arma corretamente?

— Obrigada — disse ela. — Acho que eu posso cortar algumas estalactites se elas tentarem me atacar.

— Fique perto de mim. — David estava falando sério. — Você não está vestindo um traje-M - seja lá o que estiver lá dentro, não é amigável, e eu não quero que você se machuque.

Kara sentiu borboletas no estômago e se encheu de coragem.

— Não sou tão inútil assim; ainda me lembro de como se luta. Além disso, estou mais preocupada com vocês do que comigo. Lembra do que as bruxas disseram sobre andarilhos espirituais não serem bem-vindos? Olga não vai estender um tapete vermelho para vocês. Eu teria mais chances de sucesso se fosse sozinha.

— Esquece — disse David. — Acho que conseguimos lidar com alguns morcegos velhos. É só uma caverna, o que pode acontecer de ruim? — disse David com um sorriso.

Kara olhou para o relógio. Eram 12:20. O tempo estava acabando: — Vamos encontrar essa bruxa torcer para que ela fique feliz em nos ver.

Pessoalmente, ela duvidava muito disso. Kara estava com um pressentimento de que seria preciso um milagre para convencer a velha bruxa. E não é como se ela pudesse conjurar um milagre instantâneo.

David foi na frente, seguido de perto por Kara, enquanto Jenny e Peter ficaram na retaguarda. Imediatamente, Kara compreendeu o significado do nome da caverna. Vinte passos depois da entrada e a caverna já estava escura como a noite. Ela esperava que seus olhos se adaptassem à escuridão, mas isso não aconteceu. O lugar continuava escuro e silencioso como um túmulo. Era como se não houvesse um mundo lá fora.

Kara abriu seu casaco. O ar estava espesso, úmido e surpreendentemente quente. Ela sentia o cheiro de calcário.

— Ei...galera? Quem apagou as luzes? — a voz da Jenny veio de algum lugar na escuridão.

David segurava uma pedra da lua do tamanho de uma laranja. O brilho da pedra iluminava a passagem subterrânea e banhava David em uma luz branca e suave. Peter tirou mais uma pedra, e as duas juntas forneciam luz suficiente para enxergar claramente as passagens.

Eles se mantiveram na passagem mais larga que puderam ver. Passagens menores se ramificavam em todas as direções. Uma névoa grossa cobria o chão e as botas de Kara de branco.

— Para onde vamos?

A sombra de David era longa e negra enquanto ele explorava o caminho à luz de sua pedra da lua

— Vamos continuar por aqui. Acho que é esse o caminho sobre qual as irmãs bobocas falaram. Vamos continuar seguindo a maior passagem.

— Ok. — Kara viu movimento com o canto do olho. Quando se virou, mas não viu nada além da passagem.

Jenny sacou seu arco e preparou uma flecha de prata.

— Algo está nos observando — ela sussurrou e olhou para as passagens à esquerda.

— Eu vi algo se movendo ali. — Jenny observou as paredes da caverna com suspeita.

Kara sentiu um arrepio. Ela também se sentia observada. Ela tentou enxergar na escuridão espessa e apertou ainda mais sua lâmina, mas não dava para ver nada. Ela deu um passo para a frente e ouviu—

Subitamente, o chão começou a tremer. Houve um barulho parecido com um relâmpago.

Por todos os lados, cogumelos do tamanho de geladeiras brotaram do chão e das paredes da caverna. Pareciam um cruzamento entre humanoides e vegetais, com membros desengonçados e raízes que pareciam dedos dos pés. As criaturas não pareciam ter olhos. Suas peles eram ásperas como cascas de árvore, e suas cores variavam do vermelho ao verde musgo.

Por baixo dos chapéus de cogumelos, haviam dentes afiados em suas cabeças. Eles formaram um muro impenetrável de raízes e membros retorcidos.

David assobiou bem alto:

— Eu tenho que admitir, essa bruxa tem senso de humor.

Um cogumelo avançou e balançou seus membros violentamente, mirando a cabeça de David. Ele se abaixou, apenas para ser atacado por outra criatura. Ele chutou o cogumelo e o atacou com sua lâmina. Quanto mais inimigos ele cortava, mais avançavam para substituir os outros.

Eles estavam em uma desvantagem de dez para um.

A cabeça de Kara começou a pulsar novamente quando um cogumelo veio em direção a ela, rangendo os numerosos dentes de sua boca. Ele queria esmagá-la feito um tomate.

# *Capítulo 10*

## *Emboscada*

**K**ara se espremeu no chão bem quando o corpo do cogumelo passou sobre a cabeça dela.

Zás!

Sua franja balançou com o vento, e um pouco de terra voou em seu rosto. Ela virou-se e ficou de pé, brandindo sua espada.

Seus amigos já estavam em combate.

Jenny chutou um grande cogumelo amarelo-mostarda e pulou em cima da criatura bem quando esta tentou pegá-la pelos tornozelos.

— É uma emboscada! Que tipo de mágica é essa? — gritou ela ao acertar o cogumelo com seu arco e ver a criatura tentar dar uma mordida com raiva.

— Devíamos ter trazido frigideiras em vez de lâminas — gritou David ao cortar um cogumelo de bolinhas azuis e brancas. — Podíamos ter parado para almoçar.

Mais criaturas saíram da escuridão e rodearam Peter. Ele pulou de surpresa e acertou as bestas desesperadamente com sua pedra da lua.

— Kara!

Ela ouviu David gritar antes vê-lo cercado por uma massa de cogumelos: — Saia daqui! Corra de volta para a entrada e saia daqui!

Cogumelos enlouquecidos saíram das sombras e o atacaram por todos os lados. Ele cortou os membros das bestas com sua lâmina da alma, mas o chão tremeu e respondeu fazendo brotar mais das suas criaturas. Para cada corte de David, dez outras o atacavam.

Havia criaturas demais.

Mas Kara não ia desistir – muita coisa dependia dela. Ela tomou coragem por seus amigos e pulou na batalha contra os violentos cogumelos. Ela chegou atacando com toda sua força de mortal. Com cada golpe de sua lâmina da alma,

seus ossos estremeciam todos. Mas ela não desistiu. Ela gritava em fúria enquanto cortava, chutava, socava e puxava cada vegetal gigante que chegava perto de seus amigos.

— É uma armadilha! — gritou David ao chutar uma mandíbula roxa que tentou morder seu abdômen. — As bruxas nos enviaram para a morte! Elas vão desejar haver sido separadas no nascimento, quando eu acabar com elas.

— Então, por que você não encontra uma maneira de escapar, gênio? — disse Kara sem fôlego.

David saltou sobre um monte de costelas. A luz da pedra lua iluminava as paredes negras da caverna enquanto corria. Ele estava coberto de terra preta. Ele abriu caminho em meio aos cogumelos e entrou em outra passagem, do lado direito da caverna.

Depois de alguns segundos de silêncio, sua voz soou: — A sopa cremosa de cogumelos não me seguiu. Está limpo! Vamos lá, pessoal - não podemos lutar contra essas coisas - depressa!

A luz de sua pedra da lua vacilava.

Kara esperou Peter e Jenny escaparem antes de saltar sobre a milícia de cogumelos e escorregar pela rede de túneis subterrâneos. Ela pousou suavemente ao lado de Jenny e Peter. Eles estavam um pouco abalados e cobertos de sujeira, mas, fora isso, não pareciam machucados.

David inspecionou o novo túnel:

— Cogumelos pertencem à pizza - eles normalmente não têm braços e pernas, nem querem nos comer. Primeiro, foram os punhos gigantes de água; depois, cogumelos comedores de gente – o que virá em seguida? Palitos de cenoura assassina? Na verdade, isso seria muito engraçado.

Ele andou ainda mais adentro da passagem. A luz da pedra da lua fazia seus olhos azuis brilharem.

— Não fique muito à vontade — disse Kara. — Eu tenho um pressentimento de que ainda não vimos o pior.

Peter arrumou os óculos:

— As irmãs Fay nos avisou sobre a caverna - sobre o mal que estava aqui. Elas disseram que não ia gostar dos andarilhos espirituais.

— Não me importo com o que aquelas mulheres estúpidas disseram — disse Jenny. — Eu as odeio.

Ela jogou seu arco sobre os ombros, e seu rosto de enrijeceu. Ela olhou para Kara interrogativamente:

— Para onde vamos agora? Há mais túneis à direita.

Kara se esforçou para enxergar na escuridão: — Olhe, há luz no fim desse túnel. Pode ser uma armadilha, mas também poderia nos levar à bruxa. Digo que podemos segui-la. O que vocês acham?

O resto de suas palavras perderam-se quando uma repentina presença sombria passou por ele. Aquilo era um aviso. Ela não podia se livrar da sensação de perigo. Os seus amigos estavam em perigo - ela tinha certeza disso. O que quer que estivesse dentro dessa caverna - ela sabia que seria para o fim dos guardiões - ela teria que fazê-

los ir embora e continuar sozinha.

— Hã... pessoal, acho que vocês deveriam voltar — disse Kara.

Ela se dirigiu a seus amigos o mais calmamente que podia: — Posso sentir algo perigoso vindo dali. As bruxas estavam certas - isto é suicídio.

Suas almas estão em perigo aqui.

— Nunca — David levantou o tom de sua voz. — Eu não vou abandonar você aqui neste show de aberrações. Isso não vai acontecer.

— David tem razão. — Jenny apertou o braço de Kara suavemente. — Nós sabíamos o que fazíamos quando encaramos a missão. Sabíamos dos perigos.

Kara balançou a cabeça:

— Mas esses perigos não são aqueles com os quais estamos acostumados. Essa magia é diferente. Nós não estamos lutando contra demônios mais. Eu devo ir lá sozinha. Vocês podem esperar por mim na entrada. Tenho certeza de que ficarei bem.

— Esqueça. — David cerrou o queixo. — Você não tem escolha. Nós vamos com você e ponto final. — Ele se virou, mas não antes de Kara ver a raiva em seu rosto. Ela sentiu uma facada no peito.

Jenny soltou o braço dela e sorriu delicadamente: — Gostando ou não, nós

vamos com você. — Kara abriu a boca para protestar, mas fechou-a novamente. Ela sabia que seria inútil discutir.

— Fiquem de olhos abertos, pode haver mais cogumelos assassinos.

David levantou a pedra da lua e iluminou o caminho novamente com a luz branca. Ele olhou para o lado do corredor e levantou os braços.

— Nós viemos em paz — disse em voz alta. — Mantenha os brócolis e os aspargos em suas panelas.

Kara suspirou.

— Vamos, então, temos um encontro com uma bruxa.

Eles caminharam em silêncio. A caverna parecia idêntica em todos os lugares. Era um labirinto de túneis subterrâneos. Água escorria e os passos deles ecoavam pela caverna como a batida de tambores.

De repente, a parede da caverna à direita ficou iluminada com brilhos multicoloridos.

A princípio, Kara pensou que fossem minerais na rocha, mas logo percebeu pontinhos se movendo; eram vermes brilhantes. Eles se retorciam e se enrolavam ao redor uns dos outros, até formaram uma série de símbolos. Então, eles ficaram numa posição fixa.

Pareciam palavras em um quadro negro.

— Espere — disse Kara parando. — Olhem - parecem palavras para vocês? — Ela chegou mais perto para ver melhor.

— Não se aproxime muito — disse Jenny desconfiada — Provavelmente é outra armadilha.

Os olhos de Kara se arregalaram:

— Estou conseguindo ler. Aqui diz : "cuidado, andarilhos espirituais. Voltem se prezam sua alma."

— Já sabemos disso, caverna. — David olhou os vermes mais atentamente. — Diga-nos algo que não sabemos.

Os vermes luminosos se mexeram criando mais uma série de palavras.

— Cuidado com a bruxa — leu Peter. — Isto é fascinante. As paredes da

caverna estão, de fato, se comunicando conosco. Claramente, elas foram enfeitiçadas ou algo assim.

— Você acha? — disse David sarcasticamente. — Por que os fungos assassinos não falaram antes? Eu nem vi quando eles nos atacaram.

Kara o viu recuar um pouco para manter mais distância entre ele e os vermes brilhantes.

Kara concordou que se tratava de algum tipo de magia. E, mesmo assim, ela não estava assustada. Na verdade, ela se sentiu atraída, curiosa para saber como tudo funcionava. Os vermes eram bonitos, de uma forma viscosa.

As letras mudaram novamente e apareceu um novo conjunto de palavras: — Cuidado com as grandes rochas, andarilhos espirituais — leu Kara.

Ela franziu a testa e olhou para os outros: — O que você acha que isso significa? Quais rochas? — Ela observou o caminho coberto de sombra. — Estamos em uma caverna - há muitas pedras. Vocês vêem alguma grande que se destaque das outras?

— Não. David vasculhou a área com a pedra da lua. — A bruxa está brincando conosco. Ela provavelmente está nos observando agora e dando uma boa risada. Saia daí, bruxa!

Peter coçou sua cabeça:

— Pode ser uma pista...

— Duvido — disse Jenny — tendo em conta as intenções assassinas da caverna.

Kara se voltou para os vermes:

— O que vocês querem dizer com grandes rochas? Vocês podem nos dizer onde elas estão? Não vemos nenhuma.

Ela ficou esperando um tempo até as palavras mudarem, mas isso não aconteceu.

Quando finalmente se mexeram, as palavras se desfizeram e os vermes desapareceram, entrando de volta nas rachaduras da parede, como se aquilo nunca tivesse acontecido.

— Isso já foi demais — disse Jenny.

Kara deu de ombros:

— Vamos lá, vamos continuar andando

BUM!

A parede espessa da caverna lascau em uma explosão de poeira e fragmentos de rocha. Duas criaturas parecidas com homens de 2,40m de altura saíram das sombras.

Eles eram atarracados e maciços – se as montanhas pudessem ter filhos, Kara decidiu que seriam eles. Seus peitos grossos se moviam com sua respiração, e instantaneamente ela soube que não eram demônios - eram forças mágicas enviadas pela bruxa.

Sua pele cinza parecia de pedra. Como grandes símios, eles moviam-se lentamente, como se estivessem fazendo força para mover seus corpos de pedra. O mais alto e mais largo deles segurava um machado de guerra com sua enorme mão. O outro arrastava uma maça. Seus olhos amarelos brilhavam com inteligência sobrenatural.

— Hã... pessoal — disse David. — Quem chamou reforços?

Com um grande salto, os gigantes se arremeteram contra eles.

# *Capítulo 11*

## *O Ataque dos Homens-Rocha*

**P**eter tentou girar e correr, mas não era rápido o suficiente. O machado de batalha atingiu suas pernas e arrancou-as completamente. Ele voou pelo ar como uma boneca de pano e atingiu o chão violentamente. As pernas mortais caíram ao seu lado. Peter abriu a boca em um grito sem som. Seu rosto era uma máscara de horror, e ele embalava o que restava das pernas com os braços.

Jenny disparou duas flechas de uma só vez. Ambas acertaram o segundo gigante no peito, mas ricochetearam como bolas de tênis, sem sequer deixar uma marca. Ela disparou outras três, que novamente ricochetearam sem causar dano. Jenny ficou desconcertada, e entrou em estado de choque. O gigante investiu contra ela e atingiu seu peito com um enorme porrete. Ela foi lançada ao ar e bateu contra a parede da caverna.

Kara podia ver a essência da Jenny escoando por muitos buracos em seu corpo. Ela caiu no chão e ficou imóvel.

Sem pensar, Kara investiu contra o gigante que havia atacado Jenny. Ela não tinha certeza do que ia fazer; só queria ver o gigante morto, ou pelo menos ferido. A raiva subiu por seu corpo como uma febre. Ela pensou que sentia seu poder elemental despertar, como uma luz enterrada profundamente dentro dela, ganhando vida lentamente. Kara sentiu sua confiança retornar; ela iria fazer todos em pedaços com seu poder e salvar seus amigos...

Mas a luz cintilou e morreu.

Kara cambaleou e quase caiu. O medo era tão avassalador que, pela primeira vez em uma missão, ela se sentiu fraca e vulnerável. Sem seus poderes elementais, seu corpo mortal não era páreo para os gigantes de pedra. Ela não tinha nada além de um pequeno punhal como arma, tão inútil quanto um palito de dentes. Ela engoliu a bile em sua garganta. Como ela havia sido idiota.

Ela olhou para os olhos amarelados e se preparou. Um porrete gigante, com pontas afiadas como navalhas veio em sua direção. Ela levantou o braço para proteger o rosto...

BUM!

A dor tomou conta do seu braço. Ela voou para trás e bateu contra o chão. Seus olhos estavam marejados por causa da dor excruciante que emanava de seu membro quebrado. O grito morreu em sua garganta, e seu braço pendia ao lado do corpo, como se estivesse morto. Rangendo os dentes, ela sentiu as rupturas dentro de seu braço. Seus ossos quebrados eram como cacos de vidro, cortando a pele. Umidade escorria ao lado do seu rosto. A manga do seu casaco estava manchada de vermelho. Kara vacilou, e se sentiu à deriva na escuridão...

— Kara, acorde!

David se colocou em sua frente, determinado a atacar os dois monstros de pedra.

Um machado de batalha errou sua cabeça por uma polegada, mas não passou sem levar algumas mechas de cabelo loiro consigo. David rolou e se colocou de pé, balançando sua lâmina. Ele mal se esquivava dos ataques, mas bloqueava e se mantinha de pé, com toda a força que seu traje M-5 podia reunir.

O outro monstro atacou novamente.

David levantou a pedra lua em um arco e arremessou. O globo brilhante deixou um único rastro de luz branca, que iluminou a caverna e atingiu o rosto do gigante.

A pedra explodiu e o gigante desapareceu, deixando para trás uma nuvem de luz branca e brilhante. Por um momento, Kara achou que David tinha destruído a criatura.

Mas quando a nuvem evaporou, a criatura estava lá, incólume. Sua cara feia estava contorcida de raiva. Ele soltou um grito de batalha e investiu contra David, balançando seu porrete.

— Opa, acho que o grandalhão está furioso, mas valeu a pena ver a expressão no rosto dele. Já ouviram falar de hidratantes, Trolls?

David saltou no ar, e um porrete passou de raspão pela sola de suas botas. Ele caiu no chão e rolou, e novamente o gigante o errou por polegadas. David se levantou, defendeu e brandiu sua lâmina com toda a sua força no peito da criatura.

A lâmina foi repelida. O gigante agarrou David pelo pescoço e o tirou do

chão facilmente. David esperneava. Sua lâmina jazia caída no chão. O gigante rugiu, salpicando o rosto de David com lodo verde. O gigante zombou e apertou o pescoço dele com mais força. Kara viu pânico no rosto de David. A criatura sorria, expondo fileiras de dentes irregulares. David ia ser esmagado até a morte.

Kara ignorou o pânico, procurou sua lâmina com a mão esquerda e tocou o metal frio.

Com os dedos trêmulos, ela apertou o punho tanto quanto podia, e se forçou as pernas trêmulas a se firmarem. Ela esperou até a tontura passar e cambaleou em direção ao atacante de David. Embora soubesse que o outro monstro estava em algum lugar por ali, ela não podia vê-lo, apenas ouvi-lo respirar.

Ela ouviu Peter gemendo atrás dela, mas Jenny não emitia nenhum som.

Concentrando todas as suas forças, ela continuava andando, e seus pensamentos estavam apenas em salvar David. Piscando para remover a umidade dos olhos, com o braço direito pendendo ao lado do corpo, ela avançava. Kara não podia ficar sem fazer nada enquanto as almas dos seus amigos estavam prestes a morrer. Ela sabia que iria morrer tentando salvá-los. Não havia como derrotar os monstros de pedra, mas ela precisava tentar.

O outro monstro de pedra marchou em direção a ela. Ele observava cada movimento, e seu machado brilhava na suave luz cinzenta. Kara conseguia ver resquícios da essência de Peter na lâmina da arma. Era como se ela tivesse sido mergulhada em um balde de tinta branca e brilhante.

Ela o observou da melhor forma que podia naquela penumbra. Ela sabia que sua pele era inquebrável, e sólida como rocha. Era como lutar como um pedregulho gigante de cimento. Além disso, eles eram criaturas vivas, não demônios. Se mesmo os demônios tinham fraquezas, estas criaturas também deveriam ter. Talvez eles fossem como dragões, cuja barriga é menos protegida.

— Kara, corra! — gritou David, enquanto esperneava e se contorcia de dor. — Vá embora enquanto ainda pode.

— Não. Não vou te deixar.

Kara cerrou os dentes e se colocou diante dos dois gigantes. Ela foi cercada. Seu coração batia como uma metralhadora em seus ouvidos, e ela mal conseguia pensar. Ela estudou os gigantes, mas não conseguiu ver nenhum ponto fraco. A pele deles era igual em todos os lugares, com exceção de uma descoloração

bege, que marcava ambos os lados do peito, abaixo das axilas. Talvez aquela fosse a fraqueza deles.

Era sua única chance.

A maior das criaturas avançou. Com um grito perverso, ele brandiu seu machado e golpeou habilidosamente.

Com sua última gota de coragem, e antes que o gigante percebesse o que ela estava planejando, Kara saltou para a frente e brandiu sua lâmina contra a lateral do corpo da criatura.

A lâmina perfurou a pele.

O gigante jogou a cabeça para trás e uivou de dor. Ele balançou os braços violentamente e jogou Kara no chão. O gigante puxou a lâmina enterrada em seu corpo.

Sangue negro jorrou da ferida. O gigante cambaleou e caiu de joelhos.

Se ele sangrava, então poderia morrer. Kara se colocou de pé novamente. Uma onda renovada de força a inundou. Ela poderia salvar a todos, mas precisava de outra arma.

Enquanto ela procurava pela lâmina de David, algo bateu contra sua cabeça. Estrelas explodiram em seus olhos.

E então, tudo ficou preto.

# *Capítulo 12*

## *Olga, a Bruxa da Cornualha*

**K**ara sonhou que estava pendurada de cabeça para baixo, como um pedaço de carne.

Tudo doía, especialmente sua cabeça. Geralmente, você não sente dor em sonhos. Por que ela estava sentindo?

Não era um sonho.

Ela rompeu uma crosta que se formou em seus cílios e olhou em volta. Sangue jorrava sobre sua cabeça, e ela lutou contra a vontade de vomitar. Kara sentia uma pressão atrás dos olhos, como se eles estivessem prestes a saltar de sua cabeça. Ela estava pendurada de cabeça para baixo. Sua cabeça pairava a trinta centímetros do chão. À

medida que sua visão se ajustava ao ambiente, ela percebeu que estava em uma clareira de alguma floresta, não em uma caverna. O sussurro fraco das ondas podia ser ouvido, então o oceano não estava muito longe.

O ar trazia uma mistura de estrume e sopa de macarrão com frango. Um grande caldeirão borbulhava em uma fogueira no meio da clareira, logo em frente a Kara.

Vapores amarelos subiam dele e desapareciam no céu laranja escuro. Havia alguns crânios no chão, ao redor do caldeirão. Como estava de cabeça para baixo, Kara não tinha certeza se era crânios de animais ou de seres humanos.

Ela virou a cabeça e olhou ao redor. Uma luz laranja se derramava das lacunas entre as árvores. Havia um grande tronco de árvore enraizado no meio da clareira. Seu topo foi cortado, e uma casa de madeira foi feita entre seus ramos. A casa tinha um telhado coberto de musgos, e uma luz vermelha brilhava de quatro aberturas redondas, que Kara identificou como janelas. Havia uma varanda ao redor. Cordas se penduravam em uma plataforma de madeira, que estava ligada a uma porta. Era a casa mais estranha que Kara já tinha visto. Uma casa na árvore - tinha que ser a casa de Olga. Só uma bruxa poderia viver em uma árvore... ou esquilos.

Olhando em volta, ela não conseguia ver bruxa alguma, ou mesmo qualquer forma humana. Haviam apenas corvos aninhados nas árvores próximas, com os olhos fixos em Kara.

Ela tentou engolir, mas sua garganta estava totalmente seca. Kara estava com muita sede. Como se estivesse esperando uma deixa, seu estômago roncou. Ela estava com fome, mas sentia que estava prestes a se tornar a refeição de outra pessoa. Ela virou a cabeça e olhou ao redor. Seu braço direito estava latejava. Ela estava presa de uma forma estranha, o que piorava a dor. Seu coração palpitava e suas costelas doíam. Suor escorria de suas costas. Ela refreou suas lágrimas.

Movendo lentamente a cabeça para esquerda, ela conseguiu ver outros corpos pendurados, presos em casulos, igual a ela. Até onde podia ver, seus trajes-M ainda estavam intactos - suas almas angelicais ainda estavam vivas. A cabeça de David estava virada para baixo, então ela não soube dizer se ele estava consciente. Mesmo assim, a situação era pior do que ela havia imaginado. Não era assim que ela planejava encontrar a bruxa, pendurada de ponta cabeça feito um morcego. Ela sentiu um enjoo subir por sua garganta de novo. Tinha que haver um jeito de escapar daquelas correntes.

Kara lutou contra as suas amarras, mas foi inútil. Ela não podia romper correntes de metal com um braço quebrado. Agora ela era apenas uma mortal.

— Kara... — sussurrou uma voz. Kara virou a cabeça para a esquerda. Os olhos azuis de David a observavam.

— David! — ela sussurrou de volta. — Graças a Deus você está bem.

— Eu não diria bem, mas ok -ainda estou inteiro. Não dá para dizer o mesmo do Peter.

Ele não parece legal.

Kara olhou para Jenny. Seus olhos verdes pareciam olhar na direção dela, mas os de Peter estavam fechados. Sua pele estava quase transparente, e ele não se movia. Onde deveriam estar suas pernas, ela podia ver cotos curtos, com extremidades que emitiam uma luz fraca. Ele precisava voltar ao horizonte, ou sua alma morreria.

— Temos que tirá-lo daqui. — Kara se mexeu e lutou o máximo que podia.

Em um momento de raiva, ela esqueceu a dor e se amaldiçoou por ser tão

estúpida.

Como ela poderia enfrentar gigantes de pedra ou romper correntes de metal? Ariel sabia daquilo? Ela havia enviado Kara e seus amigos para a morte?

Kara se culpava por tudo, e jamais se perdoaria se os amigos morressem.

Ela não podia deixar isso acontecer. Kara fechou os olhos e concentrou sua energia interior, tentando alcançar o poder que uma vez existiu dentro dela.

Ainda havia algo lá, ela podia sentir isso. Então, se concentrou com todas as suas forças e chamou por seu poder. Ele respondeu com uma faísca, depois com uma ondulação quente.

— É melhor parar com isso, se sabe o que é bom para você — disse uma voz.

Kara abriu os olhos, perdendo a conexão com seu poder.

Uma mulher pequena e esquelética estava diante dela. Se Kara não tivesse o conhecimento que tem, podia tê-la confundido com um fantasma. Unhas longas e amareladas saiam dos seus pés, espiralando para fora de uma camada de renda desfiada. Um vestido de noiva cinzento e sujo vestia o corpo magro. Tufos de cabelo branco salpicavam a cabeça quase careca, fazendo as orelhas anormalmente grandes parecerem ainda maiores. Sua pele cor de oliva se pendurava fragilmente no rosto. Ela parecia muito velha - Suas costas estavam curvadas, e ela se apoiava em uma bengala que parecia um galho velho de uma árvore. Ela usava uma pequena bolsa de couro em sua cintura, presa ao cinto. Se único olho amarelo e brilhante observava Kara. Havia apenas um buraco oco e enegrecido onde o outro olho deveria estar.

Mas o olho solitário estava alerta e cheio de vigor.

Kara evitou olhar para o buraco no qual deveria haver um olho: — Eu não estava fazendo nada-

— Ah, estava sim, menina — disse a mulher, com uma voz macabra. A velha chegou mais perto de Kara. Seus joelhos estalavam enquanto ela se mexia.

Kara abriu a boca para negar novamente, mas resolveu deixar para lá.

— Você é... você é Olga? — perguntou ela, com toda a educação que pôde reunir pendurada de cabeça para baixo.

A mulher ignorou Kara e a observou atentamente. Kara podia sentir seu

hálito azedo.

O laço do vestido sujo estava preso no rosto dela.

A mulher se afastou depois de um momento. Em seguida, ela tocou o rosto brilhante e arrancou o olho amarelo.

— Mas o que... — disse David, enquanto sufocava uma risada.

A velha se inclinou e aproximou o olho de Kara, como se estivesse usando uma lupa: — Hmm... Ah, sim, sim, sim — ela murmurou enquanto inspecionava Kara.

— Eu disse, Henry. É tão simples quanto a chuva. Eu consigo ver.

Kara piscou. O olho amarelo a observava. A pupila negra se movimentava dentro do globo amarelo e brilhante. Kara abriu a boca para gritar, mas a mulher moveu o olho para inspecionar os pés dela.

Kara e David trocaram olhares. Embora estivessem ambos pendurados de cabeça para baixo, ele estava sorrindo. Jenny parecia enojada.

Finalmente, após alguns minutos inspecionando Kara com o olho, a velha o devolveu para o rosto, torcendo-o como se fosse um parafuso.

A velha se inclinou sobre a bengala, apoiada com as duas mãos.

— Viu, Henry? Eu avisei. Há muito tempo que não vejo algo assim. É muito interessante.

Kara olhou para os lados, mas não conseguiu ver o tal Henry que ela chamava em lugar algum. Talvez a velha estivesse senil.

— Ei... desculpe-me, mas você é Olga?

A velha não respondeu, então Kara continuou: — Eu meus amigos estamos procurando por ela. Fomos informados de que a encontraríamos em algum lugar próximo a uma caverna. É muito importante que cheguemos até ela.

— Estas Andarilhos espirituais — a velha cuspiu, — não são seus amigos, menina.

Você deve ficar longe deles. Os espíritos devem permanecer mortos - longe do mundo dos vivos. É a lei da natureza.

Ela bateu com a bengala na terra e o chão tremeu, como se ela tivesse

causado um pequeno terremoto.

— Escute, senhora. — disse David. — Nós não queríamos vir aqui e atrapalhar seu chá da tarde, mas não tivemos escolha. Você poderia responder o que ela perguntou para irmos embora-

— Silêncio! Não fale comigo, andarilho espiritual! — Vestido de mulher o velho uma grande saía ao seu redor em uma rajada de vento. O vestido da velha se moveu com uma rajada de vento. — Se dirigir a palavra a mim novamente, vou destruir você como fiz com os outros da sua espécie-

— Mamãe, posso fazer isso por você? — Choramingou uma voz. Foi a primeira vez que Kara notou que haviam gigantes de pedra sentados confortavelmente nas sombras, parecendo entediados. — Bill esmagou os últimos andarilhos espirituais e nem deixou um para mim - isso não é justo — gemeu o gigante de pedra menor.

O outro gigante, Bill, bateu na cabeça do reclamante com seu machado de batalha.

— Você parece um bebezão, Will. Não é culpa minha que eu luto melhor do que você.

Mamãe sempre disse que eu era o mais forte-

— Sim... mas você é feio.

BUM!

Will atingiu Bill no peito com um poderoso golpe de sua clava, e Bill desabou. Poeira e seixos voavam enquanto os dois gigantes se atacavam.

— Rapazes, já chega! — A velha bateu com a bengala no chão. Duas correntes elétricas se enrolaram ao redor dos gigantes. Com um estalo, eles foram violentamente separados.

Fumaça subia dos seus corpos enquanto eles esfregavam suas cabeças. Os dois se entreolharam com raiva, mas não se atacaram novamente.

— Ele começou — disse Will.

— Não, foi você — disse Bill, irritado.

Will se colocou de pé com um salto:

— Foi você!

— Parem com essa bobagem! — gritou a velha. — Não me obriguem a transformar vocês em sopa.

Ela ergueu um dedo ossudo para eles:

— Vocês sabem o que aconteceu da última vez.

Will deixou o corpo cair no chão e cruzou os braços. Kara pensou ter visto um sorriso no rosto de Bill.

A velha voltou sua atenção para Kara:

— Eu não sei o que estava pensando quando adotei estes trolls de pedra-eu devia tê-

los deixado apodrecendo na floresta.

Ela levantou a voz:

— E não se atreva a dizer o contrário, Henry, eu não estou de bom humor hoje.

A dor no braço de Kara piorava. As lágrimas escorriam por sua testa e caiam no chão.

— Por favor, Olga - eu sei que você é uma bruxa - precisamos da sua ajuda.

— Da minha ajuda? E por que eu deveria ajudá-la menina?

— Porque você é a única que poderia fazê-lo — disse Kara. — Quem mais poderia? Por favor... meu braço — Kara se encolheu de dor. — Está quebrado. Eu preciso sentar-A bruxa estalou os dedos e Kara caiu de cabeça no chão. Quando olhou para cima, as correntes haviam desaparecido. A dor latejou em seu braço quando ela lutou para ficar de pé. Ela fez o melhor que podia para não gritar. O chão parecia se mover embaixo de Kara, mas ela se manteve de pé. Algo estava faltando - sua mochila. Talvez estivesse caída na caverna. Ela lambeu os lábios secos; a sede era demais.

— Beba isso. — Um copo de madeira surgiu na mão de Olga.

Kara pegou o copo, tremendo. O vapor doce e com aroma de rosas subiu até o nariz de Kara. Ela levou o copo aos lábios e bebeu o chá em dois goles. O calor se espalhou por seu corpo imediatamente. Só então ela pensou que podia ser veneno, mas era tarde demais. Ela olhou para o fundo do copo vazio. Era o melhor chá que ela já havia provado.

— Não se preocupe, não é veneno — disse Olga, como se pudesse ler seus pensamentos.

Kara olhou para suas mãos abertas: O copo havia desaparecido. Ela olhou no olho amarelo de Olga. A velha bruxa estava sorrindo, como se estivesse se divertindo por Kara estar tão desnorteada. O braço de Kara começou a doer novamente, e ela o acariciou com o outro braço.

— Não se mexa — ordenou Olga, e bateu no chão duas vezes com eu cajado.

— Mas o quê?

O chão tremeu e gemeu debaixo dos pés de Kara. O solo rachou, criando talhos profundos na terra. Então, brotaram raízes perto dos pés dela. As raízes se enrolaram em Kara, até que ela ficou completamente coberta por elas. Elas subiram em seu casaco e se enrolaram em seu braço quebrado. Uma pulsação quente envolveu seu corpo. As raízes ásperas lhe apertavam suavemente, mas ela não estava com medo. Era como se eles estivessem se dobrando para formar um cobertor de couro. Ela se sentia abraçada pelo conforto e pelo calor das raízes. Dava para sentir os poderes curativos emanando delas como raios de sol.

E então, subitamente, as raízes deslizaram e voltaram para o chão, como vermes gigantes.

Kara ergueu seu braço direito e o inspecionou. Não havia mais dor. Quando flexionou os músculos do braço, sentiu que ele estava bom novamente, talvez até melhor do que antes.

— Isso é incrível! Como eles fizeram isso?

Olga riu:

— Nossa mãe terra possui muitos poderes de cura. — Olga se virou e falou para ninguém em particular. — Claro, eu sei. É melhor ficar quieto, Henry, ou eu vou prendê-lo no caldeirão de novo!

Kara procurou atrás de Olga:

— Com quem você está falando?

Olga apontou para um crânio humano, descansando em um banquinho de madeira, perto do caldeirão.

— Com Henry, marido número treze - ele não sabe ficar quieto nem depois de morto.

Kara observou Henry nervosamente.

— Desculpe interromper a conversa agradável de vocês, mas que tal uma ajudinha aqui? — David se contorceu em suas amarras. — Eu vou perdê-lo se ele não sair daqui em breve.

Olga estalou os dedos e uma corrente de metal cobriu a boca de David, silenciando-o.

Ele franziu a testa e gritou com raiva através da mordaça de metal.

Kara levantou as mãos em sinal de rendição: — Por favor, Olga. Estes são meus amigos. Não são maus, eu garanto. Eles vieram aqui comigo para encontrá-la.

A bruxa velha abanou a cabeça:

— Andarilhos espirituais são inimigos da nossa espécie. Eles não são seus amigos, menina.

Kara insistiu:

— Meu nome é Kara. Eu estou em uma missão importante para a legião dos anjos. E

esses anjos aqui são meus amigos. Por favor, liberte-os. Eles estão feridos, e podem morrer se não voltarem ao Horizon—

Olga levantou a mão:

— Não estou interessada nos negócios dos andarilhos espirituais. Os mortos devem permanecer mortos. Eles não deveriam estar vagando pela terra nestes corpos corrompidos. É contra as leis da natureza. Os espíritos devem permanecer na terra dos espíritos, sem se misturar com o mundo dos vivos.

Kara percebeu que não seria fácil conseguir a ajuda dela, dada a opinião que tinha sobre os anjos. Kara estava zangada com Ariel. O arcanjo sabia que a bruxa havia matado alguns guardiões, e mesmo assim os havia enviado. Ela não a perdoaria por isso.

— Tem um feiticeiro das trevas matando as pessoas — Kara deixou escapar, antes que soubesse o que estava fazendo. — Ele está coletando almas, e já infectou milhares.

Se não o pararmos, todos vão morrer, incluindo a minha mãe. -Eu imploro,

nos ajude.

A bruxa avaliou Kara por um momento, e fechou seu único olho em seguida. Ela não disse nada por um momento, mas depois falou: — Vá. Pegue o pingente que está ao lado de Henry. Não se preocupe, ele não morde.

— Mãe, eu pego para você — disse Bill. Ele deu um sorriso largo, e seus olhos amarelos brilharam com malícia.

Will se colocou de pé com um salto, e Kara sentiu um pequeno tremor sob suas botas: — Isso não é justo! Eu quero ir buscar para ela!

— Calem a boca! Os dois! — gritou Olga. — Vocês não podem tocá-lo com seus dedos grandes e desajeitados - ele viraria pó, e onde isso nos levaria? Agora sentem-se e fiquem quietos!

A terra tremeu quando Will obedeceu. Os dois gigantes de pedra se entreolharam.

Kara observou David, que levantou suas sobrancelhas de uma forma que dizia para Kara obedecer.

Kara percebeu que toda a atenção de Jenny estava em Peter e, se os anjos conseguissem chorar, ela estaria desabando em lágrimas agora.

Olga estava de olhos fechados enquanto Kara caminhava em direção a Henry. Ela passou pelo caldeirão e deu uma olhada nele. Cubos de batatas e cenouras boiavam em uma mistura grossa e cremosa. Aparentemente, ela estava fazendo uma grande quantidade de sopa de legumes, que borbulhava alegremente. O cheiro estava maravilhoso, e o estômago de Kara estava roncando. Foi preciso bastante esforço da parte dela para não cair de cabeça no caldeirão e beber um pouco. Will e Bill a observavam enquanto poliam suas armas. Estava claro que eles gostariam de usá-la como um alvo.

Quando o caldeirão ficou para trás, Kara pode enxergar melhor a casa de Olga, situada no topo de um grande pinheiro. A construção estava presa no lugar por ramos grossos, como uma mão segurando um cinzeiro. A casa estava meio torta. Pranchas de madeira e vigas se misturavam em uma grande confusão. Era um milagre que o vento ainda não a tivesse derrubado. Não havia escadas visíveis. Será que a bruxa flutuava até chegar na porta? Uma grande placa pintada à mão dizia: Um velho morcego, uma bruxa e três monstros vivem aqui.

Kara não sabia se ria ou se levava a placa a sério. Talvez houvessem três

monstros afinal, e certamente a casa pertencia a uma bruxa.

Sem mais hesitação, Kara caminhou até o outro lado do caldeirão. Henry, o crânio, estava confortavelmente situado em uma almofada feita de seda vermelha e dourada, no topo de um pequeno banco de madeira. Talvez aquele fosse o assento dele algum tempo atrás, antes dele se tornar um crânio humano. Ele parecia um crânio normal, exceto pelo fato de sua boca ter sido pregada com pregos enferrujados. Kara se perguntou se eles estavam ali quando Henry era mais do que apenas um crânio.

O pingente estava em volta de Henry como um grande colar.

Ela respirou fundo e o pegou. No começo, Kara pensou que o objeto a queimaria, a transformaria em um inseto ou algo assim. Mas nada aconteceu. Ela o colocou na palma da mão. Runas foram gravadas em uma placa lisa e quadrada de prata, presa em um cordão de couro preto. O couro estava rachado e desgastado, mas o pingente não tinha sequer um arranhão. Por que Olga precisava daquilo?

Kara marchou até a bruxa e estendeu a mão: — Aqui — ela disse — eu fiz o que você pediu - agora você pode libertar meus amigos?

Olga examinou o pingente, e depois apontou o dedo esquelético para Kara: — Você precisa colocá-lo em seu pescoço, menina. Ele a protegerá contra o mal.

Kara não sabia do que a velha estava falando, mas obedeceu assim mesmo. Ela olhou para Peter. Seu traje-M mal conseguia manter sua essência. Ele estava vazando.

— Por favor, liberte meus amigos, ou eles irão morrer. Eu garanto que eles não são inimigos.

A bruxa franziu a testa e abanou a cabeça: — Eles foram avisados para não entrarem na caverna. Todos os andarilhos espirituais que desobedecem sofrem as consequências. Vou usá-los em um dos meus feitiços. Eles são muito poderosos, entende? Mas não se preocupe, eu farei um bom uso deles.

Kara se aproximou de Olga.

— Você não entende. Nos mandaram aqui em missão, todos nós. Estes andarilhos espirituais são meus amigos, e estamos aqui para salvar os mortais do feiticeiro. Fomos enviados aqui para pedir ajuda. Meu chefe disse que, há anos atrás, as bruxas e os anjos lutaram para livrar o mundo dos feiticeiros. Eu vim

para renovar esta aliança.

Kara observou o velho rosto da mulher:

— Por favor, Olga. Venha conosco e nos ajude a combater este mal, antes que seja tarde demais. Você precisa nos ajudar.

Por um momento, Olga não se moveu e não disse uma palavra. Ela estalou os dedos.

David, Jenny e Peter caíram no chão, e suas correntes desapareceram.

Imediatamente, Jenny correu para Peter e o embalou em seus braços. Ela o balançou suavemente e sussurrou em seu ouvido. Kara sentiu um nó na garganta.

Kara se esforçou para ficar de pé e se estabilizou: — Você demorou, hein? Caramba, eu ainda estou de cabeça para baixo ou é você quem está? — Ele esfregou a cabeça.

Olga se adiantou até David. Ela arrancou seu olho novamente e o moveu lentamente ao redor dele.

— Hum. Eu vejo muitos espíritos implacáveis em você, andarilho - disse ela, antes de bater em David com seu cajado.

— Ai! Por que você fez isso? — Ele saltou para trás, parecendo enojado. — Pode colocar esse olho no lugar. Isso está me assustando, vovó.

— Kara — disse Jenny, em tom urgente. — Temos que levar o Peter embora. Eu acho... acho que ele está morrendo.

O traje-M de Peter estava tão fino que mal continha sua essência.

Kara se virou para a velha bruxa:

— Olga por favor — ela implorou. — Precisamos de sua ajuda para derrotar o feiticeiro. Eu faço o que você quiser. Você não vai nos ajudar?

Olga torcia o olho de volta no rosto, o que fazia um barulho nojento: — Eu já fiz o que podia. Você já possui as habilidades das quais precisa.

— Agora você está falando bobagem, vovó — disse David. Kara e David trocaram olhares.

Ela tentou disfarçar o pânico quando ele começou a falar: — Precisamos de magia para derrotar o feiticeiro. Nós não temos magia. Você tem a mágica da

qual precisamos. Sem você, não podemos derrotá-lo.

— Escute, senhora, você é a única bruxa que pode nos ajudar — disse David. — Vamos encarar, você odeia a mim e aos meus amigos — ele levantou os dedos em um sinal de aspas — andarilhos espirituais - nós entendemos isso. Mas o que Kara está tentando dizer é que sua magia é a única coisa que pode salvar os mortais. Você é única.

Se não nos ajudar, estaremos todos condenados.

Olga observou em silêncio e depois balançou a cabeça: — Você está errado - há outra pessoa que possui a magia necessária.

— Realmente — disse David, levantando as sobrancelhas. — Então, sua bruxeza real, quem é essa pessoa? Ela é tão encantadora quanto você?

A velha bruxa levantou sua mão e apontou para Kara.

— Ela.

# *Capítulo 13*

## *Chuva de Fogo*

**D**avid girou o dedo ao lado da cabeça, sinalizando que a velha estava maluca.

Isso era um desastre. Kara massageou as têmporas. Ela podia sentir uma grande enxaqueca chegando.

— Olga, eu não tenho nenhuma habilidade mágica - não consigo nem fazer um truque com cartas que preste. Eu sou apenas uma adolescente que não tem nada de especial -

exceto, talvez, quando estou trabalhando com a legião dos anjos da guarda. Mas eu juro que não entendo nada de magia.

— Você é uma elemental — disse a bruxa. Seu olho se contorcia enquanto observava Kara intensamente.

O sangue de Kara congelou. Ela se forçou a mover os lábios: — O que disse?

A bruxa sorriu, e Kara notou que ela só tinha um dente.

— Você é uma elemental. Eu posso ver isso claramente. Calado, Henry, é a minha vez de falar. É a sua natureza, menina. Eu nunca conheci alguém com tanta magia em si -

curioso...

Kara franziu a testa. As irmãs Fay tinham dito algo do tipo também.

— Não sei o que você quer dizer com elemental. Eu sei que eu tenho uma essência elemental em mim. É o que me diferencia dos outros anjos da guarda, e é o motivo pelo qual muitos deles me odeiam. Mas eu não tenho poder algum como mortal.

Olga atingiu Kara no peito com seu cajado.

— Você tem, menina. Só não sabe disso.

David cruzou os braços:

— Eu sou o único que estou confuso aqui? Tem certeza que aquilo no

caldeirão é sopa? Do que essa bruxa está falando, Kara? Isto faz sentido para você?

Kara encarou a expressão confusa de David, mas não sabia o que responder. Aquilo fazia sentido para ela.

Olga ignorou David e falou apenas com Kara: — Você sabe que eu falo a verdade. Você sentiu seu poder enquanto tentava se libertar das correntes - você queria invocá-lo. É por isso que a caverna sombria se abriu para você e a deixou passar - é por isso que ela permitiu que os andarilhos espirituais passassem sem serem destruídos.

Kara balançou a cabeça, ainda que sentisse que parte do que Olga dizia era verdade: — Você está errada, Olga. Eu não possuo mágica alguma. Não conheço nenhum feitiço, e não tenho como ser uma bruxa.

— Você não é uma bruxa, menina — Olga riu. Os tufos de cabelo balançavam em sua cabeça careca.

— Você é uma elemental. Os elementais têm um tipo diferente de magia, uma magia natural, que vem da terra. Não tem nada a ver com encantamentos e feitiços. É a energia da natureza. O fluxo que emana da mãe terra.

David assobiou bem alto:

— Caramba, eu bem que gostei disso. Não sabia que as bruxas podiam ser tão gatas.

Ele sorriu maliciosamente para Kara:

— Você poderia me amaldiçoar, doce dama?

Kara lhe deu um olhar sério, e ele fingiu selar os lábios com os dedos.

Olga acertou o estômago de Kara novamente.

— Ouça menina, você é uma elemental. O poder da natureza reside em você. O poder de manipular a energia da mãe terra reside em seu interior.

A bruxa se inclinou sobre seu cajado, com o olho amarelo fixo em Kara: — Você tem a capacidade de sentir e controlar estas energias. Elementais são muito raros e extremamente perigosos. Você já admitiu possuir este poder como andarilha espiritual-

— Sim, mas, não é a mesma-

— É claro que é a mesma coisa! — Olga levantou sua voz e acertou Kara no peito mais uma vez com seu cajado. — Você é tão elemental na forma mortal quanto na espiritual. Isso não muda. Você não pode mudar quem você é - isso é, uma elemental, uma filha da mãe terra.

A cabeça de Kara girava - uma elemental na vida e na morte. De alguma forma, ela acreditava na bruxa. Fazia sentido. A energia que ela sentia como anjo também residia em seu corpo mortal, esperando para ser liberada. Será que era realmente verdade? De repente, ela já não se sentia tão fraca. Seu poder elemental ainda estava ali, bastava descobrir como utilizá-lo.

Ela olhou para o pingente o colocou na palma da mão. Ele era leve e frio: — Então... presumo que você não vem conosco. Certo?

Olga se inclinou sobre seu cajado novamente, concentrando toda a sua energia apenas para falar.

— Se eu sair deste local, morrerei. Eu só vivi por todo este tempo porque os bosques e as cavernas têm me protegido por todos estes anos. Estes ossos miseráveis se desintegrariam no momento em que eu fosse embora. Mesmo que eu quisesse ajudar, não seria capaz.

Ela se inclinou na direção de Kara. Seu olho amarelo se contorceu: — O feiticeiro é uma criatura das trevas. Se o que você diz é verdade, e ele ressuscitou dentre os mortos, então você tem um inimigo perigoso para enfrentar. Ele irá invocar os poderes diabólicos da escuridão e dos mortos. Sua magia será grande e seus servos serão abundantes. Ele sabe que eu sou uma ameaça. Em breve, ele virá atrás de mim, e você deve ir embora o quanto antes, menina.

Ela empurrou Kara com seu cajado:

— Ele não sabe sobre você, e é melhor que continue assim até o momento certo. Vá...

Kara afastou o cajado dela com as mãos:

— Mas você ficará segura? Se ele vier até aqui, você conseguirá se proteger?

Ela sentiu uma súbita tristeza, acompanhada de uma necessidade de proteger Olga.

Ela lembrava a avó de Kara. Era velha e frágil. Kara não queria que nada de

ruim acontecesse com ela, ainda que ela quase tivesse matado seus amigos. A velha bruxa estava começando a despertar sua simpatia, até mesmo Henry.

Olga ignorou a pergunta e apontou para o pingente.

— Este pingente possui uma runa de proteção e poder elemental. Ele irá energizar e fortalecer as intenções mágicas do portador. Terra, ar, fogo, água - a chave para o poder elemental - estes símbolos são a marca registrada de um elemental. O pingente a ajudará a acessar seus poderes elementais e se proteger contra o feiticeiro.

— Mas como eu uso esses poderes?

A terra tremeu sob os pés de Kara.

Uma bola de fogo verde caiu do céu e explodiu na clareira, colocando as árvores em chamas. Um gemido ensurdecedor veio das árvores, como se elas estivessem gritando de dor. O peito de Kara estava apertado. Ela quase conseguia sentir o sofrimento das árvores enquanto elas queimavam. As chamas verdes serpenteavam e lançavam um brilho esmeralda sobre a clareira.

Bill e Will se levantaram e sacaram suas armas, com um olhar selvagem em seus olhos amarelos.

— Ele me encontrou — disse Olga. Seu vestido esvoaçou com uma rajada de vento, enquanto uma aura amarela irradiava de sua pele. Ela se virou para Kara. — Não há tempo. Me escute e faça o que eu digo.

Kara assentiu, e fez o melhor para se concentrar no rosto de Olga, e não no fogo verde que ameaçava atingi-la.

— Você deve destruir o feiticeiro até o solstício de inverno - é o momento no qual o ano passa para sua parte mais sombria. Ele usará o poder das almas já coletadas para ressuscitar outros feiticeiros e demônios. É o que ele planejou o tempo todo - trazer de volta seus irmãos. Se ele for bem-sucedido, poderá dobrar o mundo mortal à sua vontade. Você deve impedi-lo. Não permita que o ritual do solstício aconteça!

As árvores gemeram, e Kara estremeceu. Ela não conseguia se mover.

— Mas como eu faço isso? Como faço para impedi-lo? — Ela gritou sobre o rugido das chamas. — Eu não sei onde será o ritual!

— Ele voltará ao mesmo local onde foi destruído com seus seguidores há

cinquenta anos atrás - procure pela agulha de Cleópatra, e lá você encontrará a entrada para o covil do feiticeiro.

— Eu tenho que ir ao Egito?

O cajado de Olga emitia uma luz amarela. Mesmo para uma velha bruxa, ela parecia perigosa e poderosa.

— Cidade de Nova Iorque.

Kara olhou para ela:

— Você está brincando, certo?

A velha bruxa a ignorou.

— Procure nos túneis sob a cidade. Você precisa procurar um velho tolo chamado Gideon. Ele é o único que pode ajudá-la agora, então faça o que ele disser. Entendeu?

— Mas a cidade de Nova York é enorme. Como posso encontrar esse velho?

O olhar de Olga estava na floresta atrás de Kara: — Procure nos túneis. O pingente irá guiá-la. Deixe o fluxo de energia correr naturalmente, e o pingente o levará até ele.

— O que? Sério? — Kara observou o fogo verde que se aproximava dos seus pés. — Que tipo de resposta é essa? Olga, você precisa me dar mais informações-

— Você deve sair daqui, rápido! — disse Olga.

O calor das chamas queimou o rosto de Kara. A fumaça irritava seus olhos.

— Mas e você? Vai ficar tudo bem? — Ela disse entre uma tosse e outra.

Outra bola de fogo líquido atingiu a clareira. Mas dessa vez, ela atingiu a casa de Olga. Dentro de poucos segundos, a pequena cabana estava envolta em chamas verdes.

Os trolls de rocha se posicionaram ao redor de sua mãe para protegê-la.

Olga agarrou seu cajado com ambas as mãos: — Eu vou ficar bem...-você deve sair daqui. Isso é fogo de feiticeiro. As chamas irão matar você e os andarilhos espirituais. Se você dá valor as vidas deles, é melhor tirá-los daqui. Eu posso cuidar de mim mesma. Volte até a caverna. Rápido, vá agora!

— Mas...

Uma grande bola de fogo verde explodiu na base do caldeirão de Olga. Mas em vez de um fogo ardente, uma dúzia de rãs do tamanho de ursos adultos brotaram das chamas.

Seus olhos brilhavam na cor vermelha, e um barulho ecoava de suas gargantas. Runas e símbolos verdes cobriam suas peles viscosas.

Os trolls brandiram suas armas e atacaram.

Uma das criaturas abriu sua boca. Ela possuía fileiras de dentes, como os tubarões, e cuspiu uma substância verde que atingiu Will no peito e no rosto.

Ele gritou em agonia, enquanto uma nuvem de vapores subia por seu corpo. A substância verde corroeu o corpo rochoso como algum tipo de ácido, deixando buracos e expondo suas entranhas. Sangue escorria do rosto e do peito da criatura. Ele caiu de joelhos, com os olhos arregalados e morreu.

Bill gritou loucamente em direção aos sapos. Ele cortou ao meio a criatura que matou seu irmão com apenas um golpe! Quando se virou, mais criaturas saltaram para ele, mas também foram mortas por seu machado.

Sangue negro manchava seu rosto. Como um louco, ele golpeou e cortou, vingando seu irmão. Mas eles era muitos, e Bill desapareceu sobre um emaranhado de membros verdes. Kara o ouviu gritar, e foi a última coisa que ele fez.

Mais bolas de fogo líquido estouraram no chão ao redor de Kara. Mais e mais criaturas brotaram das chamas, procurando a próxima presa com seus olhos vermelhos. Quando viram Kara e seus amigos, deram um grande salto na direção deles.

Uma explosão de luz amarela atingiu as criaturas, que explodiram em uma nuvem de poeira verde. As partículas flutuaram no ar e se amontoaram feito cinzas no chão.

Olga ergueu seu cajado acima da cabeça.

— Isso é tudo que você tem, bruxo? — Ela gritou para chamas verdes ao seu redor.

Quando bateu com o cajado no chão, redemoinhos amarelos extinguiram as chamas verdes:

— Vocês feiticeiros são todos iguais. Sempre deixam outros lutarem suas batalhas.

Mostre-se, seu covarde!

Outro pulso de energia amarela foi disparado do cajado, transformando mais sapos em poeira. Olga começou a cantar. Seu único olho brilhava como se houvesse fogo em seu interior.

— Kara, temos que sair daqui. — David agarrou o braço de Kara e puxou-a para perto.

— Não estou animado para ser devorado por rãs gigantes, e Peter está sem nenhuma condição de lutar. Eu duvido seriamente que possamos enfrentar essas coisas - nós precisamos voltar ao horizonte. Agora.

Peter estava embalado nos braços de Jenny, e tinha perdido quase toda a sua essência. Parecia que ele já estava morto.

Kara viu o terror no rosto de Jenny.

Ela se virou para David — você tem razão, vamos sair daqui. Pegue o Peter e vamos correr. Jenny, você consegue correr?

Jenny colocou Peter nas costas de David. Sua essência angelical escoava por buracos em seu peito e rosto:

— Sim, mas não por muito tempo. Meu traje-M está nas últimas.

Com Peter nas costas de David, Kara fugiu para a parte da floresta que não estava sendo consumida pelas chamas. Ela parou na frente de uma parede de árvores negras.

Onde estava a caverna? Ela não conseguia ver além dos ramos. O bosque era espesso e impenetrável - levaria horas para atravessar alguns metros. Kara podia ouvir a batalha atrás dela. Ela começou a entrar em pânico.

— Como podemos voltar para a caverna? — Jenny parou ao lado dela. Dava para ver o medo nos olhos verdes da amiga.

Kara xingava enquanto vagueava pela parede de árvores. Onde estava a porcaria da caverna?

Subitamente, os ramos das árvores se separaram, revelando um túnel. Para além da entrada de ramos e raízes retorcidas, havia outra entrada para a caverna.

— Vamos lá! — David correu pela abertura. Jenny foi logo atrás, segurando seu estômago.

Quando Kara começou a avançar, um grito encheu o ar da noite.

Kara sentiu um arrepio. Era Olga. Ela se virou rapidamente.

Um homem alto, envolto em uma capa preta estava no meio da clareira. Runas e símbolos verdes brilhavam no seu manto, deslocando-se e mudando como se fossem líquidos. Sua cabeça estava coberta com um capuz preto - seu rosto estava escondido pelas sombras.

O feiticeiro erguia Olga pela garganta, e a velha lutava e asfixiava. O feiticeiro a ergueu e atingiu seu abdômen com o punho direito.

Kara sufocou um grito quando assistiu a velha cair no chão e explodir em uma nuvem de pó amarelo. Kara sufocou um soluço.

O feiticeiro escuro virou a cabeça lentamente em direção à borda da floresta, onde Kara estava. Seus olhos vermelhos e brilhantes encontraram os dela. Kara não conseguia ver o rosto dele, não podia nem mesmo confirmar se ele era humano.

Ele levantou o braço e apontou um dedo longo e cinzento para ela-Kara foi jogada para trás com uma força incrível. Ela caiu no chão duro. Suas pernas e braços estavam presas por uma corrente de metal verde e brilhante. Desesperadamente, ela se virou e levantou a cabeça. O feiticeiro estava caminhando em direção ela.

Ela gritou e lutou contra as correntes, mas era como tentar se libertar da mão de um gigante. Era inútil.

O metal expelia uma fumaça verde. De repente, Kara se sentiu tonta e cansada, precisando desesperadamente descansar. O chão era agradável, macio e cheirava à flores. Um pouco de descanso não faria mal...

Kara... Kara... acorda!

Era a voz de Olga? Ela estava sonhando? Onde ela estava?

Ela piscou para espantar as manchas de sua visão. Ela sabia que algo não estava certo. Kara tentou combater a sonolência e conseguir tempo suficiente para pensar.

Ela precisava remover as correntes, que certamente eram mágicas. Magia

devia ser combatida com magia - Olga havia dito que seu poder elemental ainda estava dentro dela.

Ela se concentrou no sentimento que havia sentido antes. Kara procurou uma luz dentro de si mesma, a energia que havia usado quando era um anjo. A chave era deixar as emoções fluírem. Seu corpo se inundou de raiva pela morte de Olga.

O feiticeiro estava a apenas alguns passos de distância - se não fizesse algo rápido, ela morreria.

Seu coração acelerava. Cada respiração a fazia inalar mais da fumaça tóxica. A névoa verde a fazia engasgar. Ela não estava pronta para morrer, não assim e especialmente não nas mãos de algum feiticeiro esquisito.

Algo se acendeu em seu interior, como uma vela na escuridão. Seu pingente queimava contra seu peito, vibrando em ressonância com aquele poder. Atordoada, Kara olhou para baixo. As runas em seu pingente brilhavam em um tom de amarelo que lembrava o sol da manhã. Ela relaxou e fechou os olhos. Buscando em seu interior, ela foi atrás da fonte de energia que abrigava seu poder elemental. Sua mente alcançou um estado de silêncio e tranquilidade, e o poder jorrou por suas veias. O poder parecia diferente do que ela invocava quando era um anjo. Ele trazia uma sensação fria e um cheiro de primavera. De repente, ela sabia o que fazer.

A energia subiu através de seu corpo como uma brisa fresca, sobrecarregando seus sentidos com o cheiro de terra. O poder queria ser liberado de uma só vez, e ela se rendeu a ele.

Faíscas de energia dançaram por sua pele. A terra ao seu redor tremeu. Pequenas raízes brancas brotaram do solo e se prenderam às correntes que a mantinham presa. As correntes derreteram como se fossem feitas de gelo.

Com um salto, Kara se colocou de pé. O feiticeiro congelou, pois certamente não esperava que Kara se libertasse. Ele não teve tempo para pensar no que tinha acontecido. Antes que pudesse tentar mais alguma coisa, ela se virou e correu para a gruta.

# *Capítulo 14*

## *A Estação de Metrô de NYC*

**A**s ruas de Nova York estavam exatamente como Kara se lembrava. Edifícios gigantes, feitos de vidro e pedra, a cercavam de ambos os lados. Uma multidão de pessoas se espremia dentro e fora das lojas, enquanto seguiam suas rotinas diárias. Ela já esteve ali uma vez, em busca de uma agente de campo desaparecida, Catherine, quando ela se juntou ao CDD pela primeira vez. Só que desta vez, ela estava sozinha.

Ela tinha deixado seus amigos ao pé de um penhasco e visto eles desaparecerem no oceano gelado. Kara esperava que a Cura-Express pudesse curá-los. David tinha apertado sua mão suavemente e tentado convencê-la de que aquilo não era culpa dela. Mas isso não a impedia de pensar que deveria ter ido para a caverna sozinha. Se a alma de Peter não se recuperasse, a morte dele seria sua responsabilidade.

A única coisa boa em tudo isso é que ela havia encontrado sua mochila em uma das passagens na caverna, como se estivesse esperando por ela. Talvez a magia de Olga a tivesse mantido a salvo.

Kara, de pé na esquina entre a Rua 59 e a Avenida Lexington, se perguntava se Ariel e a Legião sabiam que a velha bruxa não podia sair da sombria caverna. Ariel sabia que os poderes elementais de Kara podiam ressurgir em seu corpo mortal?

Antes de mais nada, ela precisava encontrar o homem chamado Gideon. Ela só podia imaginar que os túneis sob a cidade deviam ser o sistema de metrô. Mas quando chegou lá, não tinha ideia do que fazer. O sistema de metrô de Nova York era gigantesco... e o tempo estava acabando.

Ela havia esperado dez horas por um voo. Hoje era dia 21 de dezembro. Cansada e dolorida, Kara tinha apenas algumas horas para encontrar a agulha de Cleópatra e destruir o feiticeiro, tudo isso antes do solstício de inverno. Sem pressão. Fácil, fácil. Só de pensar, ela se sentia doente. Kara apertou o pingente em sua mão. Como é que ela ia conseguir fazer isso?

Kara seguia a fila de pessoas que desciam até a entrada do metrô na 59th

Street.

Após estudar o mapa do metrô, ela percebeu que o trem levava até a Rua 42. Mas como ela encontraria Gideon? Em qual túnel ele estaria? Kara não tinha tempo para passear por todo o sistema de metrô de Nova York.

Kara seguiu seu caminho pelo piso de concreto, cheio de manchas de chiclete. Ela sentia um terrível cheiro de alvejante e fumaça de cigarro. A única fonte de luz vinha das luminárias de neon que percorriam toda a estação. Elas piscavam e faziam barulho enquanto Kara passava. Com exceção de algumas pichações, tijolos bege cobriam as paredes. Ela seguiu as placas para o centro da cidade e o Brooklyn.

Ela olhou para o relógio - 12:35.

Multidões de pessoas se moviam pelas outras entradas.

Então, ela viu - runas verdes e brilhantes cobriam a maioria dos rostos. Assim como a mãe da Sabrina, a pele era de uma cor pálida e cinzenta, os olhos eram tristes e sem vida. Como robôs, eles se misturavam entre a multidão, se saber que foram marcados por um feiticeiro. Em breve, estas pessoas ficariam muito doentes e morreriam; eles perderiam suas almas.

Kara apertou os punhos e se apressou por entre a multidão. Ela estava ficando sem tempo.

— Gideon, cadê você? — ela sussurrou.

Kara podia sentir o pingente roçar sua pele. Ela o tocou e passou os dedos sobre os símbolos. A pedra estava quente em sua mão, e Kara podia sentir uma vibração rítmica, uma pulsação. As runas brilhavam em um tom de amarelo, e o pingente rosa em sua mão flutuou no ar como um balão. Esticando o cordão que o prendia, o pingente puxou Kara para oeste, como uma bússola flutuante.

Ela tentou puxar o pingente para baixo, mas ele escorregava em suas mãos feito sabão.

— Você sabe onde o Gideon está? — Kara perguntou ao pingente, se sentindo um meio estúpida. Mas ela sentia que era isso mesmo.

A corda ainda a puxava para oeste. Kara se deixou guiar pelo pingente. Ela o escondeu entre as mãos, para evitar os olhares de estranhamento dos transeuntes.

O pingente a levou até o trem que ia para o centro e ao Brooklyn.

De repente, uma após a outra, as luzes de néon se sobrecarregaram e começaram a explodir. Kara e dezenas de outras pessoas foram atingidas por uma chuva de cacos de vidro. Ela correu e se refugiou na parede oposta, tirando pedaços de vidro do cabelo. As pessoas gritavam e procuravam abrigo.

E então, todas as luzes se apagaram.

Kara e os outros foram deixados na completa escuridão. O pingente ou seus poderes causaram isso? Quando as pessoas estavam prestes a entrar em pânico, as luzes voltaram.

Kara rezou para as luzes voltarem. Enquanto o pingente ainda a puxava, ela respirou fundo e caminhou em direção a bilheteria. As luzes piscaram, mas não se apagaram novamente. Ela deu uma virada brusca e contornou a multidão, tentando evitar as pessoas tanto quanto pudesse.

Quando estava chegando perto da bilheteria, Kara se lembrou de que não tinha dinheiro.

Ela deu meia volta. As pessoas passavam em fila pela roleta. Kara as observou por um momento e se atirou entre um homem careca e uma mulher de meia idade, com sacolas mais pesadas do que conseguia carregar. Ela se esgueirou facilmente através da catraca.

Mas não rápido o suficiente.

— Ei, você — gritou o vendedor de bilhetes de sua cabine de vidro. — Você precisa pagar. Eu vou chamar a polícia.

Seus punhos batiam contra o vidro:

— Volte aqui!

Kara agarrou as alças da mochila e correu. Ela disparou pelas escadas até a primeira plataforma. Quando olhou para trás, não estava sendo seguida. Ela relaxou um pouco e olhou em volta. Além do fedor desagradável de lixo e xixi, o metrô parecia normal. Ele era enorme, com três plataformas de cimento separadas por trilhos.

Uma multidão esperava seus trens, e mais da metade estava marcada com as runas verdes. Ninguém tomou conhecimento disso. Aparentemente, só ela era capaz de ver a marca do feiticeiro. Isso a deixava aflita.

O pingente a puxou para a plataforma à esquerda. Kara obedeceu ao amuleto

e seguiu na direção indicada. Quando chegou ao final da plataforma, o pingente ainda puxava. Ele queria que ela entrasse no túnel do metrô. Kara se lembrou de ter lido sobre pessoas que viviam em velhos túneis abandonados no sistema de metrô. Será que Gideon era uma dessas pessoas? Kara se segurou na parede lateral e observou as profundezas do túnel. Ele fazia uma curva e desaparecia nas sombras. O vento roçou sua bochecha. A plataforma vibrava ligeiramente. Kara se virou e viu uma pequena luz no extremo oposto do túnel. A luz estava ficando maior a cada segundo. Ela não queria escorregar e cair nos trilhos acidentalmente. Ela não teve tempo de saltar para o outro lado, então voltou para a borda. O trem guinchou ao passar por Kara, colocando-a em um impasse. Suas roupas vibravam com uma forte rajada de vento.

— LÁ ESTÁ ELA! PEGUEM-NA!

Kara se virou rapidamente. Três homens de uniforme com walkie-talkies correram em direção a ela apontando, com os rostos contorcidos de raiva.

Ela virou as costas para eles, assobiou casualmente e, no último momento, saltou para dentro do trem. As portas se fecharam. O trem ganhou vida. Os guardas uniformizados batiam no vidro com os punhos, mas era tarde demais. Kara se afastava, deixando os rostos raivosos para trás, enquanto o trem saía da plataforma. Suspirando alto, ela se jogou em um assento vazio. E agora?

Quase que em resposta, sua cabeça começou a pulsar outra vez, e a dor estava piorando. Para piorar a situação, ela se sentiu mais fraca, como se tivesse pego um resfriado. Ela pressionou o nariz contra o vidro, tentando ver através dos túneis escuros.

Não havia sinal de um homem velho em lugar algum. Aquilo tudo era uma loucura. Ela teria que descer na próxima parada e vagar pelos trilhos em busca dele. Era a única maneira.

O vagão estava cheio de jovens e velhos. As runas verdes do feiticeiro estavam por toda parte. Uma súbita sensação maligna a incomodou novamente, mas dessa vez foi mais forte, como se ameaça estivesse mais próxima. Seu pingente pulsou ainda mais. Ele pairou por um momento, e depois caiu sobre o peito de Kara.

As luzes se apagaram.

O trem parou com um empurrão forte, como se tivesse sido atingido uma parede de tijolos. Pessoas e seus pertences caíram no chão. Kara agarrou a haste

de metal assim que o trem finalmente parou. As pessoas gritavam. As luzes de emergência foram ativadas, banhando a todos com uma cor vermelho-sangue.

A visão de Kara se ajustou a escuridão, e ela conseguiu ver outros túneis. Eles estavam enterrados em algum lugar no fundo do sistema de metrô. Os vagões da frente estavam contorcidos em forma de Z. Kara sentiu um gigantesco galo começando a crescer em sua cabeça. Eles tinham atingido algo?

Um homem de meia idade começou a praguejar em voz alta sobre estar atrasado para uma reunião importante.

BUM!

O telhado de metal do vagão entrou em colapso, como se um pedregulho gigante tivesse caído sobre ele.

Ela sacou sua lâmina e esperou.

O trem sacudiu com uma série de batidas no teto, como se estivessem chovendo pedras. Kara tapou os ouvidos por causa dos gritos frenéticos das pessoas no interior do trem. O trem sacudia como um barco em uma tempestade. Pessoas amedrontadas deixavam seus pertences para trás e seguiam para o próximo vagão. Quando Kara tentou correr para se juntar a eles, seu corpo a empurrou de volta. Seu casaco agarrou em um dos assentos.

— Isto não pode estar acontecendo. — Ela ainda lutava para se libertar enquanto a parte de trás do vagão se abriu com um estouro. Kara se abaixou para evitar os pedaços afiados de metal que voavam em sua direção.

Um rato do tamanho de um mastife inglês rastejou para dentro do carro. Sua pele negra brilhava, enquanto runas verdes se moviam ao redor do seu corpo. Seus olhos vermelhos estavam fixos nela. O animal rosnou, revelando quatro incisivos enormes, que deveriam pertencer a um tigre dente de sabre, não a um rato. Sua cauda preta e grossa se contorcia nervosamente.

Ele se sentou por um momento e abriu sua enorme boca.

— Vejo que nos encontramos de novo, elemental. — Sua voz guinchada parecia vir de uma antiga estação de rádio, e estava claro que o rato era apenas um meio de comunicação.

Lodo verde escorria pelos cantos da boca do animal — a bruxa pensou que podia escondê-la de mim, mas eu tenho olhos e ouvidos por toda parte. Eu sei de

tudo, e você não pode escapar.

O vagão balançou quando outros cinco ratos entraram rastejando pelas janelas quebradas. As pessoas do vagão ao lado gritavam, mas os novos ratos apenas ficaram atrás daquele que falava com Kara, como se estivessem aguardando ordens.

A pulsação de Kara acelerou, e o pingente parecia pesar feito um tijolo. Ela acenou com sua lâmina da alma:

— O que você quer de mim, rato?

— Sua pequena fuga na floresta foi notável — respondeu o animal. — Eu estou pensando em você, pensando sobre o que você é. Você me deixou muito irritado, sabia?

Com certeza não é uma adolescente normal. É preciso um grande poder para se libertar das minhas amarras, então me ocorreu que você deve ser uma elemental. A energia da terra respondeu ao seu pedido de socorro. Eu fiquei muito impressionado. Eu poderia usar alguém como você...

— Nunca — Kara cuspiu. — Você rouba as almas dos mortais e os deixam para morrer.

Você é uma criatura vil, e eu vou pará-lo para sempre.

O rato arregalou os olhos enquanto ria:

— É, eu achei que você diria algo assim.

Nariz do rato se contorceu:

— Temo que você represente uma grande ameaça enquanto estiver viva. Eu a mataria, mas tenho certeza de que os meus animais de estimação podem fazer isso por mim.

— Eu não sou fácil de matar.

O rato zombou:

— Você é uma adolescente com um pouquinho de poder, e eu vou matá-la. Eu sou muito mais poderoso do que você, elemental. Você está sozinha; seus amigos espirituais não podem ajudá-la agora. Eu irei destroçá-la, e meus bichinhos irão se banquetear com o seu sangue.

O rato saltou na direção dela.

Kara cortou seu casaco para se libertar, logo quando uma pata gigante com unhas afiadas rasgou o assento que estava ao seu lado ao meio. Após bloquear um golpe, ela pulou para o próximo assento. Ela duvidava que poderia sobreviver contra seis ratos mágicos gigantes, mas ela iria vingar a morte de Olga, mesmo que isso significasse morrer no processo.

Slap!

Uma calda a atingiu por trás, e Kara caiu no chão de metal. Ela sentiu uma explosão de dor no joelho, e foi puxada para cima.

De repente, seu corpo foi arrastado para trás. Kara se virou. Sangue escorria do seu jeans, onde as garras dianteiras do rato haviam perfurado sua perna como cinco facas afiadas. Kara olhou para a boca do rato gigante; uma baba pútrida escorria em seu rosto e ela abaixou a cabeça.

Kara brandiu sua lâmina debaixo do queixo da criatura, empurrando-a em direção ao cérebro dele. O lodo verde se esparramou pelo chão. O rato caiu morto. As runas desapareceram de sua pele. O animal chiou e estalou levemente, enquanto voltava ao seu tamanho normal, o tamanho da bota de Kara.

Ela ouviu o barulho de unhas contra o metal quando os outros cinco ratos atacaram.

Kara correu para a porta de saída na parte traseira do trem. Ela puxou a maçaneta com força, mas a porta não se moveu. Ela puxou e puxou, mas não adiantou. O rosto de um homem a observava do outro lado do vidro. Ele balançou a cabeça e Kara compreendeu: ela estava trancada.

Ela bateu na porta:

— Por favor, me deixe sair. Você não pode fazer isso! Abra essa porta!

O homem apenas balançou a cabeça. Outro homem apareceu, e Kara pensou que estava salva, mas ele colocou todo seu peso contra a porta e observou Kara com um olhar triste, como se ela já estivesse morta.

A raiva fervilhou dentro dela. Idiotas. Ela estava dando a vida para salvar aqueles imbecis, e eles a queriam morta.

Empunhando a lâmina da alma com firmeza, Kara se virou para enfrentar os ratos.

Dez pares de olhos se fixaram nela; vermelhos, brilhantes e cheios de ódio.

Ela podia sentir que o feiticeiro a observava.

Não havia para onde fugir ou se esconder. Kara teria que ficar e lutar. O pulsar do pingente acelerava as batidas do seu coração. Ela estava pronta.

O primeiro rato se atirou na garganta dela. Com um golpe lateral, Kara cortou a garganta da criatura, que caiu aos seus pés e voltou ao tamanho normal. Antes que pudesse evitar, outro rato pulou em cima dela.

Este prendeu Kara no chão. Seus dentes afiados estavam a polegadas do seu rosto.

Desesperadamente, Kara chutava a barriga da criatura. Os lábios do rato repuxaram para trás, e ele falou:

— Você está acabada — disse a mesma voz de antes. — Adeus, elemental.

Kara perdeu o fôlego de repente, quando mais dois ratos saltaram por cima dela. A dor subia pelo seu corpo enquanto os ratos puxavam e mordiam suas pernas. Seu coração batia alto e rápido. Sua lâmina caiu da sua mão. Kara não podia se mover. Ela não conseguia nem respirar, ou mesmo gritar. Uma baba pútrida caía em seu rosto, enquanto Kara fechava os olhos e se preparava para morrer...

O pingente lançou uma onda de choque através do corpo dela. Sua raiva foi despertada. Kara não estava pronta para jogar a toalha. Ela encontrou aquele lugar em seu interior no qual o seu poder repousava.

O vagão do metrô sacudiu. Kara sentiu um vento frio passar por ela. Ela também sentiu os níveis subterrâneos dos túneis ao redor. As pontas dos seus dedos vibravam, captando a energia que vinha da terra. Depois, a energia elemental correu por seu corpo como um relâmpago. Seus músculos ficaram tensos. Ela abriu os olhos. Quando já não podia conter seu poder elemental, ela a lançou.

Uma energia prateada foi disparada. Os ratos voaram pelo ar e atingiram as laterais do vagão com uma força incrível. Seus corpos estavam envoltos em eletricidade prata.

Seus gritos ressoaram, e depois houve silêncio. Eles caíram no chão, se contorceram, e tudo que sobrou das criaturas foram ratos carbonizados de tamanho normal, que pareciam mais torradas que passaram do ponto.

Kara olhou para suas mãos. Como uma guardiã, seu poder era dourado; como mortal, era prateado.

A luz de um vagão piscou e depois explodiu. Cacos de vidro caíam do teto como gemas brilhantes.

O cheiro de carne queimada encheu o compartimento quando os vapores vindos dos corpos começaram a subir. Ela ouviu os gritos que vinham do vagão ao lado e os ignorou.

Ela percebeu que estava tremendo, e não era apenas por causa do frio, mas também pelo medo de conseguir causar tamanha destruição. Ela se abaixou e pegou sua lâmina.

Kara sentia que estava sendo observada pelas pessoas do vagão ao lado, mas ela não olhou para eles. Eles pretendiam deixá-la para morrer.

— Não nos deixe aqui — ela ouviu a voz de um homem através do vidro. — Vimos o que você fez...você pode nos salvar!

Kara ainda estava com raiva. Parte dela queria socar o rosto do cara, pois ele tinha sido aquele que trancou a porta. Ela tinha assistido enquanto ele mexia na fechadura.

— ELEMENTAL!

Uma voz estrondosa reverberou através do túnel. Pedras e pedaços de concreto choveram sobre o trem novamente. As pessoas gritaram e se esconderam embaixo dos assentos.

— EU VOU MATAR VOCÊ!

Ela podia ver raios de luz vermelha saltando para cima e para baixo do lado de fora. A princípio, Kara pensou que fossem lanternas, mas então ela viu que dez ratos gigantes corriam em direção ao seu vagão. Eles estavam vindo para pegá-la. Se ficasse, os passageiros do vagão ao lado certamente morreriam. Ela não podia correr esse risco. O

pingente a puxava, e havia apenas uma coisa a fazer.

Sem olhar para trás, Kara correu para a frente do trem, desceu para os trilhos e fugiu para a escuridão.

# *Capítulo 15*

## *O Homem no Telhado*

**K**ara correu com toda a força que podia reunir. Ela podia ouvir os ratos rasgando o chão atrás dela. Quase dava para sentir o hálito fétido deles em seu pescoço. Sob efeito da adrenalina, ela sentiu uma explosão de energia, e desejou estar em seu traje, pois sabia que não conseguiria correr tanto por muito mais tempo. Cedo ou tarde, ela teria que dar meia volta e correr por sua vida.

O pingente pairava no ar em sua frente. Kara se sentia como se fosse um cachorro em uma coleira, mas não discutiu com o pingente. Estava claro que ele sabia para onde ir.

Uma luz branca surgiu repentinamente no fim do túnel, e ficou cada vez mais luminosa. As paredes do túnel vibraram. Ela sabia que não eram os ratos; um trem de 400 toneladas estava vindo em sua direção a quase 50 km/h.

Em menos de sete segundos, ela seria atingida.

Mas Kara não parava de correr. Seu impulso a empurrava para frente. Se tentasse parar agora, ela cairia e seria feita em pedaços pelos ratos.

Seis segundos.

Ela olhou para os lados. Não havia qualquer túnel adjacente a vista. Havia apenas uma linha reta, ou a possibilidade de parar e morrer.

Cinco segundos.

As pernas de Kara balançavam enquanto a adrenalina começava a se esvair. Ela piscava para tirar o suor dos olhos. Apenas o medo a mantinha em movimento. O rosto sorridente de David apareceu em sua mente. Ele ficaria bem depois da morte dela?

Quatro segundos.

Seus pulmões estavam em chamas. Ela nunca tinha corrido tanto por tanto tempo. O

farol do trem transformava a noite em dia. O calor da luz ofuscante parecia derreter suas iris. Se sobrevivesse, ela certamente ficaria cega.

Três segundos.

Se tropeçasse, Kara morreria.

Dois segundos.

Ela ouviu o rasgar da própria carne, quando as garras de um rato atacaram seu pescoço. Ela sentiu o sangue ensopando suas costas. A o hálito fétido do rato estava muito próximo.

Um segundo.

Kara se achatou contra a parede do túnel. A lateral do trem roçava sua bochecha enquanto passava. Ela fechou os olhos, enquanto uma grande rajada de vento arrastava detritos e areia pelos trilhos. Ela prendeu a respiração.

Sobre o barulho das rodas metálicas passando pelos trilhos, ela ouviu o baque inconfundível de carne contra metal.

Com uma última e poderosa rajada de vento, o trem desapareceu na sombra do túnel.

Kara estava viva. Ela olhou rapidamente para a direita. Vários membros decepados de ratos jaziam nos trilhos. Após uma contagem rápida, ela constatou que estavam todos mortos.

Abalada, mas ainda viva, Kara sentiu pena das criaturas, que estavam apenas sendo usadas.

Ela olhou para o relógio. 14:14.

Kara tirou a poeira e a sujeira dos olhos com a manga da blusa. Pequenas luzes revestiam as paredes, fornecendo iluminação suficiente para Kara enxergar o que estava ao seu redor. Ela precisava ir embora, antes que o feiticeiro enviasse mais ratos. A dormência em seu pescoço estava descendo para suas costas. Kara se sentia febril e tentava não tremer. Era possível morrer por causa da mordida de um rato? No meio deste pensamento, ela ouviu o som distante de mais criaturas de quatro patas correndo em sua direção. O pingente a puxou ainda mais freneticamente. Obediente, Kara se forçou a correr. Sua garganta queimava a cada respiração. Ela estava tonta por causa do esforço, e sua cabeça estava prestes a explodir. Ela precisava descansar.

— Você não pode se esconder, elemental — veio uma voz das sombras. — Saia, saia de onde quer que esteja...

Kara não parou. Ela aumentou o passo, mas ela estava ficando sem energia - o pensamento de ver David e os outros era a única coisa que a fazia prosseguir.

As paredes do túnel se moveram, de repente, como se fossem feitas de água. Elas mudaram, e Kara encontrou-se correndo em direção a um beco sem saída. Ela estava de frente para uma parede de pedra que não estava ali um segundo atrás. As paredes se moveram novamente, e dois novos túneis se abriram, para a esquerda e a direita. O que estava acontecendo? O veneno do rato a estava afetando?

O pingente puxou-a para o túnel à direita. O túnel se estendia à medida que ela corria, como naqueles sonhos de quando você está tentando escapar, mas corre em câmera lenta.

Kara passou por outro túnel - sempre seguindo a intuição do pingente. Todos os túneis pareciam exatamente o mesmo. Seria um truque? O ar estava viciado e fedia a óleo. Sua cabeça começou a girar. Ela caiu contra a parede e tentou respirar. Ela limpou as palmas úmidas no seu jeans e passou as mãos na nuca. Quando ela examinou os dedos, viu que eles estavam manchados com sangue e alguma substância verde.

Esquecendo sua dor, ela forçou-se a levantar e correu às cegas até o túnel. Cada passo era como uma lâmina perfurando a carne de suas costas. Ela pensou ver uma luz à distância, e seus ânimos aumentaram – mas, então, a luz brilhou e desapareceu. Kara gritou de frustração. Ela estava correndo por um labirinto de túneis subterrâneos que ficava mudando e reaparecendo. Ela nunca sairia. Se morresse ali embaixo, seu corpo nunca seria encontrado.

Ela cambaleou para a frente e, em seguida, pisou em falso. A próxima coisa que sentiu foi que estava caindo em buraco.

Ela bateu com força no chão. A lâmina caiu da mão dela. Suas pernas ficaram paralisadas com a dor da queda. Ela arrastou-se para se sentar contra a parede e olhar ao redor.

Ela estava em outro túnel. Blocos de concreto se empilhavam no meio do caminho e água escorria nas paredes em ruínas.

Ela não reconheceu esse túnel. E, ao que parece, ele não era usado há décadas. Kara estava perdida.

Os músculos da garganta dela estavam dormentes e pareciam estar

encolhendo. Em breve eles se fechariam, e ela iria morrer de asfixia.

Ela ouviu um riso vindo do túnel. Ela nem sequer olhou. Ela se sentia desgastada. Ela havia falhado. David e os outros teriam de lutar contra o feiticeiro sem ela.

Ela enrolou a pulseira entre os dedos. Ele havia trazido sorte a David muitas vezes antes, mas a situação parecia além da sorte ou de ajuda.

Se puder me ouvir pulseira, eu preciso de toda a sorte que você puder me dar.

Talvez a pulseira só funcionasse com David.

Pequenos sinos de vento soaram ao longe, e Kara soube que ela estava perdendo o juízo. Sua jaqueta não estava aquecendo mais. Ela sabia que o veneno a mataria. Ela olhou para suas botas e tentou mover os pés. Nada - era como se estivesse presa no chão. Suas pálpebras se fecharam. Ela tombou a cabeça para dormir.

— O que você está fazendo aí? — disse uma voz de repente.

Kara abriu os olhos e olhou ao redor. Pelo o que podia ver, o túnel estava vazio. Ela estava alucinando - um efeito colateral do veneno do rato, sem dúvida.

— Ótimo, estou ouvindo vozes. — Ela falou para a escuridão e fechou os olhos novamente.

— Vozes? Você pode me ouvir? — disse a voz com entusiasmo.

— Graças às estrelas! Faz tanto tempo que não tenho visitas. As estrelas estavam certas! Está aqui para comprar o meu mais recente suprimento de Pomada de Cérebro de Troll? Eu fiz um bom lote ontem. Ela é fácil de passar - e é ótima contra rugas. Eu mesmo usei!

Ela abriu os olhos. A voz parecia tão perto e, de alguma forma, tão real.

— Tem alguém aí? — Ela conseguiu dizer, em uma voz áspera.

— Claro que há - há você e também eu — disse a voz. — E aqui estamos nós, só nós dois. Hmm - isso não é nome de uma música? Juro que já ouvi antes.

—...mas não consigo ver você. — Kara pensou que o feiticeiro pudesse estar brincando com ela, mas ela estava exausta demais para se importar. Ela só queria dormir.

— Isso é porque você está aí - e eu estou aqui — disse a voz.

Kara olhou à sua volta. Sentou-se na parede de um dos túneis do metrô. Talvez houvesse outro túnel em um andar abaixo dela? A voz podia vir de lá?

— Mas onde? Ainda não consigo ver? Se você é um produto da minha imaginação -

acha que eu me deixaria ver meus próprios delírios. Estou mesmo perdendo o juízo.

— Olhe para baixo — interrompeu a voz, um pouco irritada. Parecia que vinha de cima dela. Mas como podia?

Ela olhou para cima, e seu queixo caiu.

Um homem idoso estava pendurado pelos pés no topo do túnel, como se suas botas estivessem coladas no teto. Ele usava uma túnica cor de palha, no estilo de uma toga, amarrada no meio por um cinto de couro. Pequenos sinos estavam pendurados em seu cinto. Sua pele era muito branca, como se não tivesse sido exposto ao sol há muito tempo. Ele tinha olheiras. Sua pele leitosa era enrugada e caída, como se estivesse derretida. Ele parecia uma mistura entre um Homem Aranha de duzentos anos - sem a meia vermelha e azul) e Albert Einstein. Seu cabelo era branco, mas parecia uma grande nuvem afro. Sua barba era trançada com cordas coloridas e caía na barriga. E, estranhamente, seu cabelo e as roupas não pareciam afetados pela gravidade - era como se ele estivesse de pé, apesar de Kara estar sentada no chão debaixo dele! Ele pôs as mãos nos quadris e, quando ele bateu as botas pretas de borracha contra o teto do túnel, os sinos tocaram suavemente.

— Como consegue fazer isso? — perguntou Kara.

— Fazer o quê?

— Ficar pendurado de cabeça para baixo assim?

Ele franziu a testa e suas sobrancelhas espessas quase cobriram seus olhos castanhos.

O homem apontou para si mesmo:

— Eu não estou de cabeça para baixo... você está.

Kara não soube como responder. Isto era uma alucinação por causa do veneno do rato? Tinha de ser. Ela observou o homem pendurado e tentou não pensar na perda de seu juízo.

— Não sei o que dizer, mas isso não importa mais - eu estou alucinando. Você não está aqui, e eu obviamente estou morrendo. Os ratos me pegaram - e agora eu arruinei tudo. Eu nunca vou salvar minha mãe agora.

— RATOS! — O homem pelo teto do túnel agitando o punho.

— Onde estão esses ratos? Acham que podem se esconder de mim? Se acham que vão voltar a roubar meu sanduíche de dois andares, vocês vão se arrepender! Vou ferver suas caudas para fazer COLA!

O toque dos sinos minúsculos sumiu quando ele desapareceu no túnel. Ele corria surpreendentemente rápido para alguém tão velho. Então, Kara voltou a ouvir os sinos reverberando... e a batida dos passos do velho reapareceram no teto acima dela.

— Bem, acho que já os assustei. Eles não vão nos incomodar mais - guisado de rato está de volta no menu.

O velho examinou Kara:

— Então – quais poções lhe interessam? Eu tenho um bom tônico Cresça-de-volta-as-unhas-dos-pés, ou elixir de caldo de fígado de babuíno, ou talvez você prefira a geleia de sangue de bruxa. Já sei! Você veio para ver a minha casa, não é? Eu fiz um monte de reformas. Tenho água corrente! Dá para imaginar? — Ele passou a mão na barba animadamente.

Kara sufocou uma risada. Acho que é assim que os loucos imaginam as coisas, já que eu perdi mesmo o juízo.

Ela olhou para o velho:

— Mesmo se eu quisesse, eu não consigo andar.

O velho a estudou por um momento:

— Então, se não está aqui por minhas poções, então por que estás aqui? E como é que você pode me ver e ouvir, hein? Você pode me responder isso?

Kara soltou um suspiro doloroso:

— Vejo você porque eu estou alucinando. A verdade é que eu estou perdida e falhei na minha missão. Eu nunca mais vou ver meus amigos.

Era estupidez, mas Kara havia pensado que, depois que o feiticeiro fosse derrotado, ela poderia finalmente ter uma vida normal com David. Mas as coisas

não saem sempre da melhor forma. Ela abaixou e apertou o pingente nas mãos. As runas ainda brilhavam com uma cor amarelo suave, como se houvesse um fogo no interior da pedra.

— Onde arranjou isso? — Os olhos do velho se arregalaram. — É o pingente de runa da bruxa - e um muito especial.

— Por quê? Isso importa? — disse Kara. Ela largou o pingente. Ela não queria falar sobre onde o conseguira, porque teria de falar sobre David e os outros, e ela não estava com vontade agora.

— Por que me olha assim?

— Bem, isso explica por que você pode me ver e ouvir.

— Hã?

— As pessoas comuns não podem me ver ou ouvir. Eu criei um véu mágico, eu deveria ser invisível a todos - mas você me vê. Apenas aqueles com habilidades sobrenaturais podem ver através do véu - e eu posso ver que você, minha cara, tem algo sobrenatural em você.

O pescoço de Kara começou a doer de tanto olhar para cima: — Então, não estou alucinando? Você está mesmo pendurado pelos pés?

— As estrelas a trouxeram para mim por algum motivo. Não é coincidência que você tenha acabado nos meus túneis. Esse pingente a trouxe aqui. Diga-me, de qual missão você está falando?

Kara pensou que ainda estava alucinando, mas decidiu contar ao velho enfim. Ela inclinou-se para trás, com sua cabeça contra a parede. Ela quase não aguentava mais.

Suas pálpebras estavam tão pesadas.

— Oh, estrelas! Sabia que os grandes precisariam da minha ajuda! Esperei cento e cinquenta anos por isso! — O velho saltou de alegria, e Kara pensou que ele devia usar supercola para ficar assim.

O velho ficou em silêncio por um momento:

— Um feiticeiro das trevas, sim, sim... — Ele acariciou sua barba. — Eu sabia que havia sentido uma magia negra. Isso explica por que os túneis estavam mudando mais cedo. Eu saí para explorar, veja e aqui estava você - e você pode me ver. É preciso um feiticeiro muito poderoso para canalizar o seu poder até

aqui em baixo - especialmente nos meus túneis. ... curioso, pensei que estivessem todos mortos.

Seus cabelos brancos balançaram quando ele começou a coçar o topo da cabeça.

Kara sentiu que seu cérebro explodiria a qualquer momento. Ela estava gastando toda a sua energia para continuar conversando com o velho. Mas algo a incomodava.

— Como... como sabe sobre a magia negra? — Kara suspeitava de que não estava tendo alucinações afinal.

— Qual é o seu nome, menina? — perguntou o velho.

— Kara... Kara Nightingale.

— Bem, então, Kara Nightingale, é melhor me seguir. — O velho virou-se e começou a se afastar na direção oposta, no teto do túnel.

Kara balançou a cabeça:

— Espere, eu não consigo andar. Não sinto minhas pernas. Os ratos me pegaram...

acho que as garras deles têm algum tipo de veneno.

Ela baixou-se e esfregou as pernas; isso talvez ajudasse a circulação: — Eu não sinto mais nada, acho que está me matando.

— Espere aqui! Eu tenho a coisa certa. — O velho disparou pelo túnel, seus sinos ressonando atrás dele. Um minuto mais tarde, ele reapareceu com um frasco na mão. — Beba isto - tudinho.

Kara examinou o frasco que trazia um líquido laranja. Ela o destampou com seu polegar e bebeu. A bebida era grossa, difícil de engolir e tinha gosto de alcatrão.

— Eca! — ela tossiu. — Tem gosto de fossa de esgoto. O que é isso?

— Uma das minhas melhores poções— disse o velho feliz. — É um antídoto contra a magia negra - um tônico contra o veneno das trevas em particular. Não se preocupe -

você vai se sentir melhor num instante.

De repente, Kara sentiu os efeitos da poção. Era quente e descia por sua garganta lentamente, como sopa de ervilha. Um calor jorrava do pescoço até os pés. Sua pele formigou, e ela sentiu os músculos voltarem à vida, como carne congelada começando a descongelar. Ela respirou profundamente e balançou as pernas. Logo, toda a dor havia desaparecido. Ela se sentia renovada. Ela se sentia forte novamente. Era como se tivesse acabado de acordar de um longo sono.

Kara se levantou e estabilizou-se:

— Obrigada, já me sinto melhor. — Ela esfregou a cabeça. — E minha dor de cabeça desapareceu também.

Após uma busca rápida pelo chão, ela encontrou sua lâmina de alma e a embainhou de volta, guardando dentro de sua jaqueta. Ela olhou para cima e viu que o velho estava sorrindo para ela.

— Quem é você? — Mas assim que ela fez a pergunta, ela já soube a resposta.

O velho sorriu:

— Eu sou Gideon Magius, o curandeiro. As estrelas falaram, Kara, e eu vou ajudar você a derrotar o feiticeiro das trevas.

# *Capítulo 16*

## *Uma Aliança Mágica*

**K**ara correu pelo túnel para acompanhar Gideon. Era bem estranho precisar correr para acompanhar um velho com um afro branco, que corria de cabeça para baixo no teto escuro de um túnel abandonado no metrô de Nova York. Kara enxergava a gravidade com outros olhos agora. Só mesmo um curandeiro poderia correr de cabeça para baixo.

Ela não sabia exatamente o que significava ser um curandeiro, mas estava grata pelo nojento tônico de laranja que a havia curado.

Gideon tinha explicado que havia um outro plano mágico; neste plano, ele estava de cabeça para cima e Kara de cabeça para baixo. Ela decidiu não continuar com o assunto.

Ele havia deixado claro que precisava da ajuda dela, e Olga havia dito a mesma coisa.

Após correr pelas sujeiras e por poças cuja composição Kara preferiu nem imaginar, eles chegaram até a casa de Gideon. Ela também estava de cabeça para baixo.

Era a casa mais estranha que Kara já tinha visto. Ela repousava sobre o teto do túnel.

Suas paredes pareciam ter sido feitas de produtos enlatados e placas de metal, e haviam plantas no telhado. O lugar parecia um cruzamento entre uma nave espacial e uma abóbora gigante.

Gideon desapareceu pela porta da frente. Momentos mais tarde ele ressurgiu com um bastão de madeira com sinos na ponta e várias bolsas de couro penduradas a um cinturão de couro. Ele também havia embrulhado um velho manto de peles ao redor dos ombros. A cabeça de uma raposa se inclinava em seus ombros, como se estivesse observando Kara. Com algum esforço, ela conseguiu não dizer nada sobre o quão errado era usar peles nos dias de hoje.

Gideon disse:

— Chegamos. Já estou pronto para livrar o mundo da escuridão. Posso estar

um pouco enferrujado, mas tenho certeza de que vou me lembrar de tudo, se for a vontade das estrelas.

Gideon caminhava animadamente até Kara. Suas bolsas se sacudiam em sua cintura.

— Ei... Gideon, será que você poderia descer até o meu plano um pouquinho? Acho que estou com um torcicolo de tanto olhar para cima.

O feiticeiro sorriu:

— Estrelas! Mas é claro! Eu entendo como ambos estarmos no mesmo plano facilita as coisas. — Ele estalou os dedos e, com uma fumaça branca, caiu com um baque ao lado de Kara. — Melhor?

— Sim, obrigado — disse Kara. Ela era uma cabeça mais alta do que ele.

— Eu devia me encontrar com minha equipe na esquina da Broadway com a rua 42, em por volta das 15:00. Então, se você estiver pronto, temos mesmo de ir.

Sorriso de Gideon havia desaparecido:

— Ah sim, os andarilhos espirituais. Criaturas tão antinaturais; você tem sorte por Olga não os ter vaporizado ou cozido em seu famoso ensopado de espíritos temperados.

Kara franziu a testa, se perguntando se era isso que Olga estava cozinhando em seu caldeirão.

— Eles não são antinaturais. Eles são meus amigos, anjos da guarda, e estão tentando nos ajudar a enfrentar o feiticeiro. Eles estão do nosso lado, entende? Eu gosto deles. — Kara lutou para controlar sua irritação.

— Aquilo que morre deve continuar morto — disse o feiticeiro com naturalidade.

— Então... como a legião não sabe nada sobre você? — disse Kara, tentando mudar de assunto. — Você obviamente entende de magia.

— A Legião? Você fala daqueles andarilhos espirituais enxeridos? Por que eles se importariam? Eles não são nada para mim. Eu sou apenas um curandeiro. Posso fazer alguns feitiços básicos, mas eu me ocupo principalmente de criar remédios para proteger os outros contra a magia negra. Eu sou mais como um mestre de poções. É isso que fazem os curandeiros: medicina mágica. Eu não

sou poderoso o suficiente para ser considerado uma ameaça para alguém.

Ele franziu a testa, e quando falou novamente, sua voz estava carregada de desprezo: — Eu sinto dizer que não me importo com os negócios dos andarilhos espirituais.

Kara decidiu mudar de assunto. Não adiantava nada conversar com um velho teimoso, que provavelmente não conversava com outra pessoa há anos. Ela precisava da ajuda dele para encontrar a saída dos túneis. Kara olhou para o final do túnel: — Então, como chegamos até a rua 42 daqui?

O sorriso de Gideon retornou:

— É fácil, eu conheço um atalho. Eu conheço cada passagem secreta destes túneis.

Vivi neste lugar por mais de cem anos. Por aqui.

Ele desceu o túnel falando sozinho e contando as paredes.

Kara riu e correu para se juntar a ele. Eles caminharam lado a lado por alguns minutos, até que outro túnel cruzou o caminho.

Uma risada sinistra ecoou por todo o túnel.

Kara congelou entre um passo e outro.

Subitamente, as paredes do túnel se moveram. Ao invés de uma abertura, eles encaravam outra parede.

— Ah, então você quer tentar de novo, não é? — Gideon mexeu em uma das suas bolsas, tirou de lá um punhado de pó vermelho e o jogou na parede.

— Para as estrelas! — gritou ele. O muro de pedra desapareceu. O mesmo túnel de antes surgiu em sua frente.

— Venha, venha, antes que os túneis mudem novamente. — Gideon correu pelo túnel como um homem corajoso, quando perseguido por um tigre.

Kara, começou a segui-lo, mas precisou parar.

Seis criaturas saíram das sombras na extremidade do túnel. Eles tinham oito pernas escamosas e caudas de escorpião. Tinham o tamanho de um pônei. Suas garras venenosas rasgavam o chão. Quando batiam as caldas contra as paredes, a pedra se quebrava como se fosse argila. Seus olhos vermelhos e brilhantes observavam Kara.

Runas brilhantes cobriam suas costas, e o cheiro que vinha deles era uma mistura de enxofre e bile.

Gideon gritou e pulou para trás, balançando seu cajado.

— Para trás, demônios!

Ele tropeçou nas próprias pernas e caiu. Desesperadamente, ele puxou algo de uma das suas bolsas:

— Não se aproximem, ou eu vou transformá-los em uma tigela de sopa de aranha.

Kara sacou sua lâmina e correu até o velho. Ela se abaixou pouco antes de ser trespassada por uma das caudas de escorpião, que atingiu o chão a centímetros de suas botas. Eles correram pelo túnel com as aranhas gigantes em seus calcanhares.

Kara parou e se virou para enfrentar os atacantes. Sua lâmina da alma brilhava com uma luz amarela. Seis contra dois; as chances não eram animadoras. Ela sabia que sua única chance era agir rapidamente. Não havia tempo para pensar em um plano. Seus instintos diziam isso claramente.

Uma das aranhas gigantes investiu contra Kara com a calda balançando, mirando sua cabeça. Ela se esquivou e atacou o ventre da criatura com sua lâmina. Assim que a lâmina tocou o tecido mole, um lodo verde se espalhou pelo chão e respingou no rosto de Kara. A aranha brilhou e encolheu até ficar to tamanho da palma da mão de Kara. As runas desapareceram.

Pelo canto do olho, Kara viu Gideon atirar um frasco vermelho em uma das criaturas.

Ele explodiu em uma bola vermelha de fogo líquido ao atingir o alvo. A aranha gemia e convulsionava, batendo seu corpo contra a parede do túnel. Ela caiu no chão e encolheu até o tamanho normal. O curandeiro correu até a aranha e a pisoteou repetidamente com suas botas de borracha.

Gideon preparava um novo tônico, enquanto outra aranha gigante avançava em sua direção. Mais duas aranhas investiam contra Kara. Ela recuou, rolou para o lado e atingiu a cabeça de uma criatura com sua lâmina, mas ela ficou presa. Ela tentou recuperar a arma a tempo para enfrentar a segunda criatura, mas não foi rápida o suficiente. Com um poderoso golpe de uma de suas pernas, a criatura atingiu Kara no peito, jogando-a contra uma parede com um barulho

horrível. A força do golpe arrancou o ar dos seus pulmões.

Ela se apoiava na parede e tentava se colocar de pé. O golpe contra a parede deixara sua visão turva. Kara respirava com dificuldade, e nem conseguia dizer se era uma ou duas aranhas que se aproximavam dela. Ela piscou, e oito olhos vermelhos e brilhantes a encaravam com ódio. A criatura abriu as mandíbulas e disparou uma teia verde e brilhante. Kara saltou para o lado, mas era tarde demais. A teia a atingiu em pleno ar.

Kara caiu no chão, E suas pernas e braços estavam presos desajeitadamente ao lado do corpo pela teia pegajosa. Vapores verdes saíam da teia, com um cheiro de enxofre que queimava as narinas. Kara não conseguia se mover, mas podia ouvir os sons da luta entre Gideon e a outra aranha.

Uma perna peluda passou por ela, até que a cara feia da aranha gigante estava a apenas algumas polegadas de distância.

— Gideon...uma ajudinha por favor? — ela chamou, com o coração batendo forte no peito. Não houve resposta.

A aranha abriu a mandíbula para engolir a cabeça de Kara. O medo se transformou rapidamente em raiva. Uma energia fria subiu através de seu corpo, pedindo para ser libertada. Ela zumbia em seu interior. Seus pelos se eriçaram. A terra gemeu embaixo dela. O ar ao redor de Kara se encheu de eletricidade.

A aranha atacou.

BUM!

Um raio prateado foi lançado e cegou Kara por um segundo. A criatura gemeu e então se calou, cheirando a cabelo queimado. Tudo que sobrou da aranha foi uma única perna.

Kara mexeu os braços e pernas e checou se estava tudo bem. A teia foi derretida; apenas alguns fragmentos verdes e pegajosos manchavam seu casaco. Ela se levantou devagar. O poder ainda pulsava vigorosamente em seu interior.

— Isso é que é poder. — Gideon sorria, enquanto ajeitava as bolsas em sua cintura.

Kara viu a última aranha esmagada com um tomate podre atrás dele.

— Nunca vi nada assim antes, e as estrelas sabem que eu já vi muitas coisas no meu tempo. Sua magia é extraordinária! Os poderes da mãe terra se

materializam como uma energia prateada através dos seus dedos, lindos e mortais. E disso que precisamos para derrotar o feiticeiro.

Kara não se sentia muito poderosa no momento. Ela sabia que eles haviam perdido um tempo precioso. O feiticeiro estava colocando obstáculos em seu caminho. Ele queria mantê-los presos ali por mais algum tempo, ainda que não pudesse matá-los. Ela sabia o que ele estava planejando.

Kara vasculhou o chão com suas botas e se inclinou para recuperar sua lâmina. Ela estava cheia de lodo verde. Por mais nojento que fosse, era a única arma que ela tinha, então limpou-a em seu jeans e a devolveu ao cinto.

Ela olhou em volta:

— Vamos sair daqui antes que mais insetos gigantes tentem nos fazer de almoço.

Gideon assentiu com a cabeça, seus cabelos brancos estavam desarrumados.

— Concordo. Por aqui.

Eles continuaram descendo o túnel, e Kara conseguia ouvir e sentir as vibrações dos trens no metrô. Gideon a guiou por mais dois túneis, virou à direita, esperou um trem passar e correu pela plataforma. Kara o acompanhou, mas sua respiração doía como se lâminas de barbear passassem por sua garganta. Eles subiram pela plataforma e torceram para não serem vistos. Afinal de contas, era Nova York. Havia coisas muito mais bizarras nesta cidade do que uma adolescente magricela, coberta de sujeira e sangue saindo de um túnel de metrô. Com sorte, ela passaria despercebida.

Suas calças estavam manchadas de sangue, e ela fez o que pôde para cobrir as manchas com o casaco. Enquanto eles se dirigiam para a saída, não havia nada que Kara pudesse fazer para evitar os olhares estranhos que ela e Gideon recebiam. O cabelo grande e o traje dele chamavam atenção. Kara só esperava que a polícia não aparecesse para atrapalhar a missão. Eles não tinham tempo para o menor dos contratempos.

Uma placa acima de duas portas de vidro dizia que eles estavam na rua 42. Kara abriu as portas e saiu para a calçada.

E lá estavam eles. Outdoors com telas do tamanho de pequenas lojas se alinhavam pelas ruas, nas quais os turistas e moradores se aglomeravam. O lugar cheirava a asfalto e amendoim torrado.

Mas havia algo muito diferente desta vez.

Uma névoa verde e brilhante pairava rente ao chão, escorregando pela multidão. Ela serpenteava por carros e contornava edifícios. Sem ser percebida, a névoa se arrastava pela rua. Tentáculos se erguiam da névoa e se enrolavam em torno de um jovem. Eles o circundaram como um casulo, entraram em sua boca e desapareceram. No momento seguinte, a névoa reapareceu com uma esfera branca e brilhante. Horrorizada, Kara percebeu que a esfera era a alma do garoto. Centenas de esferas brilhantes flutuavam na névoa e desapareciam de vista, como a sinalização de uma estrada em um nevoeiro. A pele do jovem começou a brilhar com runas verdes, mas ele se manteve de pé, alheio ao fato de que sua alma tinha sido roubada.

A névoa rastejou de volta para o chão e se lançou até a próxima vítima.

— Oh, querida! Que as estrelas nos ajudem — disse Gideon.

Kara mal conseguia respirar:

— O que é esta névoa? Ela está levando as almas deles.

Gideon abaixou a cabeça:

— Isso, minha querida, é a névoa sombria, conjurada pelo feiticeiro. É o pior tipo de magia negra. Apenas um feiticeiro poderoso e vil poderia conjurá-la. Ele a usa para roubar as almas. Estamos lidando com um louco.

— Ela se espalhou por todo canto. Temos que impedir isso! — Kara começou a avançar, mas Gideon a puxou de volta.

— Não há nada que você possa fazer para impedir a névoa agora. Se ela a tocar, você também perde sua alma.

— Então o que podemos fazer?

— Temos que parar a conexão. Matamos o feiticeiro e a névoa desaparece.

Kara observava em silêncio, enquanto a névoa sombria passava pela multidão, roubando almas e deixando pessoas como recipientes vazios. Suas expressões se tornavam taciturnas, e Kara sabia que eles adoeceriam e morreriam sem suas almas, assim como sua mãe.

A névoa sombria fluía na direção deles. Em um ou dois minutos, chegaria perto o suficiente.

— Não podemos ficar aqui por muito tempo — disse Gideon. Ele bateu três vezes com o cajado na calçada de cimento. — Não quero aquela coisa desagradável perto de mim.

Kara olhou para o relógio: 15:05

Onde estava David e os outros? Ela não estava atrasada, e David a teria esperado, certo?

— Bem, eu devo dizer que as coisas mudaram desde a última vez que eu estive aqui.

— Os olhos Gideon se esbugalhavam enquanto ele olhava para os outdoors e arranha-céus. — Estes edifícios altos não estavam aqui no meu tempo. — Ele tapou os ouvidos com os dedos. — E há muito barulho!

Kara sentiu pena de Gideon. A rua 42 devia ser um grande contraste ao seu mundo solitário. Ela olhou para o céu. Ele estava cinzento, nevado e nublado. Normalmente, Kara acharia isso lindo, mas o céu escurecendo significava que o feiticeiro começaria seu ritual em breve.

Seu coração acelerava.

— O feiticeiro esteve bem ocupado — disse Gideon, observando a multidão. — Já perdemos mais almas do que posso contar. É uma magia terrível.

Uma nuvem cinzenta e escura se movia anormalmente rápido em direção à cidade. O

pôr do sol se aproximava rapidamente, e Kara ainda não sabia como derrotar o feiticeiro.

— Temos de agir rapidamente — disse Gideon, tirando-a do seu transe. — Ele começará sua cerimônia ao entardecer. Juntos, venceremos o feiticeiro.

Ela olhou para o velho:

— Mas como? Se ele é tão poderoso quanto você diz, como podemos fazer isso?

— Assim como vários curandeiros e bruxas fizeram antes. Temos que juntar nossas forças. Farei o que puder, mas é você quem precisará derrotá-lo. Eu não sou tão forte quanto você. Seus poderes são a chave da vitória. É a única maneira, Kara.

Kara deslocou o peso do corpo nervosamente.

— Esses poderes não são tão simples de conjurar quanto você pensa. Eu em acostumei a eles como anjo da guarda, e até pude controlá-los depois de um tempo. Mas agora, neste corpo, eu sou um completo desastre. É como se eu tivesse me esquecido como se faz. De alguma forma, eles estão diferentes.

O velho curandeiro sorriu calorosamente:

— Isso é normal. Um andarilho espiritual canaliza o poder com mais facilidade do que um mortal. Os seres humanos nascem com uma barreira que os impede de entrar em contato com os planos sobrenaturais. Eles vivem em apenas um plano, enquanto bruxas e feiticeiros podem acessar todos os planos e obter o poder de cada um deles.

Gideon observou Kara:

— Mas você é única. Você é mais sensível aos diferentes planos. É como se fosse uma bruxa, mas de uma forma diferente, mais orgânica. Você usa a energia da terra. Seu poder está na terra. Você nasceu com a habilidade de convocá-la. Você só precisa se concentrar e canalizar o poder. Olga não lhe ensinou a fazer isso? Ela lhe deu seu pingente.

Kara olhou para o chão. Ela não conseguia encarar o velho.

— Há uma coisa que não lhe contei sobre Olga. — Ela contou como feiticeiro havia os encontrado e matado Olga. Quando terminou, ela olhou para cima, mas Gideon estava de costas e em silêncio. Ela desejava ter salvado a velha bruxa. Talvez pudesse ter se esforçado mais.

— Kara!

Kara se virou na direção da voz. Seu coração quase saltou do peito.

David se espremia pela calçada lotada. Seu sorriso radiante fazia Kara sentir borboletas em seu estômago. Ela sentiu seus joelhos enfraquecerem. Era difícil olhar para sua pele deslumbrante e angelical. Kara fez o melhor que podia para reprimir suas emoções e agir normalmente. Ela mexia em sua pulseira de couro ao redor dos dedos.

Aquilo realmente tinha lhe dado sorte

— Desculpe-nos pelo atraso — disse David, colocando-se ao lado dela. Ele ia pegar na mão dela, mas parou e coçou a cabeça, em vez disso. Ele olhou para

o chão desajeitadamente. — Alguém arrumou a maior confusão na DCD e nos mandou para Rua 48, em vez da 42.

Jenny apareceu segundos depois e sorriu ao ver Kara.

— E tentamos evitar contato com a estranha névoa verde que está por toda a cidade — continuou ela. — Eu sei que estamos em nossos trajes-M, mas, mesmo assim, não confio.

— Ei, cuidado! — Ela gritou com um homem que havia batido nela. Ela ajeitou seu arco e a aljava em suas costas.

Kara olhou para todos os lados:

— Onde está o Peter?

O sorriso de Jenny desapareceu:

— Ele... ele teve de ficar um pouco mais na Cura Express do que o resto de nós. Peter estava mal.

A voz de Jenny saiu recortada:

— Dizem que é um milagre a alma deve sobreviver ao salto de volta ao Horizonte.

Eles terão de fazer as pernas dele crescerem de volta. — Ela franziu a testa ao ver a calça de Kara. — O que aconteceu? Você está coberta de sangue!

Kara tentou esfregar a sujeira:

— Não é nada, apenas alguns ratos gigantes do feiticeiro e umas aranhas feias.

— Que ratos do feiticeiro? — David inclinou-se e a inspecionou. — Você ainda está machucada? E quanto a essas dores de cabeça e sangramentos nasais?

Kara desviou os olhos:

— Não senti mais dores de cabeça. Na verdade, Gideon me ajudou.

Gideon se virou na menção do seu nome. Todos notaram o velho curandeiro pela primeira vez. Jenny riu baixinho para si mesma.

— Quem é o vovô? — disse David erguendo suas sobrancelhas ao olhar o casaco de pele dele. — Eu tenho certeza de que a Broadway fica para aquele lado ali, meu velho.

Acho que eles estão fazendo uma nova versão da peça Cats.

— Eu não gosto do seu tom, andarilho espiritual — disse Gideon. Ele franziu a testa e moveu os dedos no ar, como se estivesse fazendo algum gesto maluco para lutar contra os maus espíritos. — Sim, eu sei que você é. Eu posso não ter a magia de um feiticeiro, mas eu ainda posso ver através do seu véu. Você deveria mostrar mais respeito aos vivos. Este é o nosso reino.

— Olha quem está falando — riu David. — Você está prestes a bater as botas a qualquer momento.

— David! — Kara o encarou. — Este é o Gideon, aquele que a Olga disse para procurar. Ele é um curandeiro, e devo a minha vida a ele. Precisamos da ajuda dele nesta missão.

David inclinou-se para mais perto de Kara: — O que aconteceu com você depois que nos separamos? — Ele olhou nos olhos de Kara. — Diga-me.

Depois de explicar o que havia acontecido nos túneis, o comportamento de David mudou rapidamente. Ele deu um tapinha nas costas do curandeiro: — Bem, pelo menos você está do nosso lado, vovô. — Ele fez uma careta e pegou alguns pêlos do casaco com seus dedos.

Gideon arregalou os olhos e se afastou de David, claramente não feliz por ter sido tocado por um andarilho espiritual. Ele fez mais gestos com os dedos em direção a David antes de prosseguir — A névoa das sombras se aproxima, temos que partir agora.

Uma sombra passou sobre Manhattan, e Kara soube que o tempo estava acabando.

Kara olhou para o relógio:

— São 3:15. O pôr do sol é exatamente a 4:39. Isso nos dá quase uma hora e meia para encontrarmos a Agulha de Cleópatra – e, por algum milagre, derrotarmos o feiticeiro das trevas.

— Alguma ideia de como vamos fazer isso? — perguntou David.

Kara deu de ombros:

— Acho que só vai me ocorrer algo quando encontrarmos o lugar.

— Mas por onde começamos? — Disse Jenny parecendo nervosa. — Nova York é uma das maiores metrópoles do mundo, como vamos encontrar a Agulha

de Cleópatra? E o que diabos é isso afinal?

— É simples — interrompeu Gideon. — É um monumento antigo de incrível poder. E

fica no Central Park.

# *Capítulo 17*

## *A Agulha de Cleópatra*

**K**ara olhou para o velho perplexa: — Central Park?

— Foi o que eu disse — disse Gideon, indiferente. Ele se inclinou em seu cajado.

Kara e David trocaram olhares:

— Mais alguma informação, vovô? Tipo, onde no Central Park? Você sabe o quão grande é o lugar?

O curandeiro se virou e apontou para o leste.

— É o obelisco no Central Park. Só há um, e ele é bastante fácil de encontrar.

— Então... o que é este Obelisco? — perguntou Kara.

O curandeiro deu de ombros:

— O antigo artefato foi encomendado pelo faraó Tutmósis III, por volta de 1450 A.C, na celebração do seu terceiro jubileu, dos 30 anos de seu reinado. Dois destes obeliscos foram construídos e, por volta de 12 ou 13 A.C - não me lembro exatamente - foram transportados de Heliópolis para Alexandria. O Quediva do Egito separou o par no final do século XIX. Ele mandou um para Londres e outro para Nova York, ambos em troca de ajuda na modernização de seu país.

Kara estava sem palavras. Ela não tinha noção de que havia algo tão antigo e precioso em um parque no meio da cidade de Nova York.

— Ele tem o seu próprio poder — continuou o Gideon. — É extremamente perigoso.

Pense nele como um transformador elétrico gigante. O feiticeiro usará o obelisco para amplificar seu poder. Isso o tornará cem vezes mais poderoso.

— Ótimo, é exatamente disso que precisamos — disse David.

Gideon ignorou David e observou Kara mais intensamente: — Ele usará o

poder do Obelisco para convocar seus asseclas no final da tarde de hoje, o solstício de inverno. Se não o pararmos, nada de bom ou puro restará sobre a terra.

— Você é a alegria em pessoa, vovô. — David olhou para Kara. — Chegaremos lá mais rápido se pegarmos um taxi.

Kara assentiu com a cabeça:

— Você está certo. Vamos pegar um táxi.

David saltou para a rua e acenou para um taxi amarelo. Gideon se recusou a sentar entre os andarilhos espirituais e foi para o banco da frente. Ele estava ignorando os olhares estranhos do taxista. O táxi cheirava fortemente a meias sujas e fumaça de cigarro. A perna de David roçou em Kara, e o sangue dela parecia ter subido todo para o rosto. Pelo canto do olho, Kara podia ver que ele a encarava, mas ela continuou olhando em linha reta.

— Central Park, por favor — ela disse. Kara podia sentir as orelhas ardendo. — Hum...

perto do Obelisco? — Ela não estava certa de que o motorista sabia algo sobre a agulha de Cleópatra ou o que quer que fosse.

O taxista ligou o taxímetro:

— Eu sei onde fica. É aquela coisa pontuda e alta. Vou te deixar na esquina da 81st Street com a quinta avenida. Você vai ficar bem perto.

O táxi arrancou exatamente quando uma onda de névoa chegou até a Rua 42 e atingiu todos que estavam por perto.

A corrida foi mais longa que Kara imaginava. O trânsito estava congestionado. Quando chegaram na Rua 81 e David pagou a corrida, Kara estava à beira de um ataque de nervos. Ela se sentia elétrica.

16:03. Eles tinham aproximadamente meia hora. Kara lutava para controlar o pânico.

Eles seguiram para o enorme parque. As bancadas metálicas e portões de ferro forjado que ladeavam as paredes exteriores do parque estavam cobertos de neve. Era um deserto invernal a poucos passos de uma cidade movimentada. E por entre as árvores à distância, via-se o obelisco gigante em todo o seu esplendor. Parecia mais um lápis gigante do que uma agulha.

Um trovão ribombou ao longe. O estrondo foi alto e antinatural para aquela época do ano. A escuridão se aproximava rapidamente. O tapete de névoa verde que cobria a cidade logo atingiria o Central Park.

Eles seguiram pelo caminho nevado. Kara parou e virou-se: — Gideon? Você vem?

O curandeiro se apoiou nos portões de metal e tocou alguns dos sinos em seu cinto.

Sua expressão era uma mistura de determinação e medo: — Há um grande mal aqui. Precisamos permanecer vigilantes - o feiticeiro sabe que estamos aqui. É tarde demais para nos escondermos agora, pois ele já está nos observando.

— Bem, isso é ótimo — resmungou David.

Gideão ergueu seu cajado:

— Estamos prestes a entrar em covil do feiticeiro. Fiquem atentos, andarilhos espirituais, pois ele atacará vigorosamente. Que as estrelas nos ajudem.

Kara caminhou na direção de Gideon:

— Então vamos enfrentá-lo cara a cara e fazer nosso melhor.

Ela não conseguia se livrar do sentimento de que estava caminhando para uma armadilha.

De repente, o velho agarrou a mão de Kara. Seus dedos gelados eram fortes como o ferro, e Kara não conseguia se libertar. Ele balançou o cajado e os sinos tocaram hipnoticamente.

Várias imagens começaram a surgir na cabeça de Kara - cidades queimando, criaturas das trevas perambulando pelas ruas, demônios surgindo do inferno, uivos dos mortais morrendo e as criaturas do feiticeiro unindo forças com os demônios para massacrá-los.

Ela viu bruxos governando, demônios escravizando e chicoteando seres humanos.

Florestas queimando e a terra árida como um deserto.

Kara ouviu os sinais novamente, e as imagens desapareceram.

Kara se libertou do aperto de Gideon:

— O que... o que foi aquilo?

Rosto do Gideon parecia triste:

— Isto é o que acontecerá se você não o deter. — Ele fez uma pausa por um momento. — Quando chegar a hora, você deve fazer o que eu disser. Você deve atacá-lo como eu ensinar.

Kara olhou para suas mãos abertas:

— Mas meu poder não é como uma arma. Eu não posso puxar um gatilho quando quero. Não é como o seu. Ele não está guardado em um frasco que eu posso jogar. Não funciona assim. Gideon, e se eu não puder fazer isso? E se não funcionar?

Olhos castanhos do velho brilharam:

— Você vai conseguir. Precisa conseguir. Pense no seu poder como uma luz. Quando a escuridão se aproximar, você deve resistir. Deve destruí-la com a luz que habita dentro de você. Seu poder é esta luz que destrói a escuridão. O feiticeiro retira seu poder das profundezas da escuridão. E a escuridão só pode ser derrotada pela luz.

Kara assentiu, mas só entendeu parte do que o velho dissera. Ela rezou para que qualquer luz que houvesse em seu interior fosse o suficiente.

— Você deve usar o poder do pingente. Ele será a luz quando você estiver na escuridão. Você sabe que ele estará lá e a ajudará.

Enquanto o velho foi se juntar aos outros, Kara segurou o pingente. Ele estava muito quente ao toque, como se tivesse sido deixado em um fogão aceso. Isso era um sinal de alerta? Ele estava agindo desta forma desde que eles se aproximaram do parque. Ela correu para alcançar os outros e eles entraram juntos no parque.

Era como pisar em um cartão postal. Normalmente, Kara acharia o parque nevado lindo, mas ela se sentia entorpecida. Seus nervos estavam à flor da pele. Sua mente estava cheia de preocupação. Ela não achava que iria conseguir.

— Fique de olhos abertos para qualquer coisa mágica — disse David, acenando com sua lâmina da alma através da neve que caía.

À medida que se aventuravam pelo parque, o obelisco se destacava como um gigante entre as árvores. Sua forma de pedra cinzenta contrastava com o fundo

branco do inverno. Kara podia vê-lo claramente agora. Não havia sinal do feiticeiro em lugar algum, ou de qualquer coisa mágica. A névoa sombria não havia tocado o parque ainda. Ela estava certa de que caminhava em direção a uma emboscada. Faltavam menos de vinte minutos para o pôr do sol - onde estava o feiticeiro?

Postes altos piscaram, e luzes se acenderam nos céus cinzentos e escurecidos. O

parque estava anormalmente deserto para um dia de inverno como aquele. Ele deveria estar apinhado de famílias com seus filhos fazendo bonecos de neve e anjos na neve. Ao olhar para o chão, Kara constatou que as únicas pegadas na neve eram as deles. Algo não estava certo.

— Algo parece errado — disse Jenny, como lesse os pensamentos de Kara. — Onde estão todas as pessoas?

— Abaixem-se! — David caiu de barriga atrás de um monte de neve. Kara e os outros seguiram seu exemplo. Ela olhou pela borda do banco de neve.

Cerca de duzentos metros à frente, seis figuras de mantos escuros caminhavam em direção ao obelisco. Lentamente, eles formaram um círculo ao redor do monumento antigo. Seus rostos estavam cobertos por suas capas, e Kara não sabia dizer qual deles era o feiticeiro. Eram todos idênticos daquela forma. Todos eles levantaram os braços e cantaram em uma linguagem que Kara desconhecia. Os cânticos ficaram mais altos e reverberaram pelo lugar, como se tivessem sido amplificados.

Então, uma névoa verde e cintilante rodopiou por cada mão, como fitas brilhantes. A névoa foi disparada das mãos e atingiu o obelisco. A terra tremeu. O obelisco gemeu enquanto a névoa espiralava em torno dele, e depois a névoa desapareceu, como se o obelisco a tivesse consumido. A grande pedra ganhou um brilho verde, como se fosse um pepino gigante e tóxico.

O coração de Kara acelerou. O ritual já tinha começado.

David baixou sua voz:

— Ariel se esqueceu de nos contar uma parte crucial das informações. Tipo, assim, que há seis malditos feiticeiros e não apenas um? O que devemos fazer agora?

— Precisamos de uma distração — Kara decidiu. — Se conseguirmos

arrastar metade do grupo para o parque, teremos uma melhor chance de lutar contra eles, pois estarão separados. Acho que o feiticeiro das trevas, seja ele quem for, vai ficar perto do obelisco.

Ele não vai deixá-lo.

Kara não queria enfrentar seis feiticeiros como uma mortal. Isso a apavorava, mas ela não via outra maneira.

— Está certo — disse Gideon, observando os feiticeiros na clareira com cara de bravo.

— O feiticeiro das trevas vai ficar e realizar o ritual. Ele não se afastará do obelisco quando a hora estiver próxima. Ele não correrá esse risco - ele precisa do poder do obelisco.

— Certo — concordou David — Parece que temos um plano. Eu sei como fazer os feiticeiros me perseguirem, e não é com a minha cara bonita.

Jenny chegou mais perto da beirada:

— Não, é porque você é um idiota. Mas você ainda vai precisar de minha ajuda, lindinho.

David sorriu maliciosamente:

— Jenny e eu seremos a distração. Vamos atraí-los para pequena ponte ali e mantê-

los ocupados. Isso deve dar a você e Gideon tempo suficiente para ficarem diante do feiticeiro das trevas.

Ele girou uma lâmina da alma habilmente entre os dedos como um bastão: — Estou me sentindo fora de forma - eu preciso matar alguma coisa.

Kara virou-se para os outros a fim de falar, mas não abriu a boca. Ela poderia realmente derrotar um feiticeiro?

— Combata magia com magia — sussurrou Kara para ninguém em particular. Ela sentiu um aperto suave no braço e se virou para ver os olhos sorridentes de Gideon.

David observava:

— O sol está quase se pondo, temos de nos apressar.

Kara cravou os dedos na neve:

— Cuidado. Algo não está certo. Ainda tenho a sensação de que é uma armadilha.

Jenny saiu do campo de visão dos feiticeiros e levantou-se: — No ritmo que estamos indo, as armadilhas são o nosso forte na vida - estamos acostumados com elas agora. Cuidado, também.

— Eu vou ficar bem, é com vocês dois que me preocupo. — Kara se esforçou para soar determinada. Que escolha ela tinha? Ela não podia decepcionar os amigos.

David ficou ao lado de Jenny:

— O show vai começar. Vamos lá!

— Ei... pessoal... Cadê o Gideon? — Kara limpou a neve de seu rosto e procurou no chão. — Ele desapareceu! — Ela virou-se e sussurrou. — Gideon? Gideon!

— Estou dizendo, o vovô partiu para a Broadway ou algo assim — disse David. — Esse foi o primeiro ato - o sumiço do vovô.

Kara estudou a neve ao seu redor. Ela podia ver o rastro de Gideon, que levava para longe deles. Mas como podia? Ela seguiu o rastro.

— Mas o q...? — Ela se ajoelhou e esfregou a neve com a mão. O rastro de Gideon pararam de repente. Os curandeiros podiam voar? Ele havia ido até outro plano sobrenatural? Isso não fazia sentido.

David olhou com diversão:

— Não é engraçado.

— O velho nos abandonou.

— Não, ele não faria isso. Mas algo está errado. Como ele pode simplesmente desaparecer assim?

Kara ficou tensa:

— Vocês ouviram isso?

Uivos estranhos cortaram o ar frio.

— O que... o que foi isso? — Kara olhou por cima do ombro. — Pareceu

bem perto.

David ficou do lado dela. A lâmina dele tremia na mão: — Não sei, mas eu sei que não há lobos em Nova York.

Jenny armou seu arco:

— Seja o que for, não me parece muito amigável.

Kara tinha a horrível sensação de que algo terrível tinha acontecido com Gideon.

Subitamente, o vento começou a gemer como o uivo de uma besta. Flocos de neve derretiam em seu rosto quente, e ela viu olhos vermelhos brilhando fracamente através da neve.

Uma dúzia de criaturas surgiram da tempestade de neve, como se a neve em si os tivesse criado. Eles eram enormes. O primeiro pensamento de Kara foi "ursos polares", mas ela rapidamente percebeu seu erro. Eles tinham corpos musculosos como os dos gorilas, mas com uma fileira de farpas de gelo saindo das suas costas curvadas. Eles flexionavam suas garras pretas e brilhantes, que se projetavam de grandes patas peludas, e seus caninos afiados brilhavam. Eles pareciam um cruzamento entre abomináveis homens das neves e lobos albinos que tomaram anabolizantes.

Sem esforço e silenciosamente, eles se moviam através da neve, como se pairassem sobre ela. Sua pele branca era uma camuflagem perfeita no inferno. Línguas roxas saíam das bocas enormes, que lembravam a boca do Pac-Man, abrindo por quase toda a extensão dos seus pescoços. Eles circulavam o grupo como um grupo de leões. Kara e seus amigos virariam o almoço deles.

David se colocou à frente de Kara:

— Parece que o zoológico do Bronx vendeu se livrou de um monte de bestas brancas e feias.

As criaturas rosnaram, como se compreendessem David. Gelo e neve caía de suas peles grossas. As bestas brancas pararam e esperaram. Havia uma inteligência fora do normal em seus olhos. O coração de Kara pulsava em sua garganta.

Runas verdes brilhavam na pele branca, e Kara soube instintivamente o que eles eram:

— Isso é obra do feiticeiro. Eles têm a mesma marca das outras criaturas. Elas pertencem a ele.

— Não importa a quem eles pertencem — disse David. — Se chegarem mais perto, vou arrancar o couro deles.

O ódio brilhava os olhos vermelhos das bestas. Eles avançaram.

— Fiquem juntos! — David correu em direção a eles.

Ele brandiu sua lâmina habilmente contra uma besta gigante. Antes que ela tivesse tempo de reagir, ele cortou o estômago da criatura com um golpe ascendente. A criatura se desintegrou em um pó branco e brilhante, que a neve levou embora.

David ficou chocado por um momento. Mas quando se virou, outra criatura pulou em cima dele, que desapareceu sob o corpo pesado da besta.

— David! — Kara sacou sua lâmina da alma e se juntou ao combate. Ela não tinha tempo para pensar sobre o quão pequena era sua lâmina, comparada aos monstros gigantes de neve. Ela precisava salvar David.

Duas bestas de neve bloquearam seu caminho e mostraram seus dentes.

Kara derrapou até parar e se preparou para o combate.

Ela ouviu o barulho de algo estalando sobre o vento, como se as criaturas estivessem rindo dela. A primeira criatura abaixou a cabeça e investiu. Ela saltou contra Kara, que perfurou a cabeça da besta com a adaga. Sua cabeça pendeu para o lado e todo o corpo desabou. Kara chutou a criatura, para ter certeza de que ela não se moveria mais.

Um golpe atingiu Kara por trás, e a fez cambalear para frente. Ela se virou para enfrentar a outra criatura, que a golpeou no peito e lhe roubou todo o ar dos pulmões.

Ela gritou e quase derrubou sua lâmina. Suas presas rasparam a garganta de Kara, mas sua adaga atingiu o pescoço da criatura, que se desintegrou.

Kara chamava por David freneticamente. Ela podia vê-lo tentando abrir caminho pelas criaturas que o cercavam. Ele usava os cotovelos como um soldado experiente. Ele socava o rosto de um inimigo e apunhalava o outro na cabeça. Com um brandir de sua lâmina, ele decapitou o pescoço de outra criatura. Os inimigos viravam pó e desapareciam.

Mais bestas surgiam da nevasca. Kara estava presa.

Eles saltaram.

Ela fintou para a esquerda, girou, se esquivou e chutou um inimigo. Kara ouviu um baque satisfatório, mas ela não era rápida o suficiente. No meio de um salto, uma dor ardente explodiu em seu braço esquerdo, e penas brancas voaram de seu casaco. Ela sentiu a umidade do seu sangue, mas não podia parar e olhar o ferimento.

Kara foi derrubada por um poderoso golpe lateral. Instintivamente ela rolou, a tempo de evitar uma enorme pata branca que despedaçou a neve onde sua cabeça estava segundos antes. Ela agarrou sua lâmina e a empurrou com toda a força contra a cabeça da criatura. A besta tombou por cima de Kara. Seu peso era esmagador; seu cheiro pútrido era sufocante. O corpo da criatura brilhou e desapareceu na neve. Ela respirou novamente.

Ela viu duas criaturas investirem contra Jenny. Ela disparou uma flecha, desviou para o lado e disparou outra, no mesmo momento que a primeira perfurava o peito da criatura de neve. Seu segundo tiro atingiu a outra besta. Mas as flechas pareciam não ter muito efeito sobre as criaturas, além de deixá-las mais irritadas. Elas investiram contra Jenny.

Ambas atingiram Jenny, que cambaleou para trás.

Ela estava cercada. Eles iam destruí-la.

Kara se esforçou para ficar de pé e socorrer Jenny. Algo duro colidiu com ela, que caiu de costas. A pressão esmagava seu peito, e seu grito ficou preso na garganta. Quando olhou para cima, uma das bestas estava prestes a arrancar sua cabeça com uma mordida. Seu hálito pútrido a fez estremecer. Da sua língua roxa, escorria uma baba quente no rosto de Kara, mas a besta não atacou.

— Ora, ora... O que temos aqui?

Kara reconheceu os olhos azuis e cruéis da garota imediatamente. Ela usava um sobretudo branco, botas de couro branco até o joelho e uma pele de raposa. Seu cabelo longo e branco esvoaçava em suas costas como uma capa. Suas feições estavam retorcidas em um sorriso falso.

— Olá, irmã querida — disse Lilith, com uma voz agradável. — Não esperava me ver novamente, não é?

# *Capítulo 18*

## *Canalizando*

**A** raiva de Kara entrou em erupção.

— Lilith! Eu já devia saber que você estaria envolvida em algo do tipo.

Kara tentou sair debaixo da criatura, mas era como tentar mover um carro.

Lilith riu:

— Você devia ter me matado quando teve a chance, certo? Mas você não pôde - sua consciência patética não permitiu. Esta sempre foi sua maior fraqueza, ser totalmente previsível. Você é tão boazinha. É revoltante.

Kara lutou sob o peso da criatura de neve. Ela sentiu o gotejar quente de um líquido em sua sobrancelha esquerda.

— O que é isso? — Lilith se abaixou e tocou a testa de Kara com seu dedo. — Sangue?

Você é mortal? É mesmo... você não é mais um fantoche brilhante como eles.

Lilith se levantou e acenou com a cabeça:

— Como isso é perfeito. Vai ser mais fácil matá-la, e agora você vai continuar morta.

Sua amaldiçoada alma de anjo morrerá esta noite, querida irmã, juntamente com seus amigos anjos. Não posso dizer que sinto pena. Nem um pouquinho. É hora de você sentir a dor e o sofrimento que eu senti neste corpo. Você vai pagar caro por ter feito isso comigo.

Kara olhou furiosamente para Lilith:

— Eu não fiz nada com você - você fez isso a si mesma. O que está fazendo aqui?

Pensei que estaria em um centro de correção ou algum lugar do tipo.

Os lábios vermelhos de Lilith se contorceram em um sorriso.

— Eu fugi facilmente depois que fui pega roubando uma loja de joias, e um

Mercedes Benz, e depois disso uns aparelhos de som. Estes estúpidos mortais não ficaram muito felizes quando coloquei as mãos em algumas armas automáticas.

— Eu tenho novidades: você também é mortal.

O sorriso de Lilith desapareceu:

— Um descuido infeliz, graças a você, mas não por muito tempo.

Kara se espantou:

— O que? Do que você está falando?

Sua meia-irmã a ignorou e gritou para a besta de neve: — Traga os outros. Está na hora.

A besta de neve libertou Kara, que alegremente encheu os pulmões de ar. Ela estrava trêmula quando se levantou. Ela sabia que estava com algumas costelas quebradas ou lesionadas, mas ainda estava viva.

Algo bateu em suas costas e ela cambaleou para frente. A besta a empurrava com a cabeça, incitando-a a ir adiante.

David e Jenny tropeçaram ao lado dela, cada uma sendo incitada por uma criatura de neve. Jenny se virou e deu um murro no focinho da criatura. A besta retaliou com um poderoso golpe na cabeça da garota, que caiu no chão. Xingando em voz alta, Jenny se esforçou para ficar de pé, mais irritada do que machucada.

O semblante de David escureceu com a visão de Lilith: — Ora, se não é a minha Barbie albina preferida? Eu achei que você estivesse em um show de horrores à essa altura. Mas acho que o circo não teria lugar para você entre o homem elefante e a mulher barbada. Sempre achei que você daria uma ótima rainha das aberrações.

Lilith deu uma risadinha e acariciou os cabelos de David com os dedos: — Eu sabia que você viria, David McGowan. Você sempre interfere nos meus negócios com a minha irmã.

— Assim como um mau hábito, eu sempre apareço.

— Tomem as armas deles. Reviste-os.

Obedientemente, as bestas tomaram as lâminas da alma e o arco de Jenny,

junto com a aljava que ainda possuía algumas flechas.

Enquanto contava, Lilith apontava um dedo com uma unha vermelha e bem feita para eles:

— Não está faltando alguém? Sim, o garoto que usa óculos, aquele que parece um ratinho. Alguma coisa ruim aconteceu com ele? — Ela riu.

— Cale a boca — rosnou Jenny — não diga mais nada.

Lilith levantou suas sobrancelhas e olhou para Jenny com um sorriso no rosto: — Ah, sim, Janet. Vejo que ainda usa este cabelo roxo abominável.

Ela inspecionou Jenny mais de perto:

— Achei que a legião tinha padrões mais elevados. Você parece tão vulgar com essas roupas e cabelo. Me surpreende que deixem você sair por aí desse jeito.

Jenny olhou para ela e falou com um tom cortante: — A Legião não é superficial e falsa como você. Eles não se importam com nossa aparência, desde que façamos nosso trabalho.

— Dá para ver. — Lilith sorriu perversamente. — Mas não se preocupe, você não será um anjo por muito mais tempo.

Ela estalou os dedos.

— Venha, Wergoth gostaria de uma palavra. — Ela caminhou à frente deles.

As criaturas de neve incitavam o grupo a seguir Lilith. Kara e David trocaram olhares.

Seu coração estava batendo forte, e ela balançou a cabeça para espantar o medo.

— Lilith, por favor, me diga que você não...

Lilith riu e chutou um pouco de neve com sua bota: — Mas é claro que eu fiz... o que você esperava? Que eu ficasse neste corpo mortal e patético? Nunca. Eu fiz o que precisava fazer para voltar para minha casa, para onde eu pertenço.

Kara tropeçou para a frente ao perceber o que havia feito com sua irmã. Jenny parecia confusa, sua boca perguntando silenciosamente o que?

— Lilith... o que você fez? — sua voz era um sussurro de desespero.

Lilith virou a cabeça enquanto caminhava:

— Quando fui confinada neste corpo nojento, ainda tinha resquícios de minha soberana forma demoníaca. Eu podia ver e sentir meus servos, assim como conseguia enxergar os anjos e outros sobrenaturais. Eles me chamaram. Eu sabia que não poderia ficar neste corpo fraco, eu precisava fazer alguma coisa. Eu precisava me transformar novamente na rainha dos demônios.

David bufou:

— Bobagem. Você nunca foi uma rainha, nunca passou de uma Barbie tentando chegar mais longe do que poderia.

Lilith lhe deu um olhar maligno, mas continuou: — Eu sabia que era preciso uma grande energia para transformar meu corpo mortal em imortal. Necromantes e feiticeiros são os únicos capazes de canalizar tais poderes.

Feiticeiros e demônios têm muito em comum. Eu sabia sobre estas criaturas e sabia como encontrar o mais poderoso delas. Então, eu usei um pouco de magia negra. Com a ajuda dos meus servos, e após atravessar os primeiros planos da morte, eu encontrei um espectro e fiz um acordo com ele. Eu o traria de volta à vida e ele me transformaria de volta em um demônio.

— Lilith, você não sabe o que fez! Ele é um feiticeiro. Não é confiável.

O semblante de Lilith se fechou:

— Aparentemente, tanto quanto minha própria irmã.

— Você tentou me matar! — protestou Kara. — Ou você esqueceu disso?

— Detalhes - disse Lilith, sorrindo maliciosamente.

Kara não sabia o que Lilith queria dizer.

— O que...

— Quem disse que ele manterá sua parte no acordo — interrompeu Jenny.

Lilith não respondeu imediatamente:

— Ele irá. Isso não me preocupa. Agora chega de conversa fiada, vamos em frente.

Kara olhou para trás. Não havia sinal de Gideon em lugar algum.

— Está esperando reforços? — riu Lilith. — Esqueça. O parque está rodeado

por magia negra. Nem os anjos conseguiriam passar. Você chegou na hora certa. Seus amigos guardiões teriam que ser tolos para tentar chegar até aqui; suas almas se transformariam em pó. Puf! — Ela imitou uma explosão com as mãos e riu, como se fosse uma piada interna.

Kara ignorou a encenação de Lilith. Mesmo que seu plano original tivesse falhado, ainda havia esperança. Gideon devia ter o próprio plano. O velho curandeiro era esperto o bastante para desaparecer no momento certo. Ou ele era apenas um covarde que aproveitou a chance de fugir? Kara estava agitada.

Haviam grandes montes de neve e árvores cobertas de neve em ambos os lados do caminho. Lentamente, uma grande clareira apareceu à frente.

A agulha de Cleópatra estava cercada por magnólias. O obelisco era ainda maior do que ela pensava. Com pelo menos 20 metros de autora, sua ponta afiada de granito se destacava como um lápis de um gigante. Sua superfície de granito brilhava em um tom misterioso de verde. Os seis encapuzados continuavam a cantar, e não olharam para cima quando o grupo se aproximou.

Kara caminhou tão lentamente quanto podia. Ela precisava de tempo para bolar um plano de resgate que não envolvesse sua morte. Ela só precisava lutar desarmada contra as feras de neve e salvar David e Jenny, enquanto matava todos os feiticeiros e salvava o mundo mortal. Sem pressão.

Ela tentou sentir seu poder elemental. Um brilho dentro dela respondeu, como uma centelha de luz. Ele pulsou momentaneamente e depois desapareceu. Não tinha jeito. Ela desejou que seu poder pudesse ser engarrafado e arremessado como uma granada, exatamente como Gideon fazia. Seria muito mais fácil.

David sentiu o desânimo dela. O sorriso dele fez Kara sentir que era tudo culpa dela, mesmo que sua meia-irmã tivesse começado tudo. Se ela tivesse matado Lilith, nada disso estaria acontecendo. Mas Kara não era assim, ela não conseguiria matar Lilith a sangue frio, nem mesmo depois de tudo que ela fizera. Não cabia a ela decidir se Lilith deveria viver ou morrer.

Lilith pegou Kara e David em um momento de ternura: — Ah, que fofo, o caso de amor que nunca chega a lugar nenhum - ela riu — Não estão cansados de fingir? Não é como se eu não pudesse ver como vocês olham um para o outro. É tão dolorosamente triste. Anjos e mortais não podem ficar juntos, se eu bem me lembro das regras.

— Cala a boca, Lilith — sibilou Kara. Seu rosto corou. Já era estranho o bastante ter estes sentimentos por David enquanto ela era mortal. Ninguém precisava lembrá-la disso o tempo todo. David piscou, e parecia bastante satisfeito consigo mesmo. O rosto de Kara queimou ainda mais.

— Ora, vejam só. O rosto de Kara está vermelho feito um tomate - escarneceu Lilith.

— Você não quer que ele saiba o quanto você o ama, certo Kara?

As orelhas de Kara estavam queimando, e ela mantinha a cabeça baixa. Ela sequer ousava olhar para David. Se fizesse isso, ele veria que Lilith tinha razão.

— Deixa ela em paz, albina — disse David.

Lilith riu suavemente:

— Que seja. O amor é mesmo surpreendente. É uma doença na vida dos fracos. Eu não preciso de amor; ele só serve para distrair as pessoas do que realmente é importante.

Kara observava Lilith. Havia algo estranho com a forma que ela disse a palavra amor.

Ela quase parecia estar com raiva. Havia acontecido algo com ela?

Uma besta de neve foi até Lilith. Ela roçava o nariz contra o quadril, com um olhar de súplica no rosto. Lilith sorriu e acariciou a criatura com ternura. A fera fechou os olhos, apreciando a atenção. O rosto de Lilith, se iluminou, e Kara viu uma bondade nele que nunca tinha visto anteriormente. Havia algo de bom dentro dela. Kara podia sentir.

Agora, eles estavam a apenas alguns metros do obelisco. O estômago de Kara embrulhava com a visão dos homens de capas pretas. Seus pulmões ardiam e sua garganta começava a se fechar. Ela aproveitou a chance e caminhou ao lado da sua meia-irmã.

— Lilith - você não precisa fazer isso. — Ela olhou para o rosto da irmã.

— Você pode nos libertar e ter uma vida própria. Você pode encontrar o amor.

— Amor? Não seja condescendente. Não estou de bom humor.

— Eu sei que parte de você sabe que isso é errado. Nós podemos nos ajudar.

Você pode vir ficar comigo e com a minha mãe depois que isso acabar. Você iria adorá-la.

Podemos ser irmãs, ser uma família.

Os olhos de Lilith se encheram de lágrimas. Por um momento, Kara pensou que tinha tocado o coração dela.

— Pare de falar, ou eu vou cortar sua língua. Mexa-se! — Lilith enxotou a criatura da neve e continuou andando. Ela limpou os olhos e apertou os punhos.

Kara olhou para sua meia-irmã enquanto ela se afastava - até seu andar parecia mais como o de uma garota, não de uma diva dos demônios. Talvez Lilith fosse mais humana do que deixava transparecer.

Uma criatura de neve a empurrou, interrompendo seus pensamentos. Após tropeçar na neve que chegava até seus joelhos em algumas partes do caminho, as criaturas os levaram até o obelisco.

Kara ficou cara a cara com o círculo de feiticeiros. As criaturas rosnaram e recuaram, como se não tivessem permissão para se aproximar.

À medida que chegava mais perto, Kara sentia mais dificuldades para respirar, como se mãos frias envolvessem seu pescoço. Seu coração se acelerou e ela se sentiu fraca.

Ela olhou para o círculo de feiticeiros em volta do obelisco, E notou que cinco dos corpos deles estavam semitransparentes, quase como hologramas. Eles eram espectros de feiticeiros perdidos? Ela tinha certeza de que, se os tocasse, seus dedos atravessariam os corpos deles.

Mas havia um que se destacava entre os outros, cujo o corpo era tão sólido quanto o dela.

Uma névoa verde se aproximava pelas árvores. Ela rastejava pela clareira e vinham para o obelisco como cobras tóxicas. O coração de Kara estava pesado. Milhares de esferas brilhantes flutuavam pela névoa. O obelisco as arrebatava também, brilhando e se expandindo, como se estivesse respirando.

A raiva formou um nó no peito de Kara.

Seus ouvidos captaram o som de sinos. Ela procurou novamente por Gideon, mas não havia sinal do velho curandeiro. — Gideon, cadê você?

Os rostos entristecidos de David e Jenny estavam iluminados pelas almas

que brilhavam na névoa.

— Kara - nós temos que impedi-los — sussurrou David, enquanto observava nervosamente o local. — Temos que fazer alguma coisa.

— Eu sei... Estou pensando — ela sussurrou de volta.

— Bem é melhor fazer isso rápido, porque já está começando — Jenny apontou para o céu.

Kara, parou de respirar. O céu estava com um profundo tom de roxo, e a neve estava mais escura. Era como se o parque tivesse subitamente sido pintado. A oeste, o semicírculo laranja do sol desaparecia no horizonte de Manhattan. Kara olhou para o relógio.

16:39 - Era tarde demais.

— Você pode esquecer seus planos, sejam eles quais forem — riu Lilith.

Ela olhou para o Obelisco, como se fosse algum tipo de joia cara: — Não é lindo?

Enquanto a escuridão cobria a ponta do obelisco, runas verdes e brilhantes apareceram em sua superfície. O Obelisco tornou-se um totem verde e brilhante. O chão tremeu e gemeu. Ao pé do Obelisco, uma fissura rompeu o chão congelado e fez um círculo perfeito ao redor dos feiticeiros. Vapores verdes foram lançados ao ar a partir da fissura.

Sinos tocaram. O pingente de Kara queimava contra a sua pele. Ela cambaleou para a frente. O feiticeiro que não parecia ser um holograma se virou na direção dela. Ele a encarou com olhos vermelhos e brilhantes, e ela sentiu amarras invisíveis em seus pulsos. Kara não conseguia se mover.

Você está muito atrasada, bruxa elemental – sussurrou uma voz em sua mente – Não há como me impedir agora. O ritual já começou. Meus irmãos ressuscitarão - todos vocês vão morrer!

# *Capítulo 19*

## *O Feiticeiro das Trevas*

**K**ara observou horrorizada mais cinco figuras encapuzadas saírem do chão. O ar estava carregado com um cheiro de carne podre e esgoto. Lentamente, eles se ergueram e foram para trás do feiticeiro. Cada um se posicionou atrás de um espectro. Então, eles entraram nos cinco espectros, que pareciam estar esperando por isso. Houve um brilho verde e repentino, e depois os espectros desapareceram no ar frio do inverno. Os feiticeiros encapuzados aguardaram.

A névoa sombria desapareceu. O coração de Kara doía enquanto ela assistia a última das almas desaparecer no obelisco.

— Acabou... nós falhamos — gritou Jenny. Tranquilizador, David pousou a mão no ombro dela.

Mas algo no interior de Kara dizia que não era o fim. O ritual ainda não havia terminado. Ela estava congelada de frio, pensando.

Ela precisava de uma boa distração.

Uma risada veio do outro lado do parque:

— Bem-vindos, amigos — disse uma voz ecoante - a mesma que ela tinha ouvido através dos ratos.

O feiticeiro caminhou na direção deles. Ele era ainda maior do que o policial que havia aparecido em sua casa. O feiticeiro usava uma capa longa, com símbolos verdes e brilhantes, que se deslocavam e trocavam de forma como se fossem líquidos. Ele se colocou na frente dela e removeu seu capuz.

Kara parou de respirar por um momento. A pele dele era dura como couro. Também haviam símbolos verdes e brilhantes gravado nela, como se o feiticeiro tivesse sido marcado a ferros. Seus olhos vermelhos brilhavam como o sol, e queimaram os olhos de Kara quando ela os encarou. Larvas e insetos caíam do seu corpo apodrecido, deixando um rastro na neve atrás dele.

Kara não sabia o que esperar, mas soube imediatamente que aquele era o feiticeiro que tirou a vida de Olga e a alma de milhares de pessoas. Ela queria destruí-lo mais do que tudo.

Ele sorriu, e Kara pôde ver que seus dentes enegrecidos eram afiados como dentes de piranhas. As amarras em seus pulsos afrouxaram, e Kara pôde se mover mais uma vez.

— Nos encontramos novamente, bruxa elemental — ele disse. — Estou feliz por você ter se juntado a nós nesta noite festiva.

— Fale por você — disse David. — Não há nada festivo aqui, feiticeiro.

O feiticeiro estudou David e Jenny por um momento.

— Andarilhos espirituais - aparentemente, nossos caminhos sempre se cruzam, até que eu os mate, claro. Não esqueci o que seu grupo fez a mim e à minha família. Vocês sempre se acharam superiores ao resto do mundo sobrenatural. Estão sempre se metendo em coisas que não lhes dizem respeito, esmagando bruxas, feiticeiros e demônios. Eu me lembro da grande batalha dos feiticeiros, a batalha da colina mordente, onde nós os derrotamos e afugentamos. Mas então, as bruxas se aliaram com os andarilhos espirituais e me mataram. Eu fui condenado a passar a vida eterna como uma sombra do meu passado, permanecendo no eterno vazio.

— O mundo mortal não os pertence mais, andarilhos espirituais. Nós vamos destruir cada bruxa que restou neste mundo.

Ele virou seu olhar ardente para Kara:

— Depois que fizermos as alterações necessárias, vingaremos o sangue dos nossos parentes. Tomaremos de volta o que era nosso.

Ele ergueu os braços no ar. Chamas verdes dançaram na ponta dos seus dedos.

— Todos os seres não-mágicos serão nossos escravos. Chegou a era dos feiticeiros.

Vamos tomar o mundo dos fracos. Os feiticeiros subirão ao poder novamente.

A raiva subiu pelo corpo de Kara:

— Isso nunca acontecerá, feiticeiro.

Wergoth se aproximou:

— Você tem coragem - muita coragem. Não é de se admirar que o fluxo de

energia elemental em suas veias é tão pleno. Mas seu julgamento é confuso, e você se tornou arrogante. Seu poder não é o bastante para me impedir. Você e seus amigos andarilhos espirituais morrerão esta noite.

— Ninguém vai morrer hoje. Kara não se moveu: O rosto do Wergoth se contorceu em um sorriso maligno. Com uma torção de pulso, fogo verde surgiu em seus braços. Os outros cinco feiticeiros foram para trás dele. Kara podia sentir o cheiro de carne podre vindo debaixo das capas. Seus olhos queimavam com o mesmo fogo maligno.

Com um movimento rápido, dois dos cinco feiticeiros ergueram seus braços e dispararam jatos de fogo verde, da mesma forma que uma mangueira de incêndio dispara água. Os corpos de David e Jenny foram engolidos pelo fogo verde. Eles pairavam no ar enquanto a chama verde queimava seus trajes-M.

Sem pensar, Kara correu até os amigos. Ela estendeu a mão para David, mas sentiu uma dor excruciante. Suas mãos estavam vermelhas e carbonizadas, com enormes bolhas vermelhas. Ela tentou ignorar a dor e estendeu as mãos novamente. Era como enfiar a mão em água fervente, e ela quase conseguia sentir sua pele deslizando dos seus ossos. Não dava para tocá-los.

O rosto de Jenny estava contorcido em um grito silencioso. A expressão de David era de agonia. Seus olhos se encontraram. Ela sabia que ele queria mandá-la ir embora, que ela os deixasse e se salvasse. Mas ela não podia. Seus olhos queimavam.

— Pare com isso! Deixe-os ir, você vai matá-los.

Ela olhou para Lilith, mas a expressão da irmã estava fria.

Wergoth gargalhou e olhou para seus seguidores.

— Deixá-los ir? Jamais. Esta noite, vamos nos banquetear com suas almas, e não há nada que você possa fazer. Vocês foram tolos ao acreditar que poderiam sobreviver a mim. Agora, nós somos invencíveis. Os andarilhos espirituais cairão como moscas. E a cada um que tombar, nossa força aumentará.

Os feiticeiros se aproximaram.

— Para trás!

Kara estreitou os olhos e fechou os punhos — não toquem neles! — EU VOU MATAR

VOCÊS!

Os feiticeiros riram.

— Se você fosse mais inteligente, fugiria e tentaria se salvar. Por que se importar tanto com estes andarilhos espirituais? Eles são inúteis.

Os gritos de David e Jenny ecoavam pela noite, enquanto eles lutavam desesperadamente contra suas prisões de fogo verde. Mas quanto mais eles lutavam, mais sofriam. Kara sabia que eles não iriam aguentar por muito mais tempo. Ela nunca desistiria de seus amigos, e lutaria até a morte para salvá-los.

— O Gideon, agora é a hora — ela gritou para o céu noturno.

Wergoth estreitou os olhos. Ele se virou para Lilith: — Onde está o curandeiro?

Lilith empalideceu. Kara viu o medo nos olhos dela: — Não havia mais ninguém com eles, eu juro. Só Kara e os outros dois.

Com uma fúria assustadora, o feiticeiro se lançou em direção a Lilith feito um raio, prendendo o corpo dela com fogo verde. Lilith se ergueu no ar e atingiu o chão com força. Ela tentou apagar as chamas no seu casaco desesperadamente. O belo casaco branco a havia salvo das queimaduras. Tremendo, ela se levantou do chão. Seus olhos azuis estavam amedrontados.

— Idiota! — rugiu o feiticeiro. — Eu senti a presença daquele velho tolo, ele lutou contra a minha magia. Ele estava aqui com eles. Como você pode deixá-lo escapar? Eu estava errado sobre você garota demônio - você não consegue nem pegar um velho fraco.

— Me desculpe... deixe-me ir procurá-lo.

O feiticeiro levantou a mão para silenciá-la.

— NÃO. Eu lidarei com ele mais tarde. Temos assuntos mais importantes para resolver. Eu não serei distraído por um velho tolo, não quando nossa hora está tão próxima.

Seus olhos em chamas focaram em Kara.

— E agora, o sacrifício humano — disse o feiticeiro. Ele sacou uma espada reluzente de sua capa, com runas verdes gravadas na lâmina longa e curva. Ele caminhou até a Lilith e entregou-lhe a espada.

— Mate a elemental.

# *Capítulo 20*

## *Estrelas no Céu*

**K**ara prendeu a respiração - ser sacrificada não estava em seus planos. A espada brilhava na mão de Lilith. Sua própria irmã a decapitaria, exatamente como Anne Boleyn, exceto pelo fato de que ninguém saberia ou se importaria. Ela não era ninguém.

Jenny e David se moviam cada vez menos. Através das chamas verdes, Kara podia ver que a essência deles escoava para fora de seus trajes mortais. Suas almas logo seriam destruídas pelo fogo.

O feiticeiro se curvou reverentemente em direção ao obelisco.

— Para completar o ritual, é preciso o sangue de um mortal inocente. Qualquer mortal serviria, mas eu decidi usar o seu sangue, elemental.

— Mate-a — ordenou o feiticeiro.

Lilith hesitou. Ela olhou para Kara. Medo e arrependimento brilharam em seus olhos em lágrimas, e a espada de prata tremia em suas mãos.

— Você está surda? Mandei matá-la!

Mas Lilith não se moveu. Ela abriu a boca para falar, mas se calou novamente. Seus lábios tremiam. Ela olhou Kara nos olhos, e uma compreensão silenciosa pareceu iluminar os olhos das duas.

O feiticeiro olhou para Lilith:

— Precisamos realizar este sacrifício precisamente no solstício de inverno - agora. O

ritual não pode esperar. Se você não a matar, eu matarei!

O feiticeiro sacou outra espada de seu manto e avançou em direção a Kara.

Em um piscar de olhos, Lilith se lançou contra o feiticeiro com sua espada acima da cabeça. Com uma força que Kara duvidou que a irmã tivesse, Lilith brandiu a espada contra a cabeça do feiticeiro. Seu corpo brilhou e se desintegrou em uma nuvem negra, como se todas as moléculas do seu corpo

tivessem se separado.

Mas, no segundo seguinte, o feiticeiro reapareceu atrás de Lilith. Ele a agarrou por trás e, com um golpe, cortou sua garganta.

— NÃO!

O feiticeiro jogou o corpo sem vida de Lilith no chão. Seus olhos encararam fixamente o céu.

Kara se sentiu como se estivesse em um sonho.

— Você... seu monstro! Você tinha uma promessa com ela. Ela estava te ajudando! — Como pode fazer isso? — A raiva no interior de Kara era como magma quente. As lágrimas queimavam seu rosto e desciam livremente por suas bochechas. Seu coração batia forte e seu ódio era intenso. Ele ia pagar por isso.

O feiticeiro riu:

— Ela foi uma tola por ter confiado em mim. De qualquer maneira, por que você se importaria por alguém que queria sua morte? Você deveria estar contente pelo favor que lhe fiz.

— Ela não merecia morrer... não assim. — A voz de Kara vacilou. Ela tinha olhado diretamente nos olhos da irmã. Por um segundo, havia bondade ali. Todo mundo merecia uma segunda chance. As pessoas podiam mudar, e Lilith merecia essa chance. Mas agora era tarde demais para ela.

Wergoth brandiu sua espada. As runas em sua pele brilharam ainda mais forte: — Não há nada mais nobre do que uma morte limpa - você é muito sortuda. E deveria ser grata pela morte dela.

Ele olhou para o corpo de Lilith, mas Kara não sabia dizer no que ele estava pensando.

— Você é doente. É um monstro. Seu lugar é no mundo dos mortos, e eu o enviarei de volta para lá — a voz de Kara soou confiante. Mas o que ela viu em seguida a fez querer gritar.

O sangue de Lilith estava fluindo em direção ao obelisco. Ele atingiu o pé do monumento e desapareceu sob a neve. O obelisco brilhou e estremeceu, como se tivesse aceito o sangue como oferenda.

Kara se sentiu enjoada, e lutou para não cair de joelhos. Um feixe de luz verde explodiu da parte superior do obelisco e brilhou no céu noturno.

Os feiticeiros cantavam e formavam uma linha na frente do obelisco.

— O ritual está completo - selado com o sangue dos inocentes — continuou o feiticeiro.

Ele virou-se para Kara.

— Você é azarada por estar aqui nesta noite de inverno, elemental. Não posso deixá-

la viver; você é muito imprevisível. Quanto mais sangue para o sacrifício, mais forte será nosso vínculo com o mundo mortal. O sangue de dois elementais terá mais potência do que o de um.

— Wugnor, Wormar, matem-na e traga o sangue para mim — ordenou que o feiticeiro.

Dois feiticeiros saíram da linha e cercaram Kara. Fogo verde dançava em seus dedos.

Seus rostos eram tão cobertos por runas verdes que ela duvidava que houvesse algo de humano neles. A magia do feiticeiro ainda a prendia. Não haveria nenhuma luta de espadas. As habilidades de Kara eram inúteis. Ela seria incinerada pelo fogo verde.

Kara sentiu uma onda de energia elemental dentro de seu corpo, mas ela precisava de tempo para se concentrar.

Wugnor atacou, investindo em sua direção. Ela fintou para a esquerda, rodopiou e tropeçou no corpo de Lilith. Sem se arriscar a olhar para a irmã, Kara pegou a espada de Lilith e se esquivou novamente, pouco antes de uma rajada de fogo verde explodir ao seu lado. Ela estava cega pela fumaça, e seus pulmões queimavam enquanto ela tentava respirar. Quando se virou, outra bola de fogo líquido passou de raspão por sua perna. O

calor criou bolhas na pele de Kara. Ela gritou com a dor excruciante, mas apagou o fogo com a mão esquerda. Ela plantou os dois pés no chão, se abaixou e esperou.

O rosto de Wugnor se contorceu em um sorriso maligno: — Há séculos eu não me divirto assim. Eu vou gostar de beber o seu sangue — disse ele em uma voz aguda.

Ele atacou novamente, lançando rapidamente mais bolas de fogo, como uma

máquina arremessar bolas de tênis. Com sua espada, Kara desviava as bolas de fogo, como se ela fosse um taco de beisebol. Ela cortava uma bola após a outra, dividindo-as em fragmentos de calor. Mas ela não podia fazer aquilo para sempre.

Wugnor gargalhava enquanto ia em sua direção.

Kara percebeu o erro. Ela se esquivou e evitou seus ataques, girou seu corpo e, com um golpe ascendente, fez um corte limpo através do pescoço do feiticeiro. Seu corpo caiu no chão ao lado de sua cabeça. Kara se lembrou do cavaleiro sem cabeça. Seu corpo brilhou em chamas verdes, até que foi consumido.

Subitamente, Wormar a atingiu com uma bola de fogo no peito. Kara gritou de dor enquanto tentava apagar as chamas. Ela sentiu sua energia drenada. Suor escorria de suas costas. Suas mãos agarravam firmemente a espada. Kara tentou lutar contra o desespero que a envenenava, mas o feiticeiro atacou de novo. Ela estava sendo acuada, enquanto tentava desesperadamente não ser queimada. Suor escorria em seus olhos.

Sua visão estava turva. A força de Kara estava desaparecendo. Sua espada escorregou em sua mão. Se ao menos pudesse usar seu poder elemental...

Wormar sorriu com confiança:

— Sua vontade de viver é admirável, mas não prevalecerá, pequena criança.

Ele preparou mais duas bolas de fogo verde em suas mãos e ergueu os braços para lançar o golpe mortal.

Kara se abaixou, brandiu sua espada e golpeou o pescoço do feiticeiro com um golpe lateral. Sua cabeça caiu aos seus pés, e sangue verde se derramava pelo seu pescoço.

Chamas verdes irromperam do corpo e o consumiram.

Ela ouviu um riso.

— Estou muito impressionado com suas habilidades, mas você não pode nos matar com uma mera espada, elemental - o feiticeiro riu. — Na verdade, não há nada neste mundo ou no outro que possa nos destruir.

Kara observou as duas pilhas de pó sobre a neve branca. Um brilho verde emanou delas, e um turbilhão de cinzas verdes e brilhantes se ergueu do chão.

Quando o turbilhão se dissipou, os feiticeiros decapitados tomaram seu lugar, como sorrisos feios em seus rostos - suas cabeças estavam no lugar. Seria mais difícil matá-los do que Kara pensava. Isso era uma droga, de verdade.

Wergoth olhou para o céu:

— Estamos perdendo tempo precioso. Vou matá-la para podermos começar as outras preparações. — Ele ergueu os braços.

Um frasco vermelho veio voando e atingiu o feiticeiro no peito. Ele explodiu e foi consumido em uma bola de fogo vermelho. Kara cambaleou, cegada pela luz das chamas.

Quando abriu os olhos, Gideon estava ao seu lado com mais duas garrafas de vidro nas mãos.

— Onde esteve? — disse Kara, exasperada.

— Escondido — ele respondeu. — Até o momento certo.

— Sim... Eu notei. — Essa não me pegou de surpresa - o curandeiro se manteve escondido do mundo sobrenatural por anos. Ela só esperava que ele não tivesse se atrasado.

— Não podia arriscar ser pego, não até ter tempo de explicar o que você precisa saber.

Kara não teve tempo nem de perguntar o que ele quis dizer.

O fogo vermelho se dissipou, e o feiticeiro surgiu ileso na frente deles.

— Gideon, que bom se juntou a nós — ele provocou. — Você me poupou o tempo de procurá-lo. Eu quis matá-lo há anos atrás, mas você sempre conseguiu ficar fora do meu alcance. Vocês curandeiros são diabólicos e astutos - nunca se pode saber de que lado vocês estão. Tudo que importa são suas patéticas poções e curas. Vocês nunca foram feiticeiros reais, apenas párias.

— Não dá para matar o que não se pode pegar — zombou o curandeiro.

O feiticeiro sorriu. Com um movimento de pulso, ele arremessou uma bola de fogo contra Gideon. Mas o curandeiro estava preparado. Ele contra-atacou com uma garrafa que continha uma substância branca que envolveu as chamas quando o frasco quebrou. A bola de fogo atingiu o chão como um chiclete mastigado gigante.

Kara aproveitou a distração para examinar David e Jenny. Eles estavam completamente imóveis, com os olhos desfocados.

— Eu preciso resgatar meus amigos—

Gideon se voltou para ela e a agarrou:

— Ainda não.

Ela lutou contra o aperto do curandeiro.

— O que? Por que?

Os outros bruxos se juntaram a Wergoth. O fedor era insuportável. Eles se prepararam para outro ataque.

Gideon soltou outro frasco de vidro no seu cinto de couro e baixou a voz.

— Ele virá com todo seu poder em cima de mim agora. Quanto mais poder ele usar, mais fraco ficará. A magia tem seu preço; o poder não é infinito. Ele já gastou muito poder no ritual. Depois de me atacar é quando ele ficará mais vulnerável, pois terá utilizado a maioria dos seus poderes. Se você tentar qualquer coisa antes disso, não irá funcionar, e você irá morrer! — disse Gideon.

— Mas isso significa que...você vai... — Kara não conseguia terminar a frase. Gideon pretendia se sacrificar. — Não. Não vou deixar você fazer isso.

— Não se preocupe querida...-eu vou ficar bem. Você é a única que pode detê-los.

Você não tem escolha - isso precisa acontecer. Kara, preciso que você canalize seus poderes agora. Toque fundo em suas emoções e procure a luz. Permita que ela a guie.

Estava difícil se concentrar, mas Kara fez o seu melhor. Ela sentiu uma oscilação de energia.

— Eu sinto algo, mas não será suficiente...

— Muito bem, minha querida — Gideon parecia encantado. Continue trabalhando nisso!

— Mas...

De repente, bolas de fogo líquido verde começaram a cair do céu.

Kara saiu do caminho delas, mas a explosão a atingiu, jogando-a no chão.

Gideon foi jogado para trás. Ele caiu com um baque pesado, e Kara ouviu um estalo horrível. Mas o velho se levantou com as pernas trêmulas e o rosto decidido.

— Vamos ver o que você tem, discípulo das trevas.

Ele arremessou duas garrafas. Em pleno ar, elas se transformaram em uma rede gigante de cor laranja. Ela caiu sobre os feiticeiros, paralisando-os momentaneamente.

Com um crack, a rede se derreteu em uma gosma laranja e feia. Os feiticeiros pareciam muito zangados.

— Cansei de você, velho tolo! — O feiticeiro atacou com um feixe de fogo verde.

Gideon jogou um punhado de pó amarelo no ar. O pó formou uma parede protetora ao redor do velho. O fogo bateu na parede e mudou de direção, como uma bola de borracha.

Wergoth gritou de fúria. Ele começou a cantar, levantou os braços e lançou mais um golpe poderoso. A proteção de Gideon sacudiu e depois desabou. Quando ele ia pegar outra garrafa, uma bola de fogo o atingiu no peito, e o velho caiu no chão, com o corpo coberto de chamas verdes.

Kara correu para ele. Seu rosto e mãos cheiravam a carne queimada. Seus olhos estavam fechados, e não dava para saber se ele estava respirando.

— Gideon, por favor, não esteja morto. — Ela o sacudiu gentilmente, mas ele não abriu os olhos. — Eu preciso de você.

— Ele era apenas um velho tolo, se pensava que podia me derrotar. Eu sou o feiticeiro mais poderoso deste mundo. Ele não era nada mais do que um mestre de poções, um fabricante de sopa — ele riu. — Não dá pra matar um feiticeiro com temperos e sopa.

— Ele era mais do que isso - ele salvou minha vida. Ele era meu amigo — ela sussurrou.

— Você vai pagar por isso, feiticeiro.

Um sorriso se formou no rosto de Wergoth:

— Eu vou adorar matá-la, elemental. Depois disso, vou me banquetear com as almas dos seus amigos. — Ele atacou.

A força do ataque tirou Kara do chão. Ela sentiu seu próprio cabelo queimando.

Kara se levantou, surpresa e confusa. A energia verde estalava ao seu redor. A risada do feiticeiro era nauseante e parecia estar por toda a parte.

Ela olhou para os inimigos, furiosa:

— Eu vou salvar meus amigos - e minha mãe! — Ela gritou.

Wergoth encarou Kara com um olhar de puro ódio: — Não, você sofrer uma morte lenta e dolorosa pelas minhas chamas.

A pele escura do feiticeiro chiava com uma energia elétrica. Ele ergueu as mãos: — Adeus, elemental.

Antes que Kara pudesse reagir, ela foi atingida com outra explosão de fogo líquido verde.

Kara desabou. Ela gritava com a dor excruciante, mas conseguiu extinguir a maior parte das chamas. As chamas tinham queimado seus braços e destruído seu casaco. Ela sentiu o cheiro da própria carne queimando. Os vapores verdes pareciam ácido em seus pulmões. Com o que restava de sua coragem, ela se concentrou em sua luz e se colocou de pé novamente. Limpando as lágrimas dos olhos, ela tentou convocar seu poder. Um pulso começou a vibrar através dela.

Tarde demais.

Outra bola de fogo atingiu Kara e a derrubou novamente. Eles iam matá-la lentamente, só por diversão. Ela estava apenas semiconsciente, mas ainda podia ouvir as risadas doentias.

Ela se virou para Gideon, mas o velho estava exatamente como antes, sem dar nenhum sinal de vida.

— Gideon, o que devo fazer? — Sua voz vacilou.

Subitamente, o pingente no pescoço de Kara começou a flutuar. Ele pairou por um segundo e depois se libertou. Ele voou como uma bala e atingiu o obelisco. O pingente se fixou à estrutura, como se estivesse magnetizado. Kara observou a pequena pedra emitir uma luz amarela e brilhante. Ela pulsava como se estivesse respirando. Presa ao obelisco, era como se tentasse dizer algo a Kara.

Então, como se uma pequena voz tivesse falado dentro da cabeça de Kara,

ela soube o que fazer.

Trêmula, ela se colocou de pé, se concentrando em sua pequena luz interior. Sua luz era a chave. Era uma centelha de esperança - de vida.

Ela procurou dentro de si mesma, como havia feito muitas vezes quando era uma guardiã. Ela chamou pela luz, que pulsou e despertou.

Kara piscou para tirar o sangue dos olhos e se esforçou para se manter de pé. Ela podia sentir pequenos tremores embaixo dos pés, como se a própria terra estivesse respondendo a ela. Kara avançou. Seus olhos cintilavam de raiva. Ela irradiava poder.

A terra sob seus pés se movia e gemia, como se anunciasse um terremoto.

O feiticeiro se virou para ela, sentindo um pânico momentâneo.

O poder fluía pelo corpo de Kara, e ela o liberou.

Um raio prateado disparou pelo ar e atingiu o obelisco. A estrutura gigante se iluminou como se estivesse em chamas. Kara e o obelisco estavam ligados por um fluxo de luz prateada. O corpo dela tremia com a força da conexão. Ela descarregou seu poder até que toda a luz em seu interior se esvaísse. Ela estava esgotada, mas nada havia acontecido. Ela ficou em silêncio por um momento.

Em seguida, com um barulho de trovão, o obelisco explodiu.

O chão recebeu uma chuva de fragmentos de rochas. No lugar do obelisco, havia apenas um buraco gigante, do tamanho de uma garagem. O chão começou a tremer novamente, e centenas de símbolos verdes brilhantes e runas brotaram da terra e flutuaram para o céu. Eles brilharam por um momento e então desapareceram.

— NÃO! Não pode ser! Não pode ser! Isto é impossível! — o feiticeiro gemia desesperadamente.

Raios prateados prendiam os outros cinco feiticeiros e os prendiam em um aperto inescapável. Eles emitiam sons inumanos enquanto as chamas prateadas os consumiam.

Seus corpos borbulharam, assobiaram e finalmente se desintegraram.

O feiticeiro gritou, como se o seu corpo também estivesse sendo consumido. Ele caiu no chão, uivando de dor. Um brilho prateado emanava do seu peito, se espalhando lentamente por todo corpo, até que estivesse coberto de luz prateada.

— Você não pode matar um feiticeiro! EU SOU ETERNO!

Ele cuspia um líquido preto e grosso enquanto gemia e arranhava a própria carne. Ele levantou os braços para o ar, como se estivesse rezando, e então seu corpo se desfez em pó e desapareceu em uma rajada de vento.

Kara respirou fundo, enquanto os raios prateados serpenteavam ao redor do buraco.

Como um tornado gigante, todos os milhões de fragmentos do obelisco se ergueram. Em um furacão de poeira, pedaço por pedaço, a energia prateada remontava o obelisco.

Quando a última peça estava no lugar, o redemoinho se dissipou. O obelisco emitia uma luz prateada, lançando um brilho de luar sobre o parque. Suas runas brilharam por um momento e depois a antiga pedra estremeceu. Suas marcas retornaram à cor cinza natural.

Kara sorriu ao ver a magia. Era incrivelmente lindo.

Depois disso, ela desmaiou.

# *Capítulo 21*

## *Dizendo Adeus*

**K**ara sonhou que estava à beira do mundo. Nuvens suaves e fofas cobriam o horizonte, e ela estava voando em direção ao sol. Deve ser assim que os pássaros se sentem, pensou ela, achando aquilo incrível.

Uma luz branca a cegou. Quando enxergou novamente, ela percebeu que não estava voando no céu afinal, mas em pé em terra firme, na cobertura do nível sete.

O lugar parecia ser exatamente como ela lembrava, com sofás macios, poltronas e tapetes felpudos. Janelas altas de seis metros se estendiam pela sala dos quatro lados, e Kara podia ver um céu negro com estrelas lá fora. Ela piscou e sentiu o calor no rosto.

Era como se o apartamento de luxo estivesse flutuando no espaço.

— Olá, Kara. Faz muito tempo desde que nos vimos pela última vez. Como tem passado?

Kara se virou e olhou para o rosto de um homem idoso. Ele estava sentado em um grande sofá, repleto de almofadas fofas, no meio da sala. Seu rosto com bochechas rosadas e seus pequenos olhos brilhante a fazia pensar no Papai Noel - exceto pelo fato de que aquele diante dela usava um quimono branco com estrelas douradas bordadas e um cinto de ouro amarrado na cintura. Parecia que ele estava indo para um spa.

O Chefe abriu um pote de azeitonas e começou a colocá-las na boca, uma por uma.

— Hã... bem, eu acho — respondeu Kara. Ela não podia acreditar em quantas azeitonas o Chefe conseguia colocar na boca de uma só vez – ele mais parecia um esquilo ancião de boca cheia.

— Eu adoro azeitonas, você não? — disse o Chefe. Ele limpou sua barba branca com um lenço.

Kara deu de ombros:

— Não muito. Acho muito azedas, e elas sempre me fazem lembrar do globo ocular – aquelas com recheio de cenoura.

O Chefe ergueu suas sobrancelhas espessas: — Nunca pensei assim. Globo ocular, não é? — Contorcendo o rosto, ele examinou o vidro como se fosse a primeira vez que via azeitonas. Satisfeito, ele colocou de volta na mesa.

— Venha se sentar comigo; temos muito o que conversar, você e eu. — O Chefe deu um tapinha no grande sofá bege ao lado dele.

Kara foi e deixou-se cair no sofá macio. A mesa estava coberta com alimentos e bebidas - arroz, peixe frito, batatas fritas, sacos de biscoitos, um grande prato de legumes com molho, jujubas, crepes, bala de alcaçuz, garrafas de refrigerantes e uma tigela gigante de espaguete com almôndegas.

— Quer um rolinho primavera? — O Chefe pegou um prato da mesa e colocou na frente de Kara. — Eles estão um pouco frios, mas ainda estão muito saborosas.

Experimente - você vai ver.

Kara ergueu a mão:

— Não, obrigada. Acho que vou recusar. — Ela ficou espantada com o fato de o Chefe poder comer essa comida. Ela olhou para a barriga grande dele, mas achou melhor não perguntar.

— A minha mãe está segura? — Ela perguntou em vez disso, com um nó na garganta.

Ela havia se torturado desde que saíra do lado de sua mãe. Suas últimas memórias de sua mãe eram horríveis.

— Sim, querida. Ela está perfeitamente segura - assim como todos os outros mortais que foram infectados pela magia do feiticeiro das trevas. Tudo está bem no mundo dos vivos mais uma vez.

Kara se sentiu aliviada novamente. A missão havia sido um sucesso.

O Chefe colocou o prato na mesa e pegou uma bala daquelas compridas. Depois de morder um pedaço, ele apontou para Kara com o doce, como se fosse uma varinha de condão.

— Mais uma vez você nos surpreendeu com suas habilidades, Kara. Estamos felizes o desfecho dos eventos, sabe. Foi uma aposta arriscada mandar você

enfrentar uma bruxa e um feiticeiro das trevas, mas eu sabia que você iria sobreviver. Sempre soube disso -

eu a observo há muito tempo, e nunca deixei de acreditar em você. Além disso, você era a única que tinha as habilidades necessárias para derrotar os feiticeiros.

Kara baixou o olhar:

— Então, você sabia dos meus poderes como mortal o tempo todo? Acho que Ariel sabia que meus poderes elementais viriam à tona. Mas por que ela não me contou?

Kara sentiu sua raiva aumentar, mas tentou manter a expressão neutra. Ela havia sido um peão do plano desde o início?

O Chefe mordeu outro pedaço da bala:

— Não sabíamos como eles iriam se materializar - ou se eles iriam aparecer afinal. Era um risco. A verdade, Kara, é que não sabíamos se isso iria funcionar, mas era um risco que precisávamos correr. Não sabíamos das consequências naquele momento. — Ele balançou o doce para Kara. — Vai uma bala?

— Não, obrigada.

O Chefe estudou Kara por um momento:

— Kara, você se sente diferente de antes?

Kara balançou a cabeça:

— Não. Eu deveria?

— Quando você se sacrificou voluntariamente, liberando o que restava do seu poder -

quando você deu a sua vida plenamente para salvar o mundo mortal - esse sacrifício a mudou.

— Quanto? — perguntou Kara cautelosamente.

— Você não é mais elemental.

Kara sentiu um aperto no peito. Por um momento, ela ficou sentada ali, atordoada: — O quê? Mas... mas como é possível? Eu pensei que fosse parte de mim. Ser elemental me fez ser quem eu sou. Eu pensei que fosse meu terceiro

braço ou algo assim.

— Quando você canalizou todo o resto do seu poder elemental para aquele obelisco — disse o Chefe cuidadosamente — Até a última gota, por assim dizer, bem, ele a matou.

— Eu imaginei isso. — Kara franziu a testa. — Então, eu estou morta.

O Chefe abriu uma lata de refrigerante e deu uma grande golada. Ele limpou a boca com as costas da mão:

— Não inteiramente. Sua parte elemental foi drenada - essa parte se foi para sempre.

— Eu não entendo. Como posso não estar inteiramente morta?

Os olhos do velho brilharam, e ele sorriu: — Você está viva novamente, minha querida. Você vai viver uma vida normal, como qualquer garota normal e mortal. Você terá sua vida de volta.

Kara balançou a cabeça, perplexa:

— Então, eu não sou elemental... mas eu ainda sou um anjo da guarda?

O Chefe ofereceu outro pedaço de bala:

— Não solicitaremos seus serviços por bastante tempo. Então, a resposta é não - por enquanto.

— Então, não haverá nenhum outro demônio tentando roubar minha alma, certo? Vão me deixam em paz agora, uma vez que eu serei normal... certo?

— É o que eu disse.

A princípio, Kara não sabia ao certo como se sentia. Ela havia sido um anjo da guarda com uma habilidade especial por mais de um ano. Ela era única, especial, e mesmo que fosse odiada pela maioria dos outros guardiões, ela sempre gostara secretamente de ser diferente. Era grande parte de quem ela era – era o que a tornava especial. E, agora, isso se fora. Mas Kara não estava triste. Ela estava feliz.

— Então, não conseguirei ver meus amigos outra vez? Quando eles forem guardiões e eu não, quero dizer. Não verei mais nada sobrenatural? Não verei mais através do véu?

— Sim e não. Ainda existem algumas vantagens de ser um anjo da guarda

aposentado - nós não podemos apagar sua essência completamente.

— E eu posso ter uma vida com David? — ela estava quase com medo de perguntar — Uma vida normal de adolescente? — era bom demais para ser verdade.

— Não cabe a mim decidir — disse o Chefe com um brilho em seus olhos e o menor dos sorrisos. — Quem sabe o que podem trazer as estrelas.

Mas mesmo neste momento incrível, ainda havia algo que a incomodava.

— Eu sei que pode parecer ingratidão ou egoísmo, mas posso pedir um favor?

O Chefe sorriu:

— Claro, querida Kara, qualquer coisa mesmo.

— É sobre a minha irmã, Lilith. Eu sei que ela fez coisas terríveis, mas ela mudou - ela tentou me salvar antes de morrer. Eu acredito que as pessoas podem mudar e merecem uma segunda chance. Ela está morta agora, morta pelo feiticeiro, e seu corpo está na neve. Parece... errado. Ela merece coisa melhor - até ela. — Kara tentou se recompor.

O Chefe sorriu calorosamente:

— Você nunca deixa de me surpreender, Kara. Mas não se preocupe com ela, o caso dela será analisado depois, prometo. — Ele enfiou um punhado de bala de gelatina na boca. — Está quase na hora.

Kara franziu a testa:

— Hein? Hora de quê?

— Eu vou lhe conceder dez minutos para dizer adeus a seus amigos, e, então, quando você acordar amanhã de manhã, as coisas estarão de volta ao normal, por assim dizer.

Você não vai se lembrar de nada disso.

Kara sentia que estava se esquecendo de algo: — Espere um minuto. E sobre todas as almas?

— As almas estão bem.

— Mas elas estão presas dentro do obelisco O Chefe levantou as mãos para

silenciá-la.

— E, agora, minha querida, você deve acordar.

Quando Kara abriu os olhos, ela estava lá fora, e David estava olhando para ela.

— Nunca estive tão feliz em ver esses grandes olhos castanhos —disse ele. — Bem-vinda de volta ao mundo dos vivos.

— e dos mortos — interrompeu Jenny. Seu cabelo roxo se refletia na luz atrás de David.

— Andarilhos espirituais — Jenny riu — Estou realmente começando a gostar de ouvir isso - talvez aquelas bruxas não fossem tão ruins afinal.

Kara sorriu:

— Talvez não. Talvez só fossem... diferentes.

Apesar de uma enorme dor de cabeça, Kara se sentia bem. Ela ficou de pé com a ajuda de David. Suas pernas vacilaram por um segundo – e, então, ela sentiu um vazio, como se algo estivesse faltando, como quando você sabe que esqueceu algo, mas consegue descobrir o quê. Algo estava diferente.

Kara virou suas palmas e examinou suas mãos. Ela não tinha certeza se encontraria algum resquício de seu poder. Suas mãos não pareciam ser diferentes de antes, mas ela sabia que seu poder havia acabado. Ela simplesmente sabia. Seu poder elemental havia sido gasto, como uma bateria descarregada. O que o Chefe havia dito era tudo verdade.

— Kara, o que foi? — perguntou David vendo a expressão mistificada de Kara. — Por que está olhando suas mãos?

Com a constatação da perda de seu poder, ela olhou para David e Jenny: — Se foi.

— O que se foi? — perguntou David e Jenny juntos.

— Meu poder - meu poder elemental. Eu usei tudo... e agora ele se foi. Eu nunca serei elemental novamente - eu sou normal. O Chefe disse.

— O Chefe? — perguntou David. — O grandão? O manda-chuva? O Sr. VIP em pessoa?

Sem essa!

Kara descreveu sua conversa com o Chefe.

David e Jenny olharam para ela, mas não sabiam o que dizer.

Jenny foi a primeira a falar:

— Tudo bem para você? Digo, isso era algo muito importante para você, não era? Ser elemental e tal? Sempre tive inveja de você, sabe – por ter um poder especial.

Kara riu:

— Eu não ficaria com inveja. É estranho, mas me sinto incrível, como se um peso enorme tivesse sido tirado dos meus ombros.

Ela se concentrou em David:

— Eu posso finalmente ser normal - e talvez ter uma vida normal. — Kara e David olharam um para o outro, e ela soube que ele adivinhava o que viria a seguir. Ele sorriu com seus olhos azuis dançando divertidamente.

Jenny fez beiço:

— Então, você não é mais uma guardiã? Que droga! Tem certeza?

— Sim, certeza.

— E você está feliz com isso? — perguntou Jenny um pouco mais irritada.

— Estou. Estou de verdade.

Antes que Kara pudesse explicar mais, a terra tremeu e milhares de esferas brilhantes levantaram-se de uma lacuna no chão. Era como uma cachoeira de cabeça para baixo. O

céu negro foi imediatamente iluminado por milhares de esferas brancas brilhantes. Kara sentiu-se como se tivesse acabado de pisar no espaço e estivesse encarando uma galáxia de recém-nascida. As almas pairaram um momento na frente de Kara - quase como se estivessem lhe agradecendo – e, então, elas subiram para o céu escuro, como estrelas, até desaparecerem no céu da noite. Kara sabia que as almas estavam a salvo.

— Aonde você acha que elas vão? — perguntou Jenny.

Kara respirou o ar fresco:

— Voltar a seus corpos. Elas vão renascer como crianças - a vida continuará.

Todas as emoções que ela havia guardado desde o início da missão foram liberadas com a restauração das almas para o céu. Lágrimas quentes caíram no rosto dela. Havia acabado. Finalmente.

Com o coração na garganta, Kara foi até o corpo de Lilith e se ajoelhou. A pele de sua irmã era branca como a neve. Ela tinha uma expressão serena no rosto. Ela não parecia morta - ela parecia a bela adormecida, de tão calma e pacífica. Cuidadosamente, Kara desamarrou a pulseira de couro de seu próprio pulso e amarrou-a suavemente em torno do pulso esquerdo de Lilith. Ao colocar as mãos da irmã no peito, ela notou que a pele dela estava gelada e começava a ficar cinza.

— Isso me trouxe sorte, agora é seu. Que lhe traga sorte aonde quer que vá. — Ela se inclinou e beijou a testa da irmã.

Kara inclinou-se para trás, e o corpo de Lilith começou a brilhar com partículas cintilantes, como se tivesse sido pintada com diamantes. Kara cobriu os olhos e viu quando a alma da irmã se levantou no ar e desapareceu no céu. Quando Kara olhou para baixo, o corpo de Lilith havia desaparecido.

— Alguém pode me ajudar?

Kara virou-se e viu que Gideon ainda estava muito vivo. Ela correu até ele e deu um abraço apertado no velho.

— Você está me sufocando, garota! Solte-me. Solte-me. — O rosto dele estava escuro e o cabelo ainda estava soltando fumaça. Ele parecia uma vela apagada.

Radiante, Kara o soltou:

— Eu pensei que você estivesse morto! Pensei que o feiticeiro tivesse matado você.

Depois de se limpar até embaixo, Gideon se levantou todo orgulhoso: — É preciso mais do que a magia de um feiticeiro para matar o velho Gideon. Eu sou um curandeiro. — Sorriu ele. Kara soube que havia mais coisas sobre Gideon que ele deixava transparecer.

David deu um tapinha nas costas de Gideon: — Nunca pensei que ficaria feliz em ver você e seus animais de estimação mortos outra vez, vovô. — Ele cutucou o olho de vidro da raposa morta e saltou para trás quando viu a cara feia de Gideon.

— Vejo que está tudo bem, então — o sorriso do Gideon retornou. — Eu disse que você poderia conseguiria. E conseguiu, Kara. Você realmente conseguiu.

Kara se sentiu corar:

— Bem, não teria conseguido isso sem você.

Jenny ficou ao lado dela quando Kara estendeu a mão: — Obrigado, Gideon, por nos ajudar. Trégua?

Ela esperou como se pensasse que Gideon pudesse lhe dar um soco.

A princípio, Gideon apenas olhou para ela. Então, a expressão dele se suavizou e ele apertou a mão dela.

— Jamais imaginei que apertaria as mãos de um mortal. Devo estar enlouquecendo na minha velhice.

Ele olhou para Jenny e David:

— Mas eu estou feliz em saber que Kara tem bons amigos cuidando dela, mesmo que sejam andarilhos espirituais.

David e Jenny riram. Kara se espantou com a atitude do curandeiro para com seus amigos espirituais.

Uma luz amarela refletida na neve chamou a atenção de Kara. Ela se ajoelhou e puxou o pingente de Olga. Parecia novo, exatamente como na primeira vez em que o havia visto. Ela segurou-o na palma da mão e agradeceu-lhe silenciosamente.

— Olha quem decidiu se juntar à festa — anunciou David.

Ashley e sua equipe entraram no campo de visão deles. A expressão de Ashley azedou quando ela viu Kara. Ela cruzou os braços: — O que está acontecendo aqui? Isso era para ser uma missão, não um passeio no parque. Onde está o feiticeiro? Vocês deixaram ele escapar? — Ela riu provocativamente, e sua equipe seguiu seu exemplo.

— Não, ele está morto — disse Kara alegremente. — Eu o matei - e aos outros. Os feiticeiros estão todos mortos. Eles não incomodarão mais a Legião.

A expressão da Ashley se desfez.

Kara encarou Ashley:

— Acho que não precisamos do seu suporte, afinal. A missão foi um sucesso - sem você.

Kara parou por um segundo e então continuou: — Você tentou me fazer sentir mal por ser diferente. Você queria que eu falhasse e me sentisse como uma aberração, para que pudesse rir de mim, não é? Você queria fazer com que a Legião ficasse contra mim. — Kara zombou. — Então, quem está rindo agora?

— Eu estou — riu David. Ele apontou para Ashley e sua equipe e começou a rir como um lunático.

Ashley baixou os olhos:

— Quem é este? — Ela apontou para Gideon, que saltou de surpresa. — Usar mortais para servi-la é um crime capital. Eu terei que denunciá-la. — O sorriso frio de Ashley retornou. — Ariel ficará muito zangada com você - você não terá a simpatia dele por muito tempo.

Kara riu suavemente:

— Este é Gideon, um curandeiro - e meu amigo. E você pode escrever um relatório enorme sobre o que quiser. Por que não aproveita e diz também à Ariel que não precisamos de você afinal - que ela havia tomado a decisão certa ao enviar a mim e meus amigos para esta missão - e não você.

Ashley deu meia volta e saiu do parque sem mais uma palavra; seus asseclas a seguiram como ovelhas.

Kara balançou a cabeça e riu:

— Ouçam, pessoal. Só tenho mais alguns minutos antes de...

— Desaparecer novamente — disse David. — Achei que isso pudesse acontecer de novo.

— Bem, quero muito uma vida normal para variar — disse Kara. Ela levantou o pingente da bruxa. — Gideon, tome isto. Eu não posso levá-lo comigo. Tenho certeza de que Olga gostaria de tê-lo de volta.

Os olhos do curandeiro se iluminaram, e ele pegou o pingente cuidadosamente com suas mãos grandes.

Ele ficou radiante:

— Eu ia adorar ver aquela velha mais uma vez, mas acho que vamos nos ver

em breve em outra vida. — ele pendurou o pingente no pescoço.

— Adeus, Gideon. E obrigada.

— Foi um prazer — disse o curandeiro, curvando-se.

Kara virou-se e abraçou Jenny:

— Vou ver você novamente - tenho certeza disso. Isso não é bem um adeus, você sabe.

Jenny se afastou:

— Eu sei. Você merece uma vida normal, Kara - pelo menos por um tempo — ela piscou o olho.

— Temos de ir embora em breve também. — disse David. — Já estivemos em nossos trejes-M por muito tempo.

— Ele tem razão. E estou doida para saber como o Peter está. — disse Jenny.

Kara sentiu uma vibração gelado a percorrer como um arrepio. Ela olhou para si mesma. O corpo dela estava se tornando transparente, como um fantasma.

— Está acontecendo. — Ela tremeu de emoção e felicidade. Ela mal podia esperar para ver a mãe bem e segura e começar sua nova vida com David.

— Diga oi ao Peter por mim e diga que eu vou sentir falta dele.

— Diremos — disse Jenny; apesar de seu sorriso, seus olhos estavam tristes.

David segurou a mão de Kara:

— Vou ver você em breve, minha bruxinha. Você pode conjurar um feitiço em mim a qualquer momento.

Enquanto olhava seus amigos uma última vez, ela sentiu os dedos de David escorregarem entre os seus. Então, ela desapareceu.

# *Capítulo 22*

## *Círculo Completo*

**A**s pessoas nas ruas estavam começando a irritar Kara. Ela quase bateu de frente com um homem de rosto de cavalo. Ela girava e se desviava dos outros enquanto corria ao longo da rua. Suor escorria por sua testa. Enquanto se caminha, saltava na calçada e se desviava da multidão que se aproximava, ela equilibrado seu portfólio na mão e pensava na sua grande apresentação.

Ela mal havia dormido nos últimos dias. Ela estava muito ansiosa. Ela até havia pulado o café da manhã – pois tinha medo de passar mal de nervoso e a comida voltar.

Hoje era sua entrevista na Ubisoft, a gigantesca empresa de design de videogame.

Seu futuro estava em suas mãos, e ela se sentia como uma total lunática. Ela praticou seu discurso durante semanas e montou cuidadosamente seu portfólio com o melhor de seus modelos 3d. Mas, agora, seu cérebro estava entorpecido, como se alguém tivesse pressionado o botão de excluir e apagasse a mente dela.

Ela colocou o celular no ouvido:

— Ok – acabei de chegar na Rua Saint Joseph; estarei lá em cerca de dois minutos.

— Bem, é melhor se apressar — disse a voz do outro lado. — Eu já vejo uma fila se formando lá dentro, e acho que já começaram algumas entrevistas. Rápido, senão você chegará atrasada.

— Eu não estou atrasada! Ainda tenho dez minutos antes da minha entrevista. Estou quase lá.

Uma risada veio do telefone:

— Estou só dizendo que este deve ser o dia mais importante da sua vida - e você está atrasada. Você ficou falando sobre isso semanas a fio...

Kara corria pela rua tumultuada:

— Licença! Estou passando – passando – uma superimportante apresentação

passando.

Com a respiração ofegante, ela se espremia pela multidão. Ela quase tropeçou em algo e praguejou; ela não podia se dar ao luxo de cair agora. O coração dela estava na garganta e seus pulmões estava tendo um trabalho pesado. Se chegasse atrasada, ela nunca se perdoaria. Para variar, ela vai chegar lá com o rosto vermelho e suando como um porco - uma ótima primeira impressão.

— Tudo bem, estou vendo você agora — disse Kara.

David estava encostado na parede externa da Ubisoft. Ele usava sua jaqueta de couro marrom favorita com o colarinho enrolado, e seu cabelo louro brilhava como ouro sob a luz do sol. Ele parecia uma mistura entre um jovem James Bond e Han Solo de Star Wars.

Seus olhos se encontraram, e o coração dela deu um salto. Mesmo depois de namorarem pelos últimos meses, ele ainda causava esse efeito sobre ela. Toda vez que ela o via, suas pernas ficavam bambas. Ela sentiu como se eles estivessem juntos há anos -

parecia natural estar com ele.

— Acho podíamos sair para comer depois da entrevista — disse David pelo telefone.

As bochechas dela queimavam:

— Vamos ver como a apresentação vai primeiro. Eu posso querer saltar no rio Saint Laurence, se der errado. Meu Deus, espero que tudo corra bem.

— Pare de se preocupar. Você não vai se sair mal - você vai conseguir a bolsa de estudos, tenho certeza. Se eu consegui uma bolsa de estudos para engenharia mecânica, não há chance de você não ser contratado. Além disso, sinto que hoje vai ser um bom dia.

— Espero que você esteja certo.

Kara respirou fundo e correu para o Boulevard Saint Laurence. Enquanto corria, seu celular escorregou de sua mão e bateu no chão com um estrondo.

— Ai, eu sou tão desastrada! — Ela se agachou para pegar o telefone.

Uma centelha de movimento apareceu no canto de seu olho.

— CUIDADO! — Alguém gritou. Ela se levantou e virou.

Um ônibus foi arremessado em direção a ela.

Kara observou com horror o ônibus vindo diretamente para ela.

Ela fechou os olhos e se preparou para o impacto.

Mas o impacto não veio.

Alguém agarrou seu braço esquerdo e a tirou do chão. Ela flutuou no ar momentaneamente enquanto alguém a puxava para longe do ônibus. O portfólio voou de sua mão, caindo a pouca distância. O ônibus derrapou até parar bem onde ela estava momentos antes.

Uma mão ainda estava segurava seu braço firmemente, e Kara virou-se para ter um vislumbre do seu salvador.

— Cuidado — disse uma garota sorridente com cabelo roxo curto e os olhos verdes mais deslumbrantes que Kara já havia visto. Ela parecia uma mistura de fada com soldado, com botas de combate e um casaco roxo que combinavam.

Um tímido rapaz adolescente de óculos, que se vestia no mesmo estilo militar, ajudou Kara a firmar-se

— Pronto, você não quer se atrasar para o seu grande dia — ele disse.

A pulsação de Kara acelerou:

— Hein? Como você sabe...? — Ela olhou para os dois, levando um tempo para se recompor. Ambos pareciam estranhamente familiares. — Obrigada - você salvou minha vida.

— Sem problemas - faz parte do trabalho — disse a garota alegremente. Ela compartilhou um olhar com seu amigo.

Kara não conseguia tirar os olhos dos dois estranhos. Era a coisa mais estranha do mundo, mas ela achava que já os conhecia. Até mesmo suas vozes soavam familiares para os ouvidos dela.

— Vocês parecem familiares - já nos encontramos antes? Fomos da mesma sala ou algo assim?

— Ou algo assim — disse a garota. Seus olhos verdes brilhavam divertidamente no sol.

— Então, já nos conhecemos?

— Em outra vida, talvez — respondeu o rapaz. — Mas ainda não nesta vida.

— Hã... estou completamente perdida. O que isso significa? — Kara examinou os dois.

Aqueles olhos sorridentes os entregavam, dizendo que eles estavam escondendo algo.

— KARA!

David abraçou Kara. Ele a apertou forte e, então, a soltou: — Está tudo bem? Você quase foi atropelada pelo ônibus! No que você estava pensando - atravessando sem olhar?

Kara se sentia uma idiota por ser tão desastrada: — Eu sei. Eu sei. Eu estava absorvida demais pela minha apresentação. Eu devia ter sido mais cuidadosa. Mas estou bem - graças a eles.

Ela virou-se para apresentar David aos dois socorristas.

— Este é o David, meu... — Kara vacilou. Eles nunca haviam falado sobre isso realmente. Ela sentiu os olhos dele sobre ela, mas não conseguiu olhar para ele.

—... namorado — terminou David. Ele se adiantou e apertou as mãos dos dois. — Eu sou o namorado dela.

O coração de Kara disparou, e ela se esqueceu de respirar. Ela deve ter parecido espantada, porque a garota com o cabelo roxo deu uma risadinha. Kara não conseguiu evitar e riu também.

— Se cuida — disse a garota. — Até que nos encontremos novamente. Boa sorte.

E antes que Kara pudesse responder, eles se viraram e foram embora. Ela ficou olhando até que eles desaparecessem no meio da multidão. Ela se sentiu triste vendo-os partir - havia algo naqueles dois que ela não conseguia descobrir.

— Você deixou cair isto. — David pegou o portfólio dela, que milagrosamente não havia sido danificada. — Alguém definitivamente está cuidando de você. Você podia ter sido morta hoje, sua tola.

Estranhamente, Kara se sentia do mesmo jeito. Ela não conseguia descrever, mas sentia que algo ou alguém estava cuidando dela. Essas duas pessoas estavam envolvidas de alguma forma?

Mas hoje vai ser um bom dia; ela podia sentir em seu coração. David havia acabado de anunciar ao mundo que eles estavam juntos, e ela tomou coragem com isso. Ela estava pronta para enfrentar qualquer coisa.

David estendeu a mão:

— Pronta, linda? — Seus olhos brilhavam como o mar.

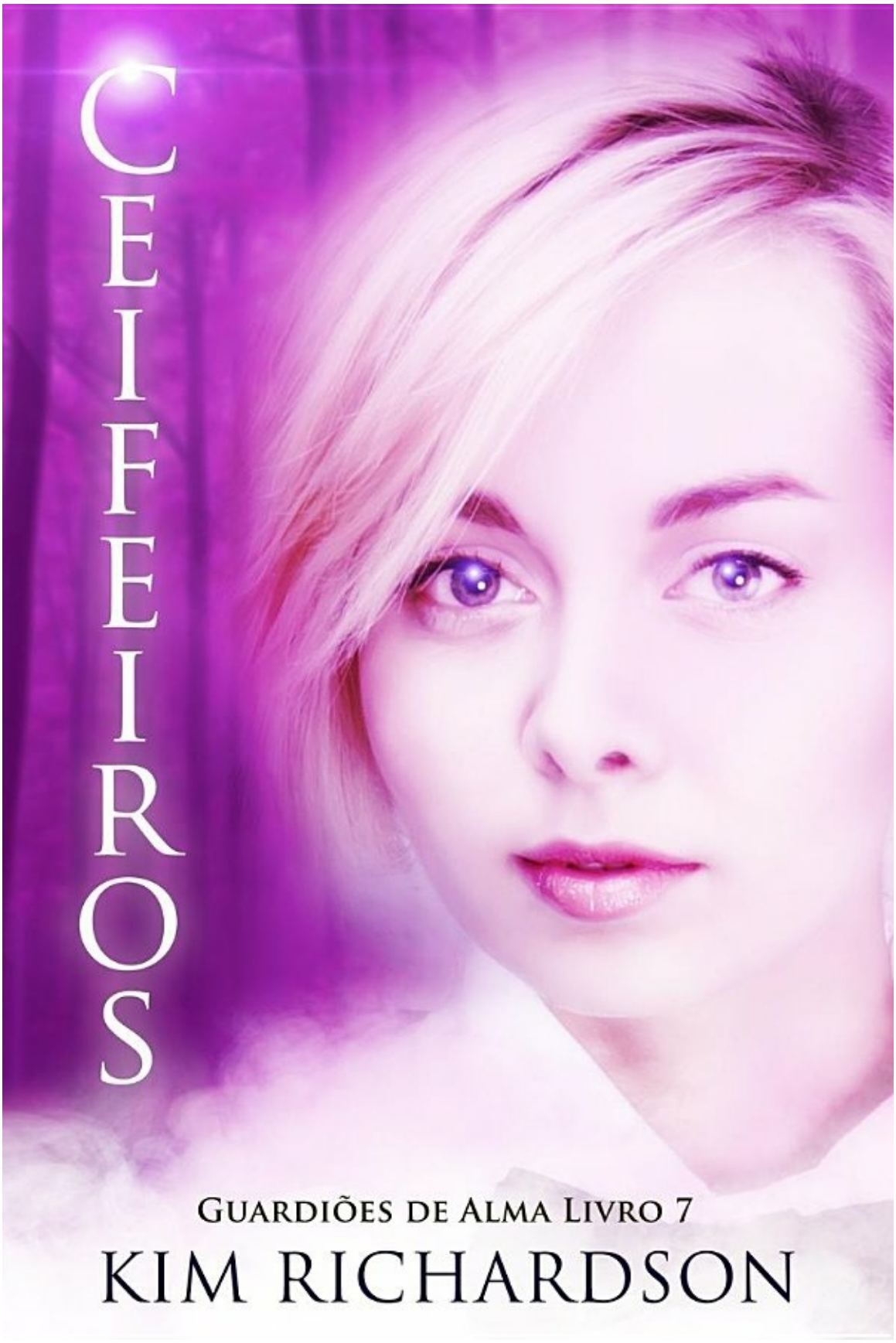
Kara sorriu calorosamente e entrelaçou seus dedos nos dele.

Ela apertou a mão dele:

— Pronta.

Kara respirou fundo. Eles cruzaram a rua juntos e desapareceram pela porta de frente da Ubisoft.

# E, agora, uma espiadinha no próximo livro da série Guardiões de Alma


CEIFEIROS
GUARDIÕES DE ALMA LIVRO 7
KIM RICHARDSON

# *Capítulo 1*

## *A Decepção*

**O** céu do lado de fora da livraria era vermelho-sangue. O ar quente estava cheio de eletricidade, tipo quando bem antes de uma tempestade, mas, mesmo assim, o céu não tinha nuvens.

Kara afastou-se da janela e empurrou o pé. A escada rolante da livraria correu por todo o piso de madeira, que rangia e estalava com o peso, como o estrondo de um trovão. Usar a escada era sua tarefa favorita na livraria. Ela amava a forma como se sentia, era como se estivesse quase voando. Se ela ao menos tivesse asas. Ela poderia voar até a estante mais alta sem nenhuma escada e fazer o seu trabalho mais rápido.

Quanto mais cedo ela terminasse, mais cedo poderia ficar com David.

Ela sentia falta ele. Ela sentia falta de sua voz, seu senso humor e mesmo a arrogância dele. Sim, ele era insuportável às vezes, mas ela nunca conseguia ficar zangada com ele por muito tempo. Ele sempre a fazia rir no final, não importa o quanto ela quisesse dar um soco na cara dele. Era nesses momentos em sua companhia que ela se sentia mais viva. Quando eles estavam juntos, ela podia ser ela mesma. Ela se sentia bem. Eles combinavam.

A escada derrapou suavemente até parar contra uma estante grande do outro lado da loja.

— Eu nunca vou entender por que ele coloca os livros de cinematografia tão altos — disse ela, exasperada.

Com a biografia de Alfred Hitchcock entre os dentes, ela subiu até o topo. Ela inclinou-se para a lateral da escada, suspendendo-se perigosamente em um pé e se esticando tanto quanto podia para espremer o livro entre as obras Alfred Hitchcock e os Bastidores de Psicose e Os Arquivos de Stanley Kubrick.

— Um dia desses você vai cair e quebrar seu pescoço — advertiu o Sr. Patterson enquanto polia uma bola de cristal do tamanho de uma laranja.

Em vez de sua habitual camiseta colorida havaiana com bermuda, ele usava um terno xadrez marrom com uma gravata vermelha que parecia ter estado no

fundo do seu armário desde a década de 70. Kara podia sentir o cheiro de naftalina do topo da escada.

Ela enrugou o nariz e se esforçou para manter uma cara séria. O cabelo branco estava desajeitadamente penteado, como se ele tivesse se arrumado no escuro. As únicas coisas que não estavam tão fora de lugar eram seus pés descalços. Eles apareciam debaixo das calças como de costume. Seu chefe nunca usava sapatos.

Kara mordeu o lábio e se esforçou para não rir. Obviamente, ele havia feito um esforço para tornar-se um pouco apresentável. Mas por quê?

Talvez o Sr. Patterson tivesse um encontro? Poderia haver uma potencial Sra.

Patterson entre deles? Mas isso não faz sentido nenhum. Durante todos os meses em que o ajudara na livraria, ele nunca mencionara nenhuma amiga. Mas, também, ele nunca mencionou nenhum amigo. Ela sempre pensara nele como um solitário, preso em seus velhos hábitos, como muitas pessoas mais velhas. Ele apenas mantinha a sua loja.

— Não se preocupe — disse Kara depois de um momento — Ninguém vai morrer hoje.

— Você diz como se soubesse com certeza, mas você não sabe.

O Sr. Patterson cuspiu em sua bola de cristal e esfregou-a suavemente, olhando para ela como fosse um grande diamante precioso.

— Os mortais não podem prever o futuro. Eles não têm a habilidade adquirida e o presente que é a clarividência. Só os oráculos...

Ele se conteve e olhou para Kara através de suas sobrancelhas espessas e brancas.

Ele a observava como se tivesse dito muita coisa, como se tivesse revelado um grande segredo.

Kara o observava com interesse crescente. Não era a primeira vez que ela ouvira o Sr.

Patterson referir-se a si mesmo como um oráculo, o que quer que isso fosse. Ela havia se acostumado com a forma como ele às vezes falava na terceira pessoa. Era quase como se ele tivesse uma identidade secreta e vivesse duas vidas diferentes, como um espião.

Era uma ideia ridícula, claro. Ele era velho e um pouco confuso. Provavelmente, sua crise de identidade era resultado de passar dias e noites lendo livros sobre videntes e o além. Ele estava obcecado com algo sobrenatural. Talvez ele próprio se considerasse um conhecedor do paranormal, um caçador de fantasmas dos dias modernos.

Kara sorriu. Ela se importava profundamente com o homem. Ele era como o avô que ela nunca conhecera e parecia um membro da família para ela.

Mas havia algo diferente na forma como ele acabara de olhar para ela; era como se ele tivesse ido longe demais dessa vez e tivesse falado demais e desejasse voltar atrás.

O Sr. Patterson franziu a testa e evitou os olhos dela. Ele murmurou algo irritadamente para si mesmo enquanto lustrava a bola de cristal tão vigorosamente que parecia estar tentando acender uma fogueira.

— Mantenha-a segura — Kara ouviu o velho dizer. — Isso é tudo o que tenho de fazer.

Bem, é mais fácil falar do que fazer. Muito obrigado. Se ao menos soubessem...

Kara riu desconfortavelmente:

— Não se preocupe, nada vai acontecer comigo. Eu sei o que estou fazendo. É apenas uma escada, não houve nenhum mal.

— Vocês, crianças de hoje... — disse o Sr. Patterson. Kara podia ver o suor na testa dele. — Sempre vivendo no limite, sempre procurando novas maneiras de se machucar.

Diga-me, por que isso? Porque estão todos com tanta pressa de se matar?

— Não sei — respondeu Kara enquanto descia a escada e caía com um baque. — Acho que sentimos que nossas vidas são chatas. Talvez procuramos alguma aventura para animar as coisas um pouco. Você não era assim quando jovem? Não se lembra de como era?

— Você acha que a sua vida é chata? — O Sr. Patterson olhava através de sua bola de cristal.

Kara deu de ombros:

— Não sei... talvez.

Ela olhou nos olhos azuis do Sr. Patterson.

— Nunca teve a sensação de que algo estava faltando na sua vida? Uma sensação estranha de vazio, de que deveria estar fazendo algo, mas não sabe o que é? Às vezes, bem, na verdade, o tempo todo, tenho essa sensação estranha de que eu estava destinada a algo maior - como se eu tivesse um propósito na vida, mas acontece que eu não entendo o que é. Ainda não, eu acho. Você sabe o que eu quero dizer?

O Sr. Patterson parou de polir sua bola de cristal e observou Kara com a boca ligeiramente aberta. Ele parecia preocupado, como se ela tivesse descoberto um segredo obscuro. Ele franziu a testa e observou-a sem pestanejar. Kara podia ver o medo se refletindo nos olhos dele, como se ele soubesse que algo ruim aconteceria com ela.

Kara se mexeu desconfortavelmente sob o olhar dele.

— Hã... então... para o quê você está todo vestido desse jeito? — Ela desviou o olhar, na esperança de mudar de assunto rapidamente, antes que o Sr. Patterson fizesse um buraco em sua testa com seus olhos de raios laser.

— Você tem um encontro ou algo assim?

O Sr. Patterson olhou Kara por um tempo antes de responder: — É claro que não. Não seja ridícula. — Ele caminhou até o balcão e colocou sua bola de cristal com cuidado dentro de uma caixa de vidro. — É o Festival Anual de Palavra Falada da cafeteria O Sofá. Convidaram-me para ler minha poesia.

— Você escreve poesia? — Kara sorriu, feliz por não continuar a ser o centro das atenções. — Eu nunca soube disso. Isso é incrível. Algo me diz que você é um escritor fantástico. Você pode ler alguns poemas para mim?

— Não.

— Por que não?

— Porque.

— Porque por que?

— Porque eu disse que não, e não tente mudar de assunto.

O Sr. Patterson olhou Kara com tanta intensidade que a forçou desviar o olhar.

— O que quis dizer falando que sente que você tem algum tipo de propósito maior na vida? — Ele pressionou. — Que sensação é essa? Você pode me dizer mais sobre isso?

Pode descrever?

Kara deu de ombros. Ela não sabia por que seu chefe estava tão interessado nisso.

Todos não sentem que suas vidas estão vazias em algum momento? Ela tinha certeza de que havia lido isso em algum lugar.

— Não sei como descrever. É apenas uma sensação que às vezes tenho. É como eu disse.

— Faça-me rir.

Kara respirou fundo, um pouco irritada com as perguntas estranhas e o comportamento peculiar do Sr. Patterson. Ela mordeu os lábios e pensou melhor em como explicar seus sentimentos para que ele ficasse satisfeito, de uma vez por todas.

— É como — começou Kara — Parece... com aquela sensação de quando você esqueceu alguma coisa, ou o nome de alguém, e simplesmente não consegue lembrar o que é. É um tanto assim. Como se eu devesse estar fazendo algo e não conseguisse lembrar o quê - mas eu sei que é algo importante. E está sempre ali comigo, no fundo da minha mente, e eu simplesmente não entendo o que é.

Kara olhou diretamente para o Sr. Patterson.

— Parece que estou prestes a ter um vislumbre do meu destino, mas, depois, some.

Para dizer a verdade, está realmente me aborrecendo. Eu só gostaria de que saber o que devo saber ou lembrar.

O Sr. Patterson parecia perturbado.

— O quê? Por que está me olhando assim? O que eu disse?

O Sr. Patterson pressionou os dedos no balcão: — E você têm essas sensações com frequência, você diz?

Ele a questionava como se ela estivesse em uma sala de interrogatório na

delegacia, antes de ser maltratada. Ela desejava nunca ter mencionado essa estúpida sensação que sentia, fosse o que fosse.

Kara esfregou as impressões digitais dela no vidro no balcão com a manga do casaco cinza. Ela não olhou para seu chefe:

— Por que está me interrogando como uma criminosa? Eu fiz algo errado? Se não, então gostaria que você parasse. É como se eu estivesse falhando em algum tipo de teste.

O Sr. Patterson inclinou-se para a frente. Sua voz estava tensa: — Você não fez nada de errado. Mas isso é extremamente importante.

Kara hesitou:

— Por quê?

— Porque essas sensações podem significar que você...

BUM!

O pescoço de Kara se arrepiou e ela virou-se em direção ao som. Quando percebeu que ela estava segurando a respiração, ela soltou o ar.

— Veio da janela — respirou Kara tremendo. Ela franziu a testa.

— Acho que aqueles delinquentes estão de volta. Eu vou matá-los por me assustarem assim.

Antes que ela pudesse contê-lo, o Sr. Patterson puxou o taco de beisebol que mantinha escondido atrás do balcão.

— Eles vão se ver comigo agora! — Sua voz ressoou com raiva e, por um momento, Kara ficou temporariamente contente por ele haver se esquecido das sensações estranhas dela. Aquele interrogatório havia sido constrangedor o suficiente para um mês inteiro.

O Sr. Patterson caminhou atrás do balcão, balançando o taco acima de sua cabeça, mas Kara agarrou o cotovelo dele.

— Deixe-me checar primeiro —disse ela.

Ela abaixou o taco com a mão.

— Acho que matar crianças a paulada com um taco de beisebol é um crime capital.

Não queremos matar ninguém ainda — ela riu. — Você tem um recital de poesia esta noite, lembra? Vamos pensar nisso, vamos? Este é apenas um caso clássico de crianças entediadas.

Ela apontou o dedo para ele:

— Espere aqui.

Kara atravessou a livraria, preparando-se para repreender os meninos de dez anos que estavam vandalizando as lojas ao longo da rua desde o início do verão.

— Nós chamamos a polícia! — Ela gritou ao passar pela porta da frente. O rosto dela estava vermelho com o súbito fluxo de sangue.

— A polícia está a caminho.

Mas não havia ninguém lá.

As pessoas do outro lado da rua pararam e olharam para ela como se ela fosse louca.

Ela corou e desviou o olhar.

Ela caminhou pela frente da loja inspecionando o lugar em busca de algum vidro quebrado ou sinais de vandalismo. Mas não havia nada. Nenhuma criança. Nenhum vidro quebrado. Nada.

— Isso foi estranho — Kara tirou o cabelo dos olhos.

E bem quando ela começou a se afastar, algo pequeno e preto chamou a atenção dela. Ela se virou e olhou para trás.

Embaixo da vitrine, havia um grande morcego. Seu pescoço estava torto e suas asas pretas estavam moles. Não havia nenhum movimento.

Kara correu até o morcego e delicadamente o pegou com as duas mãos. Com lágrimas nos olhos, ela pressionou delicadamente a barriga dele, mas não houve nenhum movimento. O morcego estava mole nas mãos dela.

— Isso é ruim — a voz do Sr. Patterson veio de trás dela.

Kara virou-se.

— Eu sei que é ruim. O coitado está morto. Acho que o pescoço está quebrado. Mas eu não entendo por que um morcego voaria agora no meio do dia. Não acha estranho?

Ela fez uma pausa.

— Está bem, qual é o problema agora?

O Sr. Patterson estava olhando o morcego como se fosse uma bomba prestes a explodir.

— É um mau presságio ver um morcego em plena luz do dia, ou pior, ver um atingir uma janela e morrer. Os morcegos diurnos são antinaturais. É um sinal de que o equilíbrio das coisas mudou. Algo antinatural está perto - algo que não é deste mundo chegou.

— Eu estou tão confusa agora.

— Os morcegos, assim como os pássaros, são mensageiros. Algo terrível está chegando - algo sombrio e maligno, e que não é deste mundo.

Kara já estava cheia do comportamento estranho do Sr. Patterson: — Acho que você passa muito tempo preso nessa livraria. Eu não entendo por que as pessoas têm tanto medo de morcegos. Quero dizer, eles são tão bonitos e inteligentes.

Pensa no quão espertos eles são para usar a ecolocalização a fim de encontrar suas refeições no escuro.

Kara sentiu pena da criatura enquanto a acariciava com o dedo.

— Acho que uma noite de folga lendo poesia pode lhe fazer bem.

Ela olhou para o morcego. Seus olhos negros estavam semiabertos: — Vou levá-lo ao parque e encontrar um lugar onde eu possa deixá-lo descansar em paz. Não me parece certo jogá-lo no lixo. Ele deve ficar na natureza.

Mas assim que Kara virou, o Sr. Patterson a puxou de volta.

— Não. Deixe o morcego. Estou avisando - isso é ruim.

Ele olhou para o céu como se esperasse que algo das trevas viesse das nuvens e os matasse.

— Tuuuudo beeem — disse Kara, enquanto se soltava das mãos do velho. — É apenas um morcego morto, não o vírus do Ebola.

Ela se perguntava se o Sr. Patterson estava mostrando os primeiros sinais de demência. Seus olhos azuis brilhavam mais do que o habitual. Isso era um sinal? Ela queria enterrar o morcego corretamente, o velho se opondo ou não.

Antes que o Sr. Patterson a segurasse novamente, Kara atravessou a rua.

— Eu já volto, me dê cinco minutinhos! — Ela gritou de volta e se dirigiu para o parque que ficasse no fim do quarteirão.

Os gritos do Sr. Patterson ecoaram em seus ouvidos, mas ela o ignorou e correu mais ainda. Ela precisava de espaço, e o parque daria isso a ela. Ela iria encontrar um bom lugar para colocar o morcego. Era o mínimo que ela podia fazer. Ele havia morrido por causa da vitrine.

Quando se virou, ela viu de relance o velho correndo atrás dela. Ele falava algo com os olhos arregalados, mas ela estava muito longe para ouvir o que ele dizia. Ela correu mais rápido e tentou não olhar para o morcego. Quanto mais ela olhava para ele, pior se sentia.

Ela entrou no parque e parou de correr. Ela procurou um espaço no chão e encontrou uma grande macieira. Suas folhas de cor Borgonha balançavam ao vento, quase como se a convocasse.

— Perfeito!

Kara caminhou pelo exuberante gramado verde e se ajoelhou ao pé da grande árvore.

Cuidadosamente, ela aninhou o morcego entre duas grandes raízes retorcidas que saíam da terra. Parecia um berço feito para a pequena criatura peluda.

— Pronto.

Ela inclinou-se contra a árvore, satisfeita por ter feito a coisa certa.

Kara sentou-se perto da árvore. Ela olhou para o morcego e, depois, para o espaço por um longo tempo. Os mosquitos começaram a picar, e o céu ficou escuro. Ela sabia que havia ficado tempo demais.

O Sr. Patterson provavelmente estaria furioso com ela. Ela esperava que ele aparecesse no parque, com o rosto vermelho e suado, mas isso nunca aconteceu.

Estranho. Ele parecia tão certo de que algo ruim estava para acontecer. Ele parecia acreditar que, o que quer que fosse, iria acontecer com ela. Então, por que não estava ali?

Ela se sentia culpada. Ele era idoso. Ele não conseguia acompanhar suas pernas de dezessete anos de idade. E se ele tivesse caído e se machucado seriamente? Ela nunca se perdoaria. Ela tinha de voltar e vê-lo.

Com um olhar de despedida final ao morcego, Kara se levantou. Ao se virar, quase esbarrou em alguém.

Ela saltou de surpresa.

— David? — disse ela.

Ela apertou a mão ao peito:

— Você me matou de susto. O que está fazendo aqui? Não ouvi você chegar. Como sabia onde eu estava?

David a olhava, mas não dizia nada. Ele estava suando horrores, como se tivesse acabado de correr numa maratona. Sua pele estava pálida, como se ele estivesse doente, e seu lábio inferior tremia. Parecia que estava com febre.

— Qual é o problema? — disse Kara, respirando com dificuldade. — Você não parece bem. Está se sentindo bem? David?

Havia algo diferente no azul dos olhos dele, e seu rosto estava sombrio, mas quando ela se concentrou nele novamente, tais impressões sumiram.

David limpou a testa suada com a mão trêmula, e Kara notou uma série de cortes profundos nos pulsos dele.

— Você precisa vir comigo agora.

Era a voz de David, mas, de alguma forma, também era diferente, quase como uma gravação de sua voz.

Kara se mexeu inquieta:

— Ir com você aonde? David, você não parece bem. Talvez devamos ir a uma clínica ou ao médico.

Ele olhou por cima do ombro e observou o parque antes de ele falar novamente: — Você precisa vir comigo — ele repetiu e, em seguida, acrescentou suavemente. — Por favor, por favor, venha comigo. Agora.

— Isso não faz nenhum sentido — disse ela suavemente. — Além disso, não posso ir agora. Sinto muito. Eu preciso ver o Sr. Patterson. Na verdade, eu preciso me desculpar com ele, se quiser manter o meu emprego.

— O Sr. Patterson? — zombou David. Sua voz estava revestida de maliciosidade, e ele a observava intensamente.

Kara sentiu um pânico começando a crescer em seu peito.

David se afastou dela e chutou o chão.

— Essas criaturas pensam que são tão espertas. Oráculos! — Ele falou com desprezo.

— Os grandes videntes. Os leitores das bolas de cristal. — E, então, acrescentou em voz baixa. — Os oráculos são intrometidos.

— Você disse oráculo?

Kara não se lembrava do Sr. Patterson falando sobre os oráculos quando David estava por perto. Na verdade, ela estava certa disso - tão certa como o Sr. Patterson estava sobre o morcego ser um mau presságio.

Kara se aproximou e colocou a mão suavemente no ombro de David: — David, qual é o problema? Você não parece igual.

David olhou para ela. Ele levantou sua voz e seu rosto se retorceu em uma careta feia:

— Você esqueceu os nossos planos? Nós tínhamos feito planos para hoje à noite. Vem, vamos agora.

Kara sentia como se tivesse levado um soco no estômago. Ela olhou para David.

— Eu... não lembro, mas tenho certeza de que fizemos, sim. Por que não voltamos juntos? Eu só preciso passar na livraria primeiro.

— Não! — David tirou a mão dela do ombro e riu nervosamente.

Ele limpou seu rosto com sua camiseta preta e forçou um sorriso.

— Quer dizer, ainda não. Podemos ir mais tarde. Mas, primeiro, eu quero que venha comigo para o bosque — disse ele. — Venha, vamos para o bosque.

— David, está escuro. E o bosque está ainda mais escuro. Por que quer entrar lá?

— Não confia em mim?

Kara sentiu as lágrimas começando a querer cair, mas se esforçou para contê-las. Ela engoliu em seco, e, ao falar, sua voz saiu recortada.

— Claro que eu confio em você.

— Então, faça o que eu digo. — Ele se virou para encará-la. Seus olhos estavam vermelhos e enlouquecido. Ele se inclinou em direção a Kara e gritou. — Vamos lá.

Agora!

Kara deu um passo para trás. David parecia mal. Ela quase não o reconhecia.

David percebeu o medo no rosto dela Kara e baixou a voz.

— Desculpe — disse ele, sorrindo artificialmente, como se lhe custasse fazer isso. — Eu vejo que assustei você. Não é isso que eu queria.

Kara encolheu-se diante da loucura nos olhos de David.

— O que há com você? Você parece tão diferente... você parece outra pessoa.

David sorriu cruelmente, parecendo outra pessoa novamente.

— Está bem. Então, eu vou sozinho. Não espere que eu esteja ao seu lado novamente. Não se pode ter um relacionamento sem confiança. Acabou. Eu dei uma chance, mas você me decepcionou, Kara. Está tudo acabado.

Ele se virou contra e saiu.

Kara olhou para ele, e as lágrimas escorreram pelo seu rosto.

David havia acabado de terminar com ela... Mas por quê? Porque ela não queria entrar no bosque assustador - não fazia sentido. Ela nunca havia visto ele se comportar assim.

Acabou - ele disse.

Parecia que David havia desaparecido. Ela não sabia quem era essa pessoa cruel. O

que havia acontecido com ele?

Kara ficou paralisada no lugar, na esperança que ele mudasse de ideia e voltasse. Mas ele não voltou.

Ela viu David se afastar entre uma fila de pinheiros e cicuta, e, então, ela começou a ir em direção ao bosque sozinha. Ela lhe diria tudo o que estava em sua mente. O que quer que estivesse errado, eles teriam de falar sobre o assunto.

Mas o sangue de Kara gelou e a respiração ficou presa em sua garganta quando ela viu uma sombra aparecer onde David estivera apenas alguns

segundos antes.

A sombra era um pouco mais alta que David. Ele moveu-se graciosamente entre as árvores, até desaparecer atrás dele, entre uma parede de arbustos. Era um truque de ótica? O bosque estava brincando com sua mente? Não era apenas um caso de uma imaginação hiperativa. Ela não podia explicar o quê ou como, mas simplesmente sabia que era maligno.

É um mau presságio ver um morcego em plena luz do dia. Ecoou a voz do Sr.

Patterson na cabeça dela ...É um sinal de que o equilíbrio das coisas mudou. Algo antinatural está perto - algo que não é deste mundo chegou.

Kara estava assustada. O Sr. Patterson estava certa - ela não estava imaginando demônios novamente. Isto era muito mal, e ia matar o David.

# *Sobre a Autora*

Kim Richardson é autora das séries GUARDIÕES DE ALMA e MÍSTICAS. Ela nasceu em uma pequena cidade no Norte de Quebec, Canadá, e estudou no ramo de Animação 3D.

Como Supervisora de Animação para uma empresa de Efeitos Visuais, Kim trabalhou para grandes produções de Hollywood e permaneceu na área de animação por 14 anos. Desde então, ela se aposentou do mundo de Efeitos Visuais e se fixou no interior, onde escreve em tempo integral.

Para conhecer mais sobre a autora, por favor, visite: www.kimrichardsonbooks.com

www.facebook.com/KRAuthorPage